

MAURÍCIO GUERRA

Auto da Floripes

nas Neves e em Palme

BRAGA — 1982



Separata de «O Distrito de Braga», Vol. V, da 2.^a Série (IX) 1982

*Oferta do Autor
à Barcellos-Revista
R. Maurício Guerra
Barcelos, 12 de Julho de 1985*

O Auto da Floripes nas Neves e em Palme

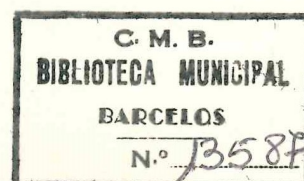
Por MAURÍCIO GUERRA

I. INTRODUÇÃO

Este estudo constará de quatro partes. A segunda — os textos de dois autos populares — é a mais importante. A primeira — introdução — apenas quer explicar o essencial para que os textos sejam compreendidos. Na terceira — músicas — publica-se material em geral inédito em ordem a futuras investigações. A bibliografia e as fotos completam o estudo.

Para este estudo interessa-nos o Auto da Floripes, representado no lugar das Neves, pertencente à freguesia de Mujães, Vila de Punhe e Barroselas (Capareiros), a 10 km da sede do concelho — Viana do Castelo e o Drama dos Doze Pares, representado em Palme, a 12 km. da sede do concelho — Barcelos.

Começamos por situar estes autos no conjunto mais vasto do teatro popular, todo ele versando o tema das guerras entre mouros e cristãos.



1. QUADRO

AUTO DOS TURCOS DE CRASTO	AUTO DE SANTO ANTÓNIO	AUTO DA FLORIPES	DRAMA DOS DOZE PARES DE FRANÇA	COMÉDIA DOS DOZE PARES
Ribeira-Ponte de Lima	Portela Susã-Viana	Neves-Viana	Palme-Barcelos	Argozelo-Vimioso
				Cronista
Escaramuça		Batalha inicial (extinta)		
Espionagem mímica	Espionagem mímica e falada			
	Apresentações	Apresentações	Apresentações	
Exortação ao combate		Exortação ao combate	Exortação ao combate	
	Despique no campo cristão			
	Pantomina			
	Intervenção da padéira			
Embaixadas com discussão religiosa	Embaixadas			
	Pantomina			
	Desafio dos Turcos	Desafio dos Turcos	Desafio dos Turcos	Desafio dos Turcos
	Exortação ao combate			
		Resposta dos cristãos	Resposta dos cristãos	Resposta dos cristãos
	Discussão pessoal e religiosa	Discussão pessoal e religiosa	Discussão pessoal e religiosa	Discussão pessoal e religiosa
		Prisões	Prisões	Prisões
			Baptismo de Ferrabrás	Baptismo de Ferrabrás
Espionagem falada		Embaixadas	Embaixadas	
		Prisões	Prisões	
		Traição da Floripes	Traição da Floripes	Traição da Floripes
				Embaixadas
				Batalha
		Desafio dos reis	Desafio dos reis	Desafio dos reis
Batalha dançada	Batalha	Batalha	Batalha	Batalha
	Pantomina			
Intervenção do Anjo e Eremita	Intervenção e batalha do Anjo			
Baptismo dos turcos	Baptismo		Baptismo dos turcos pelo Anjo	
Louvores ao S.or da Cruz	Louvores a Santo António	Louvores a N.ª S.ª das Neves	Louvores a Santo António ou S. Sebastião	
	Danças	Danças	Danças	
				Casamento de Floripes
				Morte dos Doze Pares

SINÓPTICO

AUTO DO MOURO E DO CRISTÃO	DESCOBERTA DA MOURA	BAILE DOS TURCOS	COMÉDIA DE MOUROS E PORTUGUESES	DANÇA DOS BUGIÓS E MOURISQUEIROS	DANÇA DOS PEDREIROS
<i>Franqueira - Galiza</i>	<i>Vale Formoso - Covilhã</i>	<i>Penafiel</i>	<i>Pechão - Olhão</i>	<i>Sobrado - Valongo</i>	<i>Penamaior - Paços de Ferreira</i>
Danças	Danças			Danças	
					Despique
				Pantominas	Pantominas
	Descoberta da moura encantada				
	Rapto da moura	Prisão da Rainha			Prisão do Mestre
		Intervenção de S. Jorge		Batalha	Libertação
	Embaixadas	Embaixadas		Embaixadas	
					Despique
Discussão religiosa		Discussão religiosa	Conflito		
Batalha	Batalha	Batalha	Batalha		
Conversão do mouro		Anjo liberta a Rainha		Intervenção da Serpe salvadora	
Continuação da procissão					
		Danças		Danças	Danças

Por este quadro comparativo se pode ver a variedade de autos, desde os mais simples aos mais complicados. Exposto doutra forma, fazendo uma espécie de genealogia, resultaria o seguinte (1):

- a) *Dança dos Pauliteiros* — Miranda do Douro — uma dança guerreira.
- b) *Dança do Rei David*, Braga — dança de mouros na procissão do *Corpus Christi*.
- c) *Dança dos Pedreiros*, Penamajor — Paços de Ferreira — cantos, desafios e danças.
- d) *Dança dos Bugios e Mourisqueiros* — enredo, batalhas e danças.
- e) *Auto da Floripes* — canto, enredo, batalhas e danças. A este equivale o de Palme, Crasto e Portela Susã.

Neste movimento das danças para os autos o nó central é constituído, portanto, pela *alínea c e d*, que são já dois autós em embrião. Os autos de que nos ocuparemos são pois estruturas complexas que supõem uma longa história atrás de si.

2. O AUTO DA FLORIPES

Duas referências

Como se poderá ver, consultando a *bibliografia*, o Auto da Floripes foi objecto de numerosas referências e estudos. Por regra tratou-se de forasteiros que não investigaram nada em profundidade. Com isto não queremos tirar-lhes mérito. Fizeram o que puderam.

Logo a primeira referência à representação (2) fala duma batalha travada entre o campo cristão e o turco antes de subirem ao estrado. Os meus informadores, apesar de nascidos no século passado não recordam este pormenor. Terá ele existido? Ao que sei a entrada era feita a cavalo, ao som da contradança. Como os cavalos não sabiam dançar, os comediantes acompanhavam o ritmo da música com o bater dos jaezes das cavalgaduras. Será que esta dança foi considerada uma batalha?

A descrição do auto feita por R. Gallop (3), além doutras incorrecções, tem uma que me fez pensar. Diz ele que Oliveiros (cristão) rapta Floripes (turca) e casa com ela. Não é isto que acontece no auto. O que acontece é que Floripes liberta Oliveiros do cativeiro e casa com outro cavaleiro cristão. No entanto, pergunto-me se a estrutura do auto, sobretudo quando ele não estava ligado à prosa extraída da *História do Imperador Carlos Magno*, não exigiria mesmo que Floripes casasse com Oliveiros. Os indícios favoráveis são:

— Ferrabrás (irmão de Floripes) promete a Oliveiros casá-lo com Floripes se ele se fizesse mouro;

(1) Na bibliografia daremos informações para quem quiser aprofundar o conhecimento destes autos.

(2) Sampaio e Matos, *Almanach de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1860*, p. 370.

(3) R. Gallop, *Portugal a Book of Folk-Ways*, Ed. University Press, Cambridge, 1936, p. 178.

- Floripes quando liberta os cristãos começa por falar para Oliveiros;
- Depois de libertados os cristãos Floripes e Oliveiros vêm lado a lado para o campo dos cristãos;
- Durante as danças Floripes tem como par Oliveiros.

De Leandro Q. Neves ao texto actual

Depois de Cláudio Basto quem mais contribuiu para o conhecimento do Auto foi o notável investigador das coisas regionais Leandro Quintas Neves.

Natural e residente no lugar recolheu o auto duma ponta à outra.

Começa por dizer que o campo cristão é constituído por quinze elementos, mas não diz quem são. Como actualmente ele é constituído por doze elementos, quem eram os outros três? As informações de que disponho apontam para oito soldados, um porta-bandeira e três chefes.

A música cantada durante o auto, segundo a transcrição publicada pelo mesmo autor, também me informaram de que não correspondia à realidade. Sobre este ponto veja-se o comentário publicado a seguir às músicas e compare-se com a melodia hoje utilizada.

A publicação da sua recolha do Auto da Floripes em edição da Comissão de Festas das Neves é a mesma que fora publicada na revista *Vértice*, com dois melhoramentos. O primeiro na fala de Oliveiros a Carlos Magno (p. 17 desta revista):

«(O mesmo a Carlos Magno):

- Senhor eu vos rogo por mercê do meu passado, que me deixeis ir combater o turco pois que tanto tem chamado.

CARLOS MAGNO (a Oliveiros): — «Oliveiros, cavaleiro amigo, tal mercê vos não concedo porque estais mal tratado e ferido». O segundo na p. 21: «te hei-de matar, ferir ou prender».

Se eu publico outro texto do Auto de Floripes, perguntar-se-á que relação tem com o anterior.

Q. Neves recolheu o auto em 1948 ou pouco antes (4), actualmente o auto é diferente. Trinta anos se passaram. Se o texto de Q. Neves parece completo a descrição de vários passos do auto é escassa. Acontece que Q. Neves recolheu o auto por informações, textos e reunião dos actores em sua casa onde escrevia e gravava os papéis que aí declamavam separadamente.

As diferenças em relação ao seu texto vieram por vários caminhos:

- é provável que Q. Neves tenha abreviado algumas partes e tenha escolhido o que achou melhor do material que lhe transmitiam;

(4) Veja-se a nota 18 do seu texto; o artigo de A. Costa na *Vértice*, 8, 1949, pp. 147-153; e o artigo de A. M. Guerreiro na *Revista de Etnografia*, 16, 1972, pp. 139.

- se havia várias tradições ou variantes pode ter conhecido só parte delas;
- os próprios actores introduzem variações no texto do auto.

Analisemos as diferenças, sabendo que são significativas, embora não alterem o essencial.

- a) No despique inicial cada par de soldados canta a sua cantiga, a que o rei responde. Q. Neves só tem duas cantigas de cada lado. Faltam portanto oito cantigas. A comparação com Palme mostra que o texto actual é o melhor e portanto mais antigo.
- b) No início do seu papel Ferrabrás canta três cantigas. Também têm o seu paralelo em Palme, logo devem ser autênticas.
- c) A discussão no campo cristão sobre quem lutaria com Ferrabrás está em prosa extraída da *História do Imperador Carlos Magno*. Trata-se duma alteração introduzida há poucos anos. A alteração mais recente nesta secção foi a que introduziu os papéis de Urgel e de Richard e aumentou o de Roldão, bem como as respectivas falas de Carlos Magno. O texto de Q. Neves é muito superior e anterior: é em verso e é popular.
- d) A discussão entre Oliveiros e Ferrabrás é quase igual nos dois textos. Onde se afastam, o texto actual é mais próximo do de Palme.
- e) As embaixadas também são quase iguais. O texto actual regista melhor os vários matizes, as liberdades dos actores e é mais pormenorizado.
- f) A intervenção de Floripes actualmente está aumentada com algum texto em prosa, de introdução recente, extraído da mesma *História*. Isto fez com que duas quadras que eram cantadas passassem a faladas. Neste ponto mais uma vez a comparação com Palme pode ser útil. Por ela se vê que esta parte teve várias flutuações, talvez provocadas pelo conflito entre a invenção popular e o seguimento da referida *História*.
- g) Os desafios entre as batalhas finais estão abreviadíssimos em Q. Neves. Mais uma vez Palme favorece o nosso texto.
- h) Os cantos finais aparecem também em mais quantidade. Aqui Palme é neutral.

Em conclusão, o nosso texto é muito mais longo e salvo duas excepções, introduzidas recentemente, é-o no material em verso, retintamente popular. Acrescido isto do apoio que lhe dá o texto de Palme. Sobre o texto de L. Q. Nevês acrescente-se que foi usado pelo ensaiador durante cerca de uma década e que mesmo assim a diferença entre o texto publicado e a representação persistiu até aos nossos dias.

As Neves.

O lugar das Neves pertence a freguesias existentes pelo menos desde o século XII e XIII ⁽⁵⁾. Actualmente é um lugar muito povoado. Situado em terre-

⁽⁵⁾ Cfr. Avelino de Jesus Costa, *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga*, vol. II, Coimbra, 1959, pp. 124-125.

nos férteis, no vale do Neiva. A sua população hoje dedica-se à agricultura (muito menos que noutros tempos), pecuária, indústria de confecções e pequeno comércio. Tem uma população estudantil numerosa.

Para aclarar alguns pontos sobre o auto conversei com várias pessoas, entre as quais o Senhor Manuel Costa Pereira que ouvira um actor, nascido por volta de 1890, o «Guerrinha», falar da dança antes de entrar no palanque. Também o Senhor Joaquim Frutuoso, actor desde há 16 anos me informou do auto, confirmando geralmente o Sr. José Pereira. Este grande comediante nascido em 1889 e actor desde os 18 aos 80 anos recordou ainda a vinda do Sr. Joaquim Sá de Palme, (de quem adiante falaremos) fazer o papel de Ferrabrás, quando ele era Oliveiros. Nos parágrafos seguintes vão transcritas algumas «memórias» do «Pereirinha».

O Sr. Pereira diz que representou 46 anos. Isto significa que em 63 anos será esse o número de representações que se efectuaram. Em tempos passados os actores vinham a cavalo. Só os soldados cristãos não tinham esse privilégio. Floripes também entrava a cavalo. A indumentária era mais artesanal: as calças apertavam no joelho com um laço, os turcos usavam umas saias (por isso Floripes não podia ser mulher, porque tinha vergonha de estar no alto do palanque!); usavam chapéus de palha; pediam espadas verdadeiras ao exército e os que levavam espada usavam escudos, feitos de lata, na mão esquerda.

Tinha um livro com a história de Carlos Magno, trazido do Brasil. Era por ele que estudava o seu papel — Oliveiros e foi dele que tirou algumas falas para o Auto: as de Oliveiros, Guarim e Carlos Magno, antes da batalha com Ferrabrás e as de Oliveiros com Floripes. O diálogo de Oliveiros com Ferrabrás também o estudou pelo mesmo livro. Conhecia outras *histórias* que não eram tão completas, como a que ele possuía.

Sempre cantaram, ao princípio, os quatro pares de soldados de cada campo. Floripes tinha papel falado e cantado. Quando fez o papel de Guarim recorda-se que Brutamontes lhe dava rapé e espirrava fortemente, Brutamontes fugia e ele perseguia-o. No fim do Auto, quando «faziam a romaria», os cristãos esperavam os turcos. Oliveiros e Guarim atacavam os turcos, os cristãos descarregavam as espingardas sobre eles e depois retiravam-se indo os turcos «fazer a sua romaria». Lembra-se de Guarim responder a Oliveiros quando este lhe comunicava que iriam dar batalha a Ferrabrás:

Ó Nossa Senhora das Neves,
me queirais ajudar,
para com os turcos batalhar
e a batalha lhes ganhar.

Fez substituir esta quadra pelo texto da *História do Imperador Carlos Magno*. Quem fez de Oliveiros antes dele cantava esta quadra:

Alevanta-te daí turco
E anda pelear comigo,
Porque senão eu mato-te
E morres como vilão aí estendido.

O Sr. Pereira acabou com a quadra para adoptar o texto do seu livro. Anoto aqui que este meu informador achava melhor o seu livro que o texto popular em verso. Interessava-lhe ser fiel ao livro. Esta mentalidade pode ver-se em muitos outros testemunhos de entrevistas com actores do auto.

Por fim assegurou que no fim do auto se cantavam quatro quadras. Disse-me uma que há pouco se cantava, mas que não foi usada nos últimos anos:

Dêmos fim a este baile,
Como Maio às flores.
Por estes erros tão grandes
Perdoem-nos meus senhores.

Das declarações do Sr. Pereira ressalta que o texto actual corresponde ao antigo, salvo o que se introduziu da prosa da referida *História*. Comparando com o texto de Palme vê-se que as suas recordações aproximam ainda mais os dois autos.

Tradição e inovação

Além das mencionadas interferências da prosa no verso popular do auto, aliás na linha da interferência mais antiga que é o longo diálogo entre Ferrabrás e Oliveiros, que poderiam aceitar-se se não fora deitarem fora o que é criação popular, outras alterações se vêm introduzindo no auto.

— A passagem do papel de Floripes para uma rapariga correspondeu ao desejo de ser fiel ao texto da *História*. Além disso representa uma mudança na mentalidade popular. Com efeito, as comédias nem sempre primavam pela moralidade e delicadeza na fala, por isso eram consideradas impróprias para mulheres. Por outra parte as danças guerreiras eram exclusivas dos homens, mas a ligação entre o teatro e essas danças perdeu-se na mente popular.

— Os microfones introduziram pequenas alterações na movimentação dos personagens. Trata-se dum problema extrínseco, mas com a sua importância. Acontece que o público pouco percebe do que se diz no palanque...

— Os soldados cristãos usavam espingardas. Desde há 15 anos começaram a usar espadas porque «naquele tempo não havia espingardas». Estamos perante uma interferência dos eruditos nas coisas populares. Além de provocar incoerências no texto (agora corrigidas) a alteração tira muita animação ao auto. Seria bom regressar ao costume original.

— Quando Ferrabrás aguardava resposta ao seu desafio alguma moça ou mulher estendia no estrado umas colchas e almofadas onde se deitava. Este costume também seria bom retomá-lo, já que nos últimos anos foi abandonado.

— O pôr duas prisões, uma para turcos outra para cristãos, não é má ideia, já o mesmo não dizemos de pôr cenários. O cenário no teatro popular é o povo rodeando o palanque por todos os lados.

— Antigamente, no despique inicial os dois campos cantavam simultaneamente quadras diferentes. Isso acabou porque resultava muito confuso.

3. DRAMA DOS DOZE PARES

Informações

Como o auto das Neves também é designado por Auto da Floripes. Prefiro designar este auto de Palme por Drama dos Doze Pares, já que assim se distingue do das Neves e se trata duma designação popular. As referências ao Auto podem considerar-se nulas. Nem sequer é mencionada a sua existência, que eu saiba, antes de 1978.

Em duas visitas a Palme recolhi os dois textos que publico e mais algumas informações complementares que passo a enumerar. St.º André de Palme é uma freguesia do concelho de Barcelos. Dista 12 km da sede do concelho e cerca de 10 km das Neves. Geograficamente está situada no vale do Neiva. Freguesia rural que em 1970 tinha 968 habitantes e 234 fogos, aparece documentada desde o séc. XIII. e em cabeça de couto nas Inquirições de 1290 (6).

As informações recolhidas em Palme foram dadas pelos senhores António Benfeito, Oliveiros nos últimos dois anos, que teve a bondade de me ceder as fotos; Manuel Faria, Roldão, que cantou a música do auto; e por João Francisco de Sá, nascido em 1883, que foi Ferrabrás desde 1923 a 1950 e que representou desde 1908 no auto. Foi ele também que me cedeu o *texto A*, adiante publicado.

Começando pelo princípio, eis as informações mais interessantes que completam o manancial dos textos do auto.

Entre 1908 e 1950 o auto representava-se mais ou menos de dois em dois anos. A partir daquela data só se representou em 1975 e 1977. Podia ser na festa de S. António ou de S. Sebastião. Os versos que aludiam ao santo modificavam-se conforme a festa.

O auto durava duas horas e meia. Os comediantes dirigiam-se em duas filas para o local da representação. Durante a marcha Oliveiros destacava-se e vinha «avisar» ao estrado que a representação estava para começar e regressava junto da formatura. Os cristãos vinham à frente e os turcos logo a seguir. Atrás a banda de músicos tocando a «contradança dos cristãos» do Auto da Floripes. Todos os actores, mesmo Floripes, vinham na formatura, embora tenha havido um ano em que Floripes fez a sua entrada de carro com Brutamontes, logo no início do auto. A melodia com que cantavam era usada no esquema A-B-C-D, de modo que não repetiam nunca nenhum verso.

Do texto e respectivos manuscritos falarei adiante. Aqui, apenas foco os pontos omissos.

Ferrabrás não usa um tom de voz especial como nas Neves. Quando se deita, uma moça põe-lhe colchas no estrado. Brutamontes tem liberdade de inventar para além do papel que lhe está fixado.

O baptismo dos turcos é feito a todos depois de terminadas as batalhas. Exceptua-se Ferrabrás que já fora baptizado. Não é um baptismo de água mas apenas uma bênção do Anjo.

(6) Cfr. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (Verbo)*, s. v. «Palme».

O modo de dançar, ao que me explicaram é muito semelhante ao das Neves e Portela Susã. Apenas se nota que a perna que sobe no ar, dobra mais pelo joelho e aponta para o lado contrário cruzando com o joelho dessa perna. A movimentação da dança não tem os movimentos das Neves nem de Portela Susã. Os actores dispõem-se em duas filas ao longo do palanque, cristãos dum lado, turcos doutro, e aproximam-se, dançando ao som da «contradança dos turcos» do Auto de Floripes. Batem todos com a palma da mão levantada na do par oposto. Recuam para o mesmo sítio. Repetem o movimento voltando a recuar. À terceira vez que se defrontam trespassam as filas, trocando de posições. Repetem estes movimentos até retomarem as posições iniciais. As danças assim descritas fazem lembrar o Auto dos Turcos de Crasto, na Ribeira — Ponte de Lima (7).

Quando cantam os versos finais a movimentação é semelhante à das Neves. No momento próprio acenam com os lenços a despedirem-se. Algumas indicações dos textos fazem lembrar movimentos do Auto de Santo António e mesmo a nível de texto será útil uma comparação entre os dois autos.

Trajos

As vestimentas em 1977 foram arranjadas pelos actores ou alugadas.

O campo cristão abre com Oliveiros. Traz uma lança com fitas na ponta. Usa chapéu com penas, luvas brancas, capa verde com cruz vermelha nas costas, faixa cruzada, amarela e verde, espada embainhada, calças castanhas e caneleiras. O rei cristão vem à frente da fila esquerda dos soldados. Traz elmo e espada, manto castanho, casaco e calças da mesma cor, estas em fole até ao joelho, meias pretas. Guarim vem do outro lado, de espada e farda da *GNR* e botas. Os soldados cristãos em duas filas usam farda de carteiro cinzenta, capacete de bombeiro e espingarda.

Ao meio, o Porta-Bandeira com uma bandeira verde e branca e o homem do tambor de roupa azul e chapéu enfeitado com penas. Roldão é o primeiro da fila esquerda. Distingue-se pelo penacho no capacete e por uma faixa vermelha cruzada. Todos os soldados trazem espada embainhada, cartucheira à cinta e usam os sapatos «do-dia-a-dia». O Anjo traz um manto vermelho sobre túnica branca.

O campo turco segue imediatamente os soldados cristãos. É chefiado pelo Rei Turco, de espada, manto e calças vermelhas. A seu lado Floripes de vestido preto comprido e véu branco. Este papel em 1975 e 1977 começou a ser representado por uma moça. Mais ao lado o Porta-Bandeira com o seu estandarte vermelho e branco, camisa floreada e calças amarelas. Depois Ferrabrás de casaco preto e calças em fole da mesma cor, chapéu preto de três bicos, meias pretas e espada. Brutamontes a seu lado de moca ao ombro, barrete de «campino», xaile amarelo e vermelho, calças azuis pelo joelho e meias brancas. Os oito sol-

(7) Estes mesmos movimentos são aí feitos em jeito de combate, durante a batalha. Em vez de baterem com a mão no par oposto batem com a espada no escudo. Cfr. J. R. de Araújo, «Auto dos Turcos de Crasto», em *Cardeal Saraiva*, n.ºs 2405-2428 (1971).

dados turcos, dispostos em duas filas, empunham a espada. Usam chapéu vermelho cilíndrico; camisa vermelha apertada à cinta; calças vermelhas apertadas junto às meias.

No conjunto diríamos: o ar marcial dos cristãos e o exótico dos turcos.

4. RELAÇÃO ENTRE OS DOIS AUTOS

Analisar a relação entre dois autos tão iguais e tão diferentes é assunto para especialistas. Da experiência das coisas apenas posso dizer que se trata do mesmo auto. Por qualquer motivo foi levado duma terra para outra, provavelmente por actores que mudaram de residência. Os autos evoluíram ligeiramente e geraram-se as diferenças que hoje se podem observar.

O facto de não haver memória do começo dos autos em cada terra e de ambos inserirem da mesma forma o texto da *História do Imperador Carlos Magno* de Nicolau Piemonte, mostra que esta inserção se verificou em época muito recuada. Pelas partes em que há duplicados de verso e prosa (exprimindo a mesma ideia) pode imaginar-se o que seria o episódio de Ferrabrás e Oliveiros quando era em verso. Talvez algo parecido com o que é o de Floripes: breve, simplificado, em prosa rimada.

A comparação entre os dois autos vem trazer novas luzes para melhor entender cada um deles. Se os compararmos temos de reconhecer que o de Palme se mostra mais cheio de pureza primitiva. Para isto terá contribuído o dispormos de manuscritos antigos de Palme, enquanto que nas Neves o auto é deixado mais à liberdade dos actores. E sabemos como este século foi carrasco para as coisas populares.

5. OS MANUSCRITOS DE PALME

Manuscrito A

O *manuscrito A* pertence a João Francisco de Sá, de quem falei acima, e que é o seu autor. Trata-se dum agricultor, amigo da leitura e do saber. O manuscrito tem 68 páginas e mais as capas que são do mesmo papel. Isto equivale a 36 folhas de papel liso, cosidas a fio. Cada página mede 16×11 cm. O caderno está escrito a preto com uma letra bonita. Tem data de 26 de Junho de 1924. Segundo o seu autor, foi copiado de vários papéis que juntou, pertencentes a outros actores. A parte de prosa foi extraída da *História do Imperador Carlos Magno*.

Procurei ser fiel ao texto. Apesar disso fiz algumas adaptações em ordem à sinopse e à melhor apresentação do material. O caderno a princípio foi escrito com largueza depois dá a impressão que o papel se fez pouco e o número de linhas foi elevado, não se dando intervalos entre as falas, mas pondo tudo seguido. Talvez por isso o autor viu-se no fim obrigado a acrescentar mais uma ou duas folhas e a passar as cantigas finais para a página 1 e 2.

Eu espacejei as falas, separei-as das anotações, abri parágrafos e dispus em forma de verso o que estava em forma de prosa. Os nomes dos personagens passei-os para maiúsculas. Depois de dois pontos (:) havia sempre um hífen (-:) Eliminei estes hifens. As abreviaturas pu-las por extenso, pondo em *itálico* a parte que falta. Acrescentei os dois pontos a seguir aos nomes dos personagens que falam. Tudo o que acrescentei ao texto vai em *itálico* e entre parêntesis.

O autor levava as falas com uma numeração, mas por causa de estar a copiar doutro livro que não a tinha, enganou-se e depois voltou atrás e corrigiu. A numeração antiga nota-se nalguns sítios. Não era igual à do manuscrito B. O manuscrito tem escritas em verso as seguintes quadras: todas as da página 3 à 10 (do manuscrito); a quadra do Rei Cristão na página 14: as cantigas da «contradança» na página 1 e 2. Podem reconhecer-se por terem o início de cada verso a começar por maiúsculas.

Além das entrelinhas e correcções assinaladas na transcrição estão entrelinhadas as seguintes palavras: pág. 21 — *hei-de* (na 5.^a linha); pág. 22 — *e embal-samado*; pág. 26 — *armas*; pág. 27 — *opostos ambos*; pág. 28 — *valentes*; pág. 29 — *pai*; pág. 32 — *deixêmos essas razões e vamos batalhar*; pág. 34 — *e pancadas*; pág. 35 — *em paz*; pág. 37 — *simples e*; pág. 37 — *mais*; pág. 39 — *nobre*; pág. 64 — *dos soldados*.

A numeração das páginas vai em nota, tal qual está no manuscrito. Ajuntei apenas um asterisco junto da primeira palavra de cada página.

Manuscrito B

Este manuscrito foi escrito por Manuel António de Sousa e Sá. Este senhor, que fazia o papel de Oliveiros, faleceu há três anos com mais de 70 anos. O manuscrito pertence à viúva. Foi escrito em 20 folhas de 29,5 × 19 cm de 25 linhas cada. O autor acrescentou-lhe mais algumas linhas em vermelho ao cimo. A terceira página está cortada a meio. A capa, o seu verso e a contracapa não estão numeradas. Assim o autor só numerou 37 páginas. Em cada folha virada à luz descobre-se os dizeres: *Almaço* e *Prado*. As folhas foram depois de escritas cosidas a fio. O autor separou-as a vermelho em dois rectângulos, dividindo a página em duas colunas. Por vezes dividiu as falas ou as explicações com traços horizontais da mesma cor. Tudo o que na transcrição vai em *itálico* está escrito a vermelho no original. O resto está escrito a azul.

Os dizeres da contracapa estão escritos em letra posterior mas do mesmo autor.

Enquanto o que é texto do auto está escrito com letra grande e legível, as explicações e anotações geralmente estão escritas a letra mais apertada e mais feia.

Na transcrição usei as mesmas regras do manuscrito anterior, mas fui mais literal. O que intercalei vai entre parêntesis rectos [] e em *itálico*. Geralmente pode descobrir-se onde começava a 2.^a coluna de cada página porque a primeira palavra começa por maiúscula.

Mostra mais sinais de ter sido manuseado posteriormente do que o *manuscrito A*. Está sujo, esborratado, rasgado e com sinais a lápis nos sítios onde começa a intervenção de algum personagem. Estes sinais a lápis podem ser da

altura em que foi escrita uma data na capa e apontam para os tempos da antepenúltima representação do auto.

O que no original aparecia em verso pode reconhecer-se pelo uso das maiúsculas no início de cada verso. Era o seguinte: todas as quadras da pág. 1 à 5, salvo uma da pág. 4 que vai literal; as quadras cantadas (com a sigla *C.*) da pág. 6; as falas de Galalão na pág. 27; as quadras cantadas (*C.*) (a partir de *Ó cavalheiros...*) na pág. 31 e 32; as falas dos reis nas págs. 32 e 33 (a partir de *Tente...*); as cinco falas de Guarim na pág. 36 (até *talheiro*); na pág. 36 e 37 a fala do Rei Cristão e seguintes (a partir de *Meus valorózos...*).

O autor do manuscrito foi o ensaiador do auto nos últimos dois anos, por outra parte o texto das cábulas dos actores foi o do *manuscrito A*. Assim os dois contribuíram para que a representação continuasse viva.

Relação entre os dois manuscritos

Este assunto só poderá ser resolvido por especialista em linguística e filologia. Pela minha parte aponto algumas pistas.

- O *manuscrito A* é de 1924. O *B* não se sabe.
- O *A* diz que copiou de vários papéis. Será verdade?
- O *B* não copiou de *A*. Não iria copiar um texto correcto pondo-o todo sem gramática.
- *B* teria copiado ou escreveu de experiência vivida? Há indícios de que estava a copiar nas diferentes grafias que adopta e na repetição completa de uma página.
- O facto de *B* variar tanto na grafia da mesma palavra pode ser indício de que não copiava.
- A escrita de *B* parece ser mais moderna e a de *A* mais arcaica.
- Teria *A* copiado de *B*? Podia copiar e melhorar o texto. Mas nesse caso porque omitiria algumas partes de *B*? Não se justificava.
- Então como explicar tantas concordâncias literais, sobretudo nos elementos não falados do auto?
- É provável que ambos se tenham servido de manuscritos anteriores, dos mesmos ou de cópias dos mesmos, bastante longos ou abrangendo só um actor e daí advenham as grandes coincidências dos dois textos.

6. AUTO DA FLORIPES — DESCRIÇÕES PRELIMINARES

Metodologia da recolha

A recolha que apresento foi efectuada a partir da gravação, nos dias 5 de Agosto de 1978, 1979 e 1980, da representação do auto nas Neves. O texto e os actores foram quase sempre os mesmos. As variantes de interesse vão anotadas entre parêntesis, algumas com o ano em que se disseram ou fizeram.

Antes assistira ao auto em 1972 e 1976. Para esclarecer alguns pontos duvidosos consultei as pessoas das Neves atrás referidas. Os erros e os enganos dos

actores não foram de molde a criar grandes complicações. Tudo se resolveu pela comparação das gravações.

Neste auto, assim também nos manuscritos anteriores de Palme, o que vai em prosa é extraído da *História do Imperador Carlos Magno* de Nicolau Piemonte. Exceptuam-se as ordens de armas. Há várias versões da referida história, algumas mais breves como p. ex. a adaptação de Salvador Saboya. Será interessante ver como nas várias colunas por vezes a História é tratada de diferentes formas, relacionando esse facto com as várias edições. Também tem interesse comparar o auto sem essa prosa com os outros autos populares, sobretudo o de St.º António. As semelhanças estruturais e literárias passam a ser mais evidentes.

O papel de Oliveiros vai ilustrar o que dissemos. Com efeito em 1978 e 1979 o Sr. Pereira disse este papel como o vem fazendo há muitos anos. Ele estudava-o pelo livro que possuía. O que ele diz, porém, não é inteiramente igual ao que está na publicação de Q. Neves. Pelo contrário "Ferrabrás" estudou o seu papel pela referida publicação e di-lo tal qual (salvo alguma pequena excepção para se adaptar ao de Oliveiros). Em 1980 o papel de Oliveiros mudou de actor. Este estudou-o e disse-o segundo o texto de Q. Neves. Por isso eu tive em conta apenas o dos dois anos anteriores, por me parecer de mais valor, já que o de 1980 se acha publicado. Não se estranhe que o anterior (78 e 79) seja mais semelhante a Palme que o actual (80).

Procurei ser fiel ao texto dito pelos actores, conservando, por isso, os seus «erros gramaticais». Nos nomes próprios optei pela forma erudita: Richard pronuncia-se *richarde*; Guarim-*gurim*; Ferrabrás-*farrabrás* ou *ferrabrás*; Danois-*danuá*; Regnier-*regueniér*; Gui de Borgonha-*gui de vergôonha*; Floripes-*feloripes*. As partes cantadas podem identificar-se facilmente pela letra maiúscula no início de cada verso.

Duração do Auto

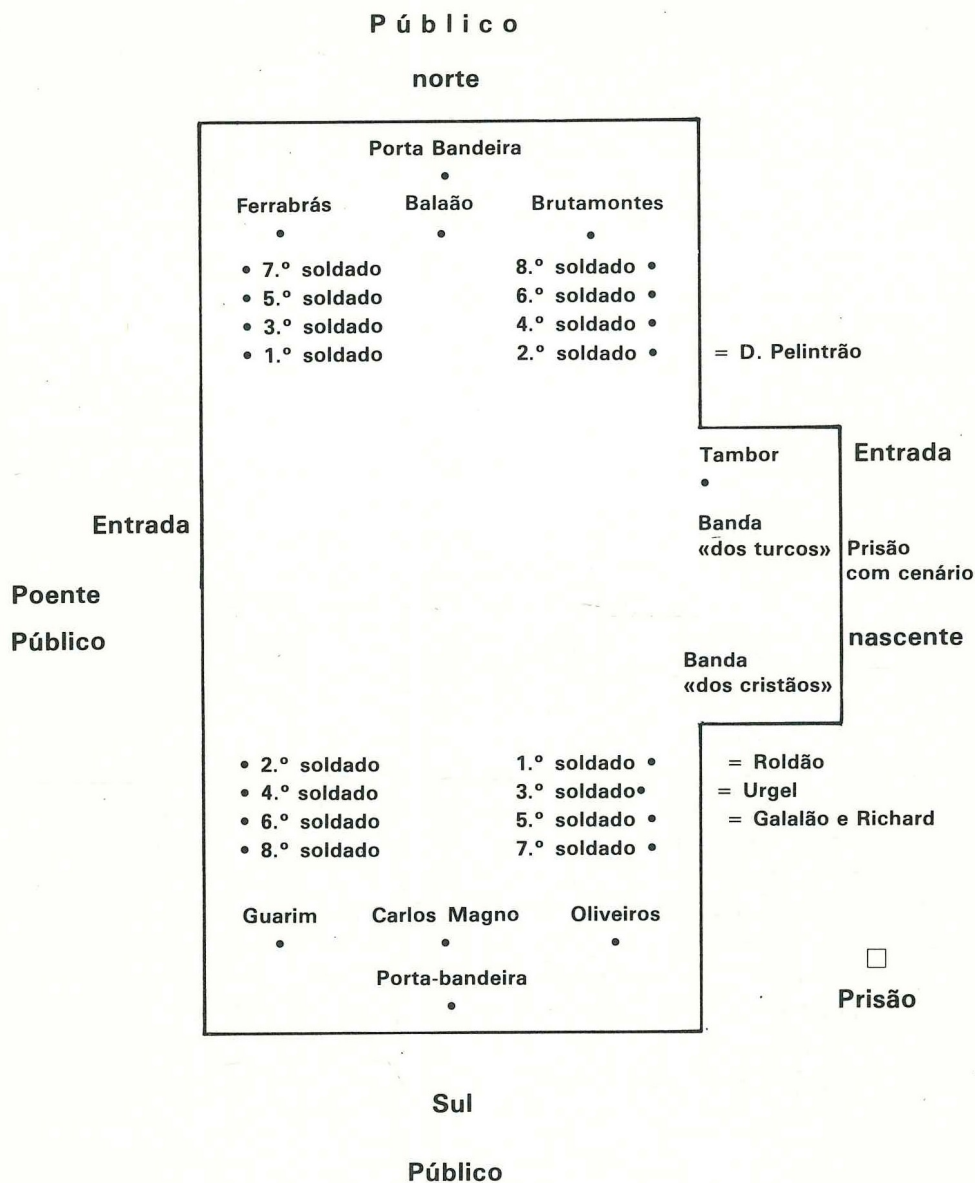
Em 1978 o auto demorou 1 hora e 57 minutos, em 1979 1 hora e 45 minutos. Em 1980 1 hora e 48 minutos. É desta representação que passo a discriminar:

1. Entradas	8'
2. Desafios	13'
3. Envio de Ferrabrás e desafio	4'
4. Resposta dos cristãos	6'
5. Desafio Oliveiros-Ferrabrás até à derrota deste	24'
6. Batalha e prisão de Oliveiros e ida de Ferrabrás para o campo cristão	7'
7. Embaixadas	9'
8. Intervenção de Floripes	10'
9. Desafio e batalhas	15'
10. Cantos finais	4'
11. Danças	3'
12. Saída	5'

Totaliza isto 108 minutos. Note-se que os cantos e as danças finais são alternadas. A representação iniciou-se às 17 horas e 53 minutos e terminou às 19 horas e 41 minutos.

Intervenientes

Disposição dos intervenientes no palanque:



Note-se que o 5.º soldado representa dois papéis.

O palanque está a meio metro de altura e mede uns vinte metros por 3 de largura. Ao centro tem um prolongamento (6 × 3 m) em parte vazio, em parte ocupado pelas bandas, terminando por um cenário com a fachada de uma prisão. No enfiamento do extremo sul está um cubículo de pano para onde são levados os turcos presos.

Trajos

CARLOS MAGNO (ou REI CRISTÃO) traz uma espada curva e coroa. Usa manto verde, túnica até meio da perna, com decorações douradas. OLIVEIROS traz uma lança com fitas, elmo com penacho, manto rosa, túnica branca até ao joelho e faixa à cinta. GUARIM traz espada, elmo com penacho, manto azul e veste branca como os soldados. O PORTA-BANDEIRA cristão usa elmo, espada, veste branca, manto verde e traz uma bandeira branca com cruz azul. Os SOLDADOS trazem lança curta na mão. Usam veste branca com cruz azul no peito, cota de malha até aos joelhos, por baixo da veste e com capuz na cabeça. Só o 1.º soldado se distingue dos demais por uma faixa à cinta e outra cruzada ao peito, ambas cor de rosa.

Todos usam sandálias com correias, atando na perna. Todas as armas são de madeira pintada. No campo cristão predominam o verde, azul e branco. Os actores em geral são jovens, sobretudo os soldados.

BALÃO (ou REI TURCO) traz espada curva, chapéu de três bicos, cabeleira, manto e veste verdes com decorações, calças brancas. FERRABRÁS traz espada curva, elmo, cabeleira, manto vermelho, camisa fechada amarela, calças brancas. BRUTAMONTES traz uma cacheira ou moca com uma cabeça humana esculpida na ponta, usa barrete vermelho, barbas, manto vermelho, camisa azul, calças amarelas e vermelhas. À cinta uma chave de madeira e uma cabaça. FLORIPES usa véu amarelo transparente, cobrindo o rosto, vestido comprido azul, cabelo comprido, «maquillage» moderna, um cordão de ouro emoldurando o rosto e pendendo para o peito. O PORTA-BANDEIRA turco usa manto vermelho, bandeira da mesma cor com uma meia lua, espada na mão. Os SOLDADOS turcos trazem espada, chapéu cilíndrico vermelho com a meia lua desenhada, manto amarelo, camisa vermelha e azul, calças em fole vermelhas, meias brancas. Todos trazem bigode e usam sapatos vulgares, e alguns relógio e óculos. As armas são de madeira pintada.

No campo turco predomina o amarelo e vermelho. Os actores tendem mais para a meia idade.

O TOCADOR DO TAMBOR não tem veste especial. As bandas de música acompanham cada uma o seu campo.

Responde Galatão: - Real Senhor, aqui es-
tão prisioneiro; eu dava-lhe de parecer, que
mandasse a Oliveiros: - Diz o Rei Christão: -
Galatão; Galatão; tu sempre tens más entra-
nhas, como te tenho dito outras vezes, e pelo que
me diges, hei para ir Oliveiros à batalha, pro-
rem se mover si ella, pagará's tu com a vida,
e toda a tua parentalia: - E torna a dizer o
Rei Christão: - Pois já que os meus vassallos
me não querem despigar, vou por os pares em
campo, e vou tirar as armas, a quem me quer
afrontar: - (Sahida de Oliveiros para o
Campo: - Canta o Rei Christão: -
{ Vai Oliveiros para o Campo,
Com a lanca do Senhor.
Vence todas as guerras,
D'esto ficarás vencedor. }

(O Rei Christão, acclamando
de cantos esta quadra, tira
uma luva, e a dá a Oliveiros)

II. TEXTOS

Drama dos Doze Pares

TEXTO A — JOÃO SÁ

(Capa)

Estatuto do Drama dos
doze pares de França.
ou a
representação da guerra
de
Carlos Magno, contra
os
infieis turcos---

Palme,

26 de Junho de 1924.

(Verso da capa)

Ha de servir este livro, para por
elle se representar o Drama
dos doze pares de França---

Está este livro numerado com
68 páginas.

Está conforme o Original.

---Palme---

* Nota dos representantes do Drama dos doze pares de França.

1.º — Rei Christão — 2.º Oliveiros — 3.º Guarim — 4.º — Porta-Bandeira, e 8 soldados — Estes são os christãos — dois soldados christãos, tem os nomes seguintes: um é Roldão, e o outro é Galalão; são os que levam as embaixadas dos christãos; e um outro, tem o nome de Gui de Borgonha.

Os turcos são os seguintes:

1.º Rei turco — 2.º Ferrabraz — 3.º Felloripes — 4.º Brotamontes — 5.º

* Pagina 68 — folhas 34.

TEXTO B — SOUSA E SÁ

[A capa está em branco, salvo esta
frase escrita a lápis e que mal se lê:]

Rec em 9 Abril 1951

A Pereira

[Verso da capa]

A gente que representa é esta

Os christão,

1.º Rei christão 2.º Oliveiros 3.º Goarim 4.º Porta Bandeira — e 8 soldados

os primeiros dois da frente se chamão Roldão e seu companheiro Guis de Vergonha Segundos Galalão e seu companheiro terceiros e quartos são os que prendem Farabraz

Os turcos são estes

1.º Rei turco 2.º Ferrabraz 3.º Felloripes 4.º Brotamontes 5.º Porta Ban-

II. TEXTOS

Auto da Floripes

Descrição e texto

A partida dos comediantes é assinalada com alguns foguetes. Dali a minutos chegam ao terreiro. Vêm pela estrada, do lado nascente, o campo cristão com Carlos Magno à frente, Oliveiros à direita e Guarim à esquerda. Seguem-nos os soldados em duas filas, fechando a marcha o Porta-Bandeira. Atrás uma filarmónica tocando a contradança «dos cristãos» (ver no fim a melodia). Vêm pelo lado, junto das bancadas e entram pela frente do tablado. Os soldados colocam-se nos seus postos depois de uma volta.

CARLOS MAGNO:

Alargar fileiras!

Os soldados alargam o espaço entre as duas alas e Carlos Magno, Oliveiros e Guarim recuam para trás das filas. Durante a entrada e instalação Carlos Magno vai dando ordens adequadas: rodar à direita, rodar à esquerda... Todos vinham em passo de dança, que termina quando atingem os seus postos definitivos e a banda deixa de tocar.

CARLOS MAGNO:

Descançar lanças!

Alguns minutos depois surge, do lado poente, o campo turco. Balaão, com Ferrabrás à sua direita, vem à frente dos seus soldados, atrás o Porta-Bandeira e Brutamontes (este desloca-se livremente). Circundam a frente do palanque e vão entrar pelo fundo, seguidos da banda de música que executa a contradança «dos turcos». Quando chegam junto do estrado Oliveiros e Guarim vêm ao centro deste, dançando, em atitude de desafio. Depois de darem a volta os soldados ficam nos seus postos e Balaão, que vem dando as mesmas ordens que Carlos Magno, recua ao seu extremo acompanhado de Ferrabrás. Pára a música, pára a dança e os músicos sentam-se. Como acontecerá durante toda a representação Brutamontes movimenta-se livremente, sem, no entanto, se aventurar pelo meio do campo cristão. Solta imprecações, ameaça, aprova, desaprova, sempre por meio de pequenas frases, por vezes não entendidas pelos espectadores.

Toma agora lugar o homem da caixa, que fará rufar o seu tambor sempre que alguém toma atitudes agressivas.

CARLOS MAGNO:

Soldados cristãos... ombro lanças!

As partes cantadas deste Auto usam todas a mesma melodia, que transcrevemos no fim.

Porta-bandeira, e 8 soldados; e dois soldados turcos, também tem os nomes seguintes:

um é D. Pelitam, que leva a embaixada dos turcos; e o outro é Capitão Burlantes, Conselheiro do Rei turco — Fim —

* Principio do Drama dos doze pares de França: (ou a representação da guerra de Carlos Magno)

Principio — Principiando pelo Rei Christão —

Cantigas do Rei Christão e dos Soldados

REI:

Eu sou um nobre rei Christão,
Tenho grande valletia.
Hei-de fazer baptizar,
Todo o povo da Turquia.

REI:

Vinde cá ó meus vassallos,
Todos com muita allegria.
Festejar a S.to Antonio,
Aqui hoje n'este dia.

* 3.

deira e 8 soldados primeira linha tem o nome de D. pelitão e seu companheiro segunda linha tem o nome de capitão Burlantes consilheiro do rei terceira linha quarta linha são os que prendem Oliveiros

A mais outro que é o que tóca a caixa e particular

Fim

Souza e Sa

* PAPEL de Rei christão

Rei canta 1.^a

Eu sou o nobre rei christão
Tenho grande Valentia
Hei de fazer baptizar
Todo o povo da Torquia

Rei 2.^a

Vinde cá ó meus vassállos
Tôdos com muita alegria
Festijar a S. Sebastiao
Aqui hoje neste dia

* pagina 1.^a

CARLOS MAGNO:

Sou o nobre rei cristão
Destas terras generoso.
Venço todas as batalhas
Com meu braço esforçoso.

Vinde cá ó meus vassalos,
Com prazer e alegria,
Defender o nosso reino,
Aqui, hoje, neste dia.

Todos os personagens cantam com o esquema A-B-C-D. Exceptuam-se os soldados cristãos e turcos e as quadras finais do Auto, em que se repete o 3.º e 4.º verso, segundo o esquema: A-B-C-D-C-D.

Os soldados cristãos avançam um pouco e viram por dentro dirigindo-se para o seu rei, a quem saúdam. Viram por fora e chegados aos seus lugares repetem o movimento, cantando.

A

SOLDADOS cantam todos em fila:

El-rei meu senhor nós vimos,
Aqui todos reverentes.
Conseguir nossas vontades,
Humildes e obdientes.

* REI:

Meus vallerosos vassalos,
Não tenhais que duvidar.
Que o S.to Antonio Portuguez,
Hoje nos á de ajudar.

SOLDADOS (1.^{os}):

El-rei meu senhor não tema,
Que não é para temêr.
Aqui temos pólvora e balas,
Para os turcos vencêr.

REI:

Eu sou um nobre rei Christão,
De terra mui generôso.
Hei-de vencer a batalha,
Com o meu braço esforçoso.

SOLDADOS (2.^{os}):

El-rei meu senhor não tema,
N'em tenha que duvidar.
Que o milagrôso S.to Antonio,
Aqui nos á de ajudar.

* REI:

Meus valerosos vassalos,
Não temais o inimigo.
Que á força das nossas armas,
Tudo á de sêr vencido.

* 4 — Cantigas
* 5 — Cantigas

B

Soldados cantam todos Birados áo Rei

El-rei meu senhor nós vimos
Aqui todos reverentes
Conseguir nossas vontades
Humildes e obdientes.

Rei

3.^a

Meus valerosos vassálos
Não tinhaís que duvidar
Que o Martir S. Sebastiao
Hôje nos há de ajudar

Soldados

1.^a cantiga

El-rei meu Senhor não têma
Que não é para temer
Aqui temos pólvora e bálas
Para os turcos vençêr

Rei

4.^a

Eu sou um nobre rei christão
De térra mui generôzo
Hei-de vençer a batalha
Com o meu bráço esforçoso

Soldados

2.^o canto

El-rei meu senhor não têma
N'em tenha que duvidar
Que o martir S. Sebastiao
Aqui nos há de ajudar

Rei

canta a 5.^a

Meus valorôzos vassalos
Não temais o inimigo
Que á fôrça das nossas ármãs
Tudo á de ser vencido

SOLDADOS CRISTÃOS (*todos*):

Meu rei, meu senhor, já vimos,
Com uma grande valentia,
Defender o nosso reino
Aqui, hoje, neste dia.

Depois de cantar, fazem uma vénia ao rei, viram por fora e ficam nos seus postos. Cada par de soldados vai agora executar estes mesmos movimentos. Quando o primeiro par sai do seu lugar os outros dão um passo em frente e ocupam o posto do anterior, assim cada par sairá sempre da testa da formatura e depois da resposta do rei tomará o lugar traseiro da mesma.

1.º e 2.º SOLDADOS:

Meu rei, meu senhor, não tema,
Nem tenha mais que temer.
Vamos lá para a batalha
Suceda o que suceder.

CARLOS MAGNO:

Meus valorosos vassalos,
Não tenhais medo à morte,
Que meu braço é defensor
Desta batalha tão forte.

3.º e 4.º SOLDADOS:

Meu rei, meu senhor, já vimos,
Com uma grande valentia,
Para fazer baptizar
Ferrabrás de Alexandria.

Os soldados apontam vagamente para trás, quando falam dos inimigos.

CARLOS MAGNO:

Meus valorosos vassalos,
Não temais o inimigo.
À força das nossas lanças
Tudo há-de ser vencido.

A

SOLDADOS (3.^{os}):

El-rei meu senhor não tema,
N'em tenha mais que temer.
Que á força das nossas armas,
Tudo havêmos de vencer.

REI:

Tudo havemos de vencer,
Sem haver que duvidar.
Preparai as vossas armas,
Para logo batalhar.

SOLDADOS (4.^{os}):

El-rei meu senhor fuçamos,
Por esse mundo além.
Que quem foge sempre vence,
Todos nós ficamos bem.

*REI:

Não nos fica bem nem nada,
Considerai-o bem nos termos.
Se nós d'aqui retirar-mos,
Que risadas não terêmos.

Cantam os SOLDADOS todos em fila:

El-rei meu senhor não tema,
N'em tenha mais que temêr.
Nós lá vamos para o campo,
Sucêda o que suceder.

* 6 — Cantigas

B

Soldados

3.º canto

El-rei meu senhor não têma
N'em tênda mais que temêr
Que á fôrça das nossas ármãs
Tudo havêmos de vençêr

Rei

canta a 6.ª

Tudo havêmos de vençêr
Sem havêr que duvidar
Preparai as vossas armas
Para lógo Batalhar

Soldados

4.ª canta ultima

El-rei meu senhor fuçamos
Por esse mundo além
Que quem fôge sempre vence
Tôdos nos ficamos bêm

**Rei*

canta a 7.ª vez

Não nos fica bem nem náda
Considerai-o bem nos têrmos
Se nós d'aqui retira-mos
Que rizadas não terê-mos.

*Cantam os suldados todos em duas fi-
las e ven ter ão rei e vâzem uma venia
e vão para o seu lugar no fim de cantar
e vão por fóra dos outros*

El-rei meu senhor não têma
Nem tênda mais que temêr
Nós lá vamos para o canpo
Sucêda o que suçedêr

* 2.ª

5.º e 6.º SOLDADOS:

Meu rei, meu senhor, já vimos,
Com uma grande valentia,
Para fazer baptizar
Toda a gente da Turquia.

CARLOS MAGNO:

Meus valorosos vassalos,
Não tendes mais que duvidar;
Preparai as vossas lanças
Para logo batalhar.

7.º e 8.º SOLDADOS:

Meu rei, meu senhor, fuja
Por esse mundo além;
Que quem foge sempre vence,
Todos nós ficamos bem.

CARLOS MAGNO:

Não ficamos bem nem nada,
Aqui hoje neste dia;
Se nós agora fugirmos,
Que risada não seria.

Estes soldados regressam aos seus postos.

CARLOS MAGNO:

Soldados cristãos... descansar lanças!

A

Começa agora o Rei turco a cantar:

REI:

Eu sou um nobre rei turco,
A quem respeito inclina.
Sou o que tenho poder,
N'essa terra d'Argelina.

REI:

Meus vallerosos vassalos,
Não tenhais medo á morte.
Que nós havêmos de vencer,
* Esta batalha tão forte.

Cantam os SOLDADOS todos em fila:

El-rei meu senhor nós vimos
Aqui todos reverentes.
Conseguir-nos nossas vontades,
Humildes e obdientes.

SOLDADOS (1.^{os}):

Somos turcos de nação,
Criados na liberdade.
Vimos hoje destruir,
O reino da Christandade.

* 7 — Cantigas

B

Papel de Rei Turco

Rei 1.^a

Eu sou o nobre rei turco
A quem respeita inclina
Sou o que tenho poder
N'essa terra d'argelina:

Rei 2.^a

Meus valorózos vassalos
Não tinhais medo a mórte
Que nós havêmos de vencer
Esta batalha tao fôrte

*os soldados todos cantam esta cantiga
dão meia volta e ven por fóra dos outros
ão meio da cantiga estão a beira do rei
e ão fim estão na frente como no
Principio.*

Soldados todos cantão em vós alta:

El-rei meu senhor nos vimos
Aqui todos reverentes
Comseguir-nos vóssas vontades
Humildes obdientes:

Soldados 1.^a

Somos turcos de nação
Criados na liberdade.
Vimos hoje destruir
O reino da christandade

Acção simétrica a esta que ocorreu no campo cristão vai decorrer no campo turco.

BALÃO:

Eu sou o rei da Turquia
A quem o respeito inclina;
Sou eu quem tenho poder
Nesta terra argelina.

Vinde cá, ó meus vassalos,
Com prazer e alegria,
Defender o nosso reino,
Aqui, hoje, neste dia.

SOLDADOS TURCOS *(todos):*

Somos turcos da nação
Criados cá na Turquia;
Vimos defender o reino,
Aqui, hoje, neste dia.

Apontam com as espadas para os lados quando falam da Turquia ou dos inimigos. Cantam ligeiramente virados para o centro.

BALÃO:

Meus valorosos vassalos,
Sempre fostes valorosos;
Nossos deuses de Mafoma
Sempre foram piedosos.

1.º e 2.º SOLDADOS:

Meu rei, meu senhor, não tema,
Nem tenha mais que temer;
Vamos lá para a batalha,
Suceda o que suceder.

A

REI:

Meus vallerosos vassallos,
Tende grande coração.
Para vencer os doze pares,
Que nos não façam traição.

SOLDADOS (2.^{os}):

Somos turcos de nação
Criados lá na Turquia.
Somos os que n'esta batalha,
* Têmos sempre vallentia.

REI:

Meus vallerosos vassallos,
Estai sempre vallerosos.
Que os nossos Deuses de Mafôma,
Foram sempre piedosos.

SOLDADOS (3.^{os}):

El-rei meu senhor tenhamos
No nosso Deus grande esperança.
Que não é para temer,
Os doze pares de França.

REI:

Meus vallerosos vassallos,
Estai firmes e verdadeiros.
Que não é para temer,
A Roldão n'em Oliveiros.

SOLDADOS (4.^{os}):

El-rei meu senhor não tema,
Nem tenha que duvidar.
Nós lá vamos para o campo
Para logo batalhar.

* REI:

Meus vallerosos vassallos,
Tende grande coração.
Que não é para temer,
A Oliveiros n'em Roldão.

* 8 — Cantigas

* 9 — Cantigas

B

Rei

3.^a

Meus valerózos vassallos
Tende grande coração
Para vençer os doze pares
Que nos não façam traição

Soldados

2.^a

Somos turcos de nação
Criados lá na Turquia
Sômos que nesta Batalha
Têmos sempre valentia

Rei

4.^a

Meus valorozos vassallos
Estai sempre valerózos
Que os nossos Deuzes de Mafôma
Foram sempre piadózos

* *Cantam os soldados* — 3.^a

El-rei meu senhor tenhamos
No nosso Deus grande Esperança
Que não é para temer
Os doze pares de França

Rei

5.^a

Meus valerózos vassallos
Estai firmes e verdadeiros
Que não é para temer
A roldão nem Oliveiros

Soldados

4.^a ultima

El-rei meu senhor não tema
Nem tenha que duvidar
Nós la vamos para o campo
Para logo Batalhar:

Rei

6.^a

Meus vallorôzos vassálos
Tende grande coração
Que não para temer
A Oliveiros nem Roldão

* 3.^a

BALÃO:

Meus valorosos vassalos,
Estai firmes e verdadeiros,
Que não são para temer
A Roldão e Oliveiros. (*var.* e os companheiros.)

3.º e 4.º SOLDADOS:

Meu rei, meu senhor, já vimos
Em nós uma grande esperança;
Pois não é para temer
Os Doze Pares de França.

BALÃO:

Meus valorosos vassalos,
Não temais o inimigo,
Que à força das nossas espadas
Tudo há-de ser vencido.

5.º e 6.º SOLDADOS:

(*var. em 1980:*

Somos turcos da nação,	Meu rei, meu senhor, já vimos
Criados na liberdade,	Bem fortes e verdadeiros,
Pois não é para temer	Pois não é para temer
O reino da Cristandade.	A Roldão e o companheiro.)

BALÃO:

Meus valorosos vassalos,
Não tenhais que duvidar;
Preparai vossas espadas
Para logo batalhar.

7.º e 8.º SOLDADOS:

Meu rei, meu senhor, fuja
Por esse mundo além;
Que quem foge sempre vence,
Todos nós ficamos bem.

BALÃO:

Não ficamos bem nem nada,
Considerai bem os termos;
Se nós agora fugirmos,
Que risada não teremos.

A

Cantam os SOLDADOS tôdos em fila:

El-rei meu senhor não tema,
N'em tenha-mos que temêr.
Nós lá vamos para o campo,
Sucêda o que suceder:

Sahida de Ferrabraz para o Campo:

Canta o REI TURCO:

Sai Ferrabraz para o Campo
E vai firme e verdadeiro;
Vai dar batalha a Roldão,
E também a Oliveiros.

Eu te entrego a minha Espada,
Com prazer e vallentia.
Vai-me dar batalha ao Campo,
* Ferrabraz d'Allexandria

* 10 — Cantigas

B

*Cantão os soldados todos em bicha e
vem ter ão rei turco a meio da cantiga
estam a beira do rei e vazem uma
benia e vem por fora dos outros a te
chegarem afrente e fico firmes sênpe
a apontar com as espadas para os
christãos*

* *Cantam os soldados todos*

El-rei meu senhor não têm
Nem tenha-mos que temer
Nós la vamos para o campo
Suçêda o que suçeder:

Saida de Farabraz para o campo:

Canta rei turco 1.^a

Sai Farabraz para o campo
E vai firme e verdadeiro
Vai dar Batalha a Roldão
E tambem a Oliveiros

Rei 2.^a

Eu te entrego a minha Espada
Com prazer e valentia:
Vai-me dar Batalha ão campo
Farabraz d'Allexandria.

Canta Farabraz

*Explicação = ão segundo vérsso ão
acabar de o farabraz o cantar roldão
sai do seu lugar e passeia na frente das
suas trópas e Brada ás armas o mais
que puder e diz Farabraz: sou che-
gado a este campo chego firme a pé
quêdo*

* *vinde cá o doze Pares
que so dum turco tendes mêdo*

* 4.^a [Esta folha está cortada a meio de cima
a baixo]

* 5.

Vai iniciar-se nova fase do conflito. Os turcos abrem as hostilidades.

BALAÃO:

Aí vai Ferrabrás pró campo,
Vai firme e verdadeiro;
Que não são (ê) para temer
A Roldão e o companheiro.

Toca a banda a contradança dos turcos enquanto Balaão e Ferrabrás, seguidos de Brutamontes, vêm até ao centro do tablado, dançando. Balaão traz a espada de Ferrabrás e entrega-lha com uma vénia. Recuam a dançar até aos seus postos e avança Ferrabrás para a frente do seu campo. Canta voltado para o campo cristão (usa uma melodia própria que transcrevemos no fim).

A

Canta FERRABRAZ:

1.º Eu já vou p'ra esse Campo,
E vou firme e verdadeiro.
Vou dar batalha a Roldão,
E também a Oliveiros.

2.º Ó doze pares de França,
Vós já perdês-te o brio.
Vós todos estais tremendo,
Com este meu desafio.

3.º Sou chegado a este Campo,
E venho firme a pé quêdo.
Vinde vós, ó doze pares,
Que d'um só Turco tendes mêdo:
(à marg.) Bradam os soldados christãos
às armas—(um só dos da frente)

Ferrabraz acaba de cantar estes trez versos, e á primeira linha da frente, ajoêlha-se diante do Rei Turco, e beija a * bandeira e a Espada, e depois faz uma venia, e rompe para o Rei Christão com grande furia, e chega ao meio do Campo da batalha e começa a dizer com uma voz espantosa:

FERRABRAZ:

4.º Ó imperador Carlos Magno, homem covarde e sem valor, manda-me dois trez ou quatro, dos mais vallentes e melhores dos doze pares que tiveres contra mim somente; que espero vencer a batalha, e venham ainda que sejam Roldão, Oliveiros, Tietri e Urgel de Danuá, que te juro pelo poder dos meus Deuses, que não lhes hei-de voltar a cara, ainda que sejam seis; E adverte que estou só no campo, e muito

* 11

B

Papel de Farabraz 1.ª C.

Eu Ja vou para êse canpo
E vou firme e verdadeiro
Vou dar Batalha a roldão
E tambem a Oliveiros.

2.ª C.

O dôze pares de França
Que vós ja perdestes o brio
Pois que tôdos estaes tremendo
Com este meu dezafio.

3.ª C.

Sou chegado a este canpo
Chêgo firme a pé quêdo
Vinde ca o dôze pares
Só dum turco tendês mêdo

(Fala)

Ó imperador cárlos magno hómen covardo sem valôr manda-me um ou dois dos mais valentes e melhóres dos dôze páres contra mim sómentes espero vencer a Batalha venha ainda que sêja Roldão Oliveiros triêto ugel da noá que júro pêlos meus Deuzes que te não hei de voltar a caza inda que éla seja feia. Adevirto que estou em canpo muinto loêngê do meu Eizerçito e se isto não fazes publicarei por tôdo

FERRABRÁS:

Eu cá vou para a batalha
Porque tenho valentia.
E vai pelejar para o campo
Ferrabrás de Alexandria.

Ó Doze Pares de França,
Vós já perdesteis o brio;
Parece que estais temendo
Com este meu desafio.

Quando canta o 3.º verso Brutamontes apoia: «eles já estão a tremer».

Eu estou aqui neste campo,
Eu estou aqui a pé, quedo.
Vinde vós, ó Doze Pares,
Pois nenhum me mete medo.

Aguarda um momento e fala para o campo cristão. Faz uma pausa a cada frase, simulando falar para longe e alongando muito a sílaba tónica, antes das pausas.

FERRABRÁS (*avançando um pouco*):

Ó Imperador Carlos Magno, homem covarde e sem valor, manda-me dois, ou três ou quatro dos mais valentes e melhores dos teus Doze Pares, contra mim somente, que eu espero vencer a batalha. Venham ainda que sejam Roldão ou Oliveiros, que eu te juro pelos meus deuses que lhes não voltarei a cara, ainda que sejam seis. E adverte que estou só no

A

longe do meu exercito e se isto não fazes, publicarei por todo o mundo, a tua grande cobardia, e a de teus cavalleiros, e * direi que são indignos de se chamarem vallerosos. E já que tiveste a ousadia, atrevimento e valôr para acometer toda a Mauritania e de ganhar reinos e provincias, tambem devés ter esforço para dar batalha a um só cavalleiro turco no Campo:

Deita-se Ferrabraz no chão, e passado pouco tempo, torna a levantar-se e diz:

FERRABRAZ:

5.º Ó Carlos Magno, indigno d'uma corôa que pussu-es, com um só cavalleiro turco perdes a honra, que em grande multidão d'elles, muitas vezes tens ganhado?... Ó Roldão e Oliveiros, e tu Urgel de Danuá; e os quais vós chamais doze pares, de quem tantas façanhas e proezas tenho ouvido nomear; como não ouzais aparecer diante d'um só cavalleiro?

* Tendes já por ventura esquecido o pelejar, ou vos mete medo esta minha forte Espada?... Vinde vinde todos os dôze pares juntos, pois que um a um vos não atreveis:

— Torna a deitar-se no chão; e diz o

B

mundo a tu grande azadia e dos teus cavalleiros e direi que sois emdignos de vos chamar valerosos já que tivestes auzadia e o atrebimento para combater tôda a mauritana de ganhar reinos e provincias tambem o esforço para dar Batalha a um só cavalleiro tuco no campo.

2 F. (Deita-se no chão) e torna se a levantar)

O cárlos magno tu és endigno de uma corôa que pesois contra um cavalleiro turco e perdes a hõnrra tanta vez gánha por Roldão Oliveiros trieto ugel danohá aos quais vos chamam dôze páres de que tantas façanhas e proêzas tenho ouvido nomiar e como não úzará aparecer deante de um só cavalleiro tendes já por ventura esquecido o pelejar ou vos mete medo a minha forte lança e vinde todos os dôze pares Juntos. Pois que hum só vos não atreveis.

(Torna se a deitar)

* 12

* 13

campo e muito longe do meu exército. E se isso assim não fazes eu publicarei por todo o mundo a tua cobardia e dos teus cavaleiros e já que tivestes a ousadia e o atrevimento e o valor de acometer toda a Mauritânia, tem esforço para dar batalha a um só cavaleiro turco no campo.

(Faz um pequeno intervalo)

Ó Carlos Magno, indigno da (dessa) coroa que possuis, com um só cavaleiro turco perdes a honra que em grande multidões deles muitas vezes tens ganhado. Ó Roldão, Ó Oliveiros e tu, Urgel de Danois, e vós que vos chamais Doze Pares, de quem tantas façanhas e proezas tenho ouvido, como não ousais aparecer diante de um só cavaleiro. Tendes já porventura esquecido o pelejar ou vos mete medo a minha fraca espada? Vinde todos os Doze Pares juntos, pois que um a um não vos atreveis.

Deita-se no tablado.

CARLOS MAGNO:

Richard, quem é aquele turco que tão atrevidamente me ameaça?

RICHARD (3.º SOLDADO):

Senhor, é filho do Almirante Balaão, rei de Alexandria, senhor de muitos domínios e riquezas; é o que foi a Roma e matou o Apostolado; foi aquele que roubou as santas relíquias pelas quais tens padecido tantos trabalhos; é homem de grandes forças e muito destro em todas as armas.

A

REI CRISTÃO:

Vinde vós ó Roldão,
e vinde bem aparelhado,
vinde dar batalha ao turco,
pois que tanto vos tem chamado:

Responde ROLDÃO:

Real Senhor;
eu para ir dar batalha ao turco,
é um caso muito serio;
porque sou criança nova,
mandareis outro mais velho:

Em conselho vos dou,
que mandeis a Galalão,
já que nas outras batalhas
lhe d'este o galardão:

B

diz carlos magno

Vinde vós o Roldão
e vinde vem aparelhado
e vinde dar batalha ao turco
pois que tanto tem chamado

(Responde roldão e vai ao rei)

1.^a Real senhor
para ir á Batalha
é um caso muito sério
por isso sou criança nova
mandareis outro mais velho:

(Fala roldão 2: vez)

2.^a Um conselho vos vou dar
que mandeis a galalão
que Já que* nas outras Batalhas
lhe destes o galardão.

CARLOS MAGNO:

Pois espero em Deus, Richard, que a sua soberba há-de ser humilhada e abatida. *(faz uma pausa)* Roldão, sobrinho, eu vos mando que vos armeis para ir pelejar com Ferrabrás, pois eu espero em Deus que haveis de sair vitorioso.

ROLDÃO (1.º SOLDADO):

Senhor, eu não hei-de ir à batalha, sem que outros vão primeiro, pois na última batalha que tivemos contra os infiéis ficamos todos cavaleiros novos cercados por 50.000 turcos e pelejamos de tal maneira e com tanto valor que matamos a maior parte deles, ainda que com grande batalha e ferindo os nossos corpos, como se vê com Oliveiros que dela está em perigo de morrer. E, chegados à tua presença, estando ceando, dissestes publicamente que os cavaleiros velhos se haviam logrado muito melhor da batalha que os cavaleiros novos. Como assim é, manda os teus cavaleiros velhos e verás como se haverão com Ferrabrás. Em mim não tenhas esperança alguma, nem em nenhum dos meus companheiros.

CARLOS MAGNO:

Prendam-no e dêem-lhe a morte!

O 3.º e o 4.º soldados aproximam-se rapidamente de Roldão...

ROLDÃO:

Nenhum seja tão atrevido que me cerque, porque, se se chegar a mim, depressa o tirarei deste mundo.

Os atacantes recuam.

URGEL (3.º SOLDADO):

Senhor Roldão, muito erraste no que fizestes, porque só a ti tocava obedecer ao Imperador, mais que algum outro vosso companheiro, assim como pelo parentesco, como porque sempre te honrou mais que os outros.

ROLDÃO:

Dizes bem, Senhor Urgel. É verdade que tive tanta ira que certamente o matara, se os outros não estivessem no meio. Mas já estou arrependido e pesa-me de os ter ofendido.

CARLOS MAGNO:

Pois já que os meus Doze Pares
me não querem ajudar,
eu vou e saio ao campo
tirar as armas a quem nos quer afrontar.

A

B

Toca a contradança dos cristãos e vai Carlos Magno, em passo de dança, até junto de Ferrabrás. Ameaça-o com a espada e regressa ao seu posto. (var.: em 79 foi ao toque da caixa).

CARLOS MAGNO:

Soldados cristãos... ombro lanças!

OLIVEIROS:

Guarim! Guarim!

GUARIM:

Real Senhor!

OLIVEIROS:

Aparelha-me essas armas, que vamos para a batalha.

GUARIM:

Senhor, peço-te por amor de Deus que não faças tal excesso, em prejuízo da tua saúde e não queiras, com tal temeridade que faças, acabar com os dias da tua vida, porque não estás capaz dessa empresa.

OLIVEIROS:

Faz brevemente, Guarim, o que te mando, pois não podemos estimar a vida quando se espera ganhar grande honra. E grande fraqueza seria a minha se o turco se fosse embora sem batalha. E não é justo deixar o nosso Imperador em tanto aperto e injúria.

Faz uma pausa e fala para o Imperador.

Ó muito nobre e esclarecido Senhor, peço-te que me queiras ouvir as minhas explicações. Como já sabes, Senhor, há nove anos que te sirvo, e como posso, mas não segundo o teu merecimento. Peço-te que em remuneração deste serviço me queiras conceder uma só coisa.

CARLOS MAGNO:

Oliveiros, cavaleiro amigo e nobre conde, pede-me o que quiseses que nada te negarei.

OLIVEIROS:

Senhor, peço-te que me deias licença para sair à batalha com Ferrabrás, que tantas vezes me tem chamado, e só por isto é que serão os meus serviços bem satisfeitos.

A

Diz o REI CRISTÃO:

Galalão, galalão:

Este responde:

Real Senhor que determina:

Diz o REI CRISTÃO:

Prepara-te para ires á batalha:

* Responde GALALÃO:

Real Senhor,
Aqui estou prisioneiro;
Eu dava-lhe de parecer,
Que mandasse a Oliveiros:

Diz o REI CRISTÃO:

Galalão; galalão;
tu sempre tens más entranhas,
como te tenho dito outras vêzes,
e pelo que me dizes,
deixarei ir Oliveiros á batalha,
porem se morrer n'ella,
pagarás tu com a vida,
e toda a tua parentalha:

E torna a dizer o REI CRISTÃO:

Pois já que os meus vassallos
me não querem despicar,
vou por os pares em campo,
e vou tirar as armas,
a quem me quer afrontar:

* 14

B

(Fala c. magn.

meia vólta volver ordinario marcha)
os soldados vão para á frente e chama
galalão galalão)

F. galalão =

Pronto real senhor que detremina =

F. o Rei

Prepara-te e anda á minha preçensia:

F. (galalão a precencia do rei e diz)

Real senhor
a qui estou prezoneiro
em conçelho lhe dava
que manda-se o sinhôr Oliveiros

F. o rei chistão

galalão galalao
tu senpre tens mas entranhas
como te tenho dito outras vezes
e pelo que me dizes
deixarei ir, Oliveiros á Batalha
porem se nela morrer
pagarás tu com a vida
e tôda a tua parentálha:

(F. Rei

Meia volta volver ordinario marcha
toca a caixa e vai os soldados para a
frente.)

F. R. fala

Pois ja que os meus vassalos
Me não querem despícar
vou pôr os páres em campo
e tirar as armas
a quem nos querem afrontar.

CARLOS MAGNO:

Oliveiros, cavaleiro amigo, tal mercê não vos concedo, porque estais maltratado e ferido.

GALALÃO (5.º SOLDADO):

Senhor, está ordenado na tua corte que nenhuma coisa que mandasses se revogasse, por onde, é justo que Oliveiros alcance a mercê que mandaste pedir.

CARLOS MAGNO:

Ah Galalão! Galalão! tu tens muitas más entranhas, como te tenho dito outras vezes. E, pelo que me dizes, deixarei ir Oliveiros à batalha. Porém, se nela morrer, tu e toda a tua parentalha hão-de pagar com a vida.

A

(Sahida de Oliveiros para o Campo)

Canta o REI CHRISTÃO:

Vai Oliveiros para o Campo,
com a lança do Senhor.
Vence todas as guerras,
D'esta ficarás vencedôr.

(Escrito à margem:)

(O rei christão, acabando de cantar
esta quadra, tira uma luva, e a dá a
Oliveiros)

* di's OLIVEIROS:

1.^a Guarim Guarim; apparelha-me
as armas, que quero ir á batalha:

GUARIM responde:

Senhor, pelo amor de Deus lhe
peço, que não cuide em tal empreza;
trate da sua saude, não queira com tal
temeridade, fazer acabar os dias da sua
vida porque o não vêjo ápto, para fa-
zer tal empreza:

Responde OLIVEIROS:

2.^o Faze Guarim brevemente o que
te mando, não te ponhas a olhar á
vida, quando se espera de ganhar
grande honra, grande fraqueza seria a
minha se o turco se fosse sem bata-
lha, e não é justo deixar o imperadôr
em tanto aperto e injuria:

* 15

B

Rei canta.

Vai Oliveiros para o campo
Com a lança do Senhôr
O martir s. sebastiao
Será o teu defemçôr

PAPEL OLIVEIROS

F. Oliveiros.

goarim. goarim apparelha-me as armas
que quero ir á Batalha:

Prencepia o papel de goarim.

F. g.

Senhôr pêlo amôr de Deus lhe péço
que não cuide em tal emprêza trate da
sua saude e não queira com tal temo-
ridade fazer acabar os dias da suas
vida porque o não vêjo ápto para fazer
tal emprêza

F Ol.

Faz brevemente o que te mando
não te pônhas a olhar a vida quando
se espera de ganhar grande hõnrra
grande fraquêza seria a minha se o
turco fõse sem batalha e não é justo
deixar o Inparadôr em tanto aperto e
injuria

CARLOS MAGNO:

Oliveiros, amigo, roga a Deus que pela sua infinita misericórdia te dê a graça de vires com a vitória e te deixar voltar de saúde diante dos meus olhos.

CARLOS MAGNO (*canta*):

Vai Oliveiros pró campo
E vai bem aparelhado;
Para dar a batalha ao turco,
Pois que tanto tem chamado.

Vai Oliveiros pró campo
Com a lança do Senhor.
Vences todas as batalhas,
Desta serás vencedor.

*Enquanto canta estes versos vem com Oliveiros e Guarim ao centro do tablado.
Ajoelham e fazem o sinal da cruz.*

A

Responde o REI CHRISTÃO:

(Esta quadra também se canta)

Eu te entrego as minhas armas,
com prazer e valentia,
vai-me dar batalha * ao Campo,
a Ferrabraz d'Alexandria:

3.º Canta OLIVEIROS:

Eu já vou p'ra esse Campo,
e vou bem aparelhado;
vou dar batalha ao turco,
que tanto me tem chamado:

4.º Levanta-te d'ahi turco;
anda á batalha comigo,
Senão olha que te mato,
como Villão estendido:

Chega Oliveiros á última fila da frente, ajoelha-se diante do Rei Christão, e beija a bandeira e a Espada, e faz uma venia, e vai para o campo a par com Guarim (e este é sempre seu defensor nas batalhas contra Ferrabraz) e dá duas ou trez voltas diante de Ferrabraz e diz:

OLIVEIROS:

5.º Levanta-te turco infiel, toma as tuas armas, monta a cavallo, e vem pelejar; pois que tanto tens fallado e * blasonado, quero vêr se és tão grande nos teus feitos e valentia, como és na fama e corpulencia:

* 16

* 17

B

Rei christao c.

Eu te entrego as minhas armas
Com prazer e valentia
Vai me dar Batalha ao campo
A Farabraz d'Alixandria

Oli c. 1.^a

Eu ja vou para êsse campo
E vou vem aparelhado
Vou dar Batalha ao turco
Que tanto tem chamado

Oli c. 2.^a

Levanta-te da hi turco
Anda Batalhar comigo
Senão olha que te mato
Como vilão estendido

* Oliveiros dá um salto por cima de Farabrás e dá 3 voltas de Bolta dele e passeia na frente dele e diz com muita vós espantoza

mais declaração oliveiros a ultima filha da frente ajoelha-se diante do rei Beija a bandeira e a espada faz uma venia e vai para o canpo a pares de goarim: e este o seu defemssor

Oli. F. 1.^a

Levanta-te turco infiel toma as tuas armas monta o caválo e vem pelijar não e ação de cavalheiro que tanto tens chamado e belesfemado quero ver se és tanto nos teus ifeitos e valôr como na fama e corpulência

* 7.^a

OLIVEIROS:

Ó muito amado Deus, peço-vos pela vossa infinita piedade (misericórdia) que me queiras favorecer nesta tão grande guerra e cruel batalha.

Carlos Magno entrega a Oliveiros a lança que lhe transportava. Toca a contradança dos cristãos e recuam ao seu extremo. Sempre que toca a banda os movimentos das personagens são executados em passo de dança. Voltam Guarim e Oliveiros para junto de Ferrabrás. Pára a banda, toca o tambor e Oliveiros faz o primeiro ataque ao adversário. Sempre que Oliveiros ataca ou que ambos batalham o tambor tocará o competente rufo (ver no fim a transcrição). Oliveiros fala com muita rapidez e sem elevar a voz.

OLIVEIROS:

Alevanta-te, turco infiel! Toma as tuas armas, monta a cavalo e vem pelejar. Porque tanto tens falado e blasonado, quero ver se és tão grande nos teus feitos e valentia como és na fama e corpulência.

A

(pág. 16 ao fundo:)

(A esta resposta, Ferrabraz ergue a cabeça e não faz caso; e torna a deitar, e só responde à 6.^a)

6.^a OLIVEIROS:

Turco levanta-te, toma as tuas armas, monta a cavallo e vem pelejar, porque já não é ação de cavalleiro, estar estendido no chão, vendo diante a seu inimigo; dizes que vênho buscar a morte?... O certo é que será a tua, como brevemente experimentarás:

Assenta-se FERRABRAZ e diz:

6.^a Ainda és muito pequeno do corpo, falas muito ousado e atrevido; porem se queres tomar o meu conselho e viveres mais dilatada vida, vai-te embora, porque se porfias a pelejar comigo, é necessário que primeiro me digas quem és e o sangue d'onde procedes:

7.^a OLIVEIROS:

Tu não podes saber o meu nôme, enquanto eu não souber o teu, e não me pareces nas tuas ações tal, qual mostravas ser nos teus ameaços contra o Imperador Carlos Magno, * o qual me mandou aqui, para que d'esses fim a teus dias, ou deixasses os teus falsos Idolos, feitos por mãos de homens sem entendimento, n'em virtude, e crêsses na santissima trindade; Padre Filho Espirito Santo; são trez pessoas distintas e um só Deus verdadeiro, e poderoso; e que é criador do ceo e da terra; e que seu filho Jezus Christo, por salvar e remir o genero humano, nasceu da Virgem Maria nossa senhora, e quando isto creias firmemente, mediante o Santo Baptismo, poderás alcançar a gloria eterna:

* 18

B

Farabras levanta a cabeça e Deita-se

Ol. F. 2.^a

Turco levanta-te toma as tuas armas monta o caválo vem pelijar porque Já não é ação de cavalheiro estar deitado no chão vendo diante de ti o inimigo e dizer que venho buscar a mórte e certo que mas e certo que sera a tua como eu ta brevemente esprementa-rás:

1.^a Farabraz senta-se e diz

Ainda é muinto pequeno do corpo falas muinto uzado e atrevido porem se queres tomar o meu conçêlho e vivêres mais dilatada vida vai te enbóra porque se perfias pelejar commigo e neseçario que primeiro me digas quem és e o sangue donde procedes:

Oli F 3.^a

Tu não podes sabrer o meu nôme em quanto eu não souber o teu e não me pareces nas tuas ações tal qual mostravas ser nos teus amiaços contra o Inparador Cárlos Magno a qual me mandou aqui para que dèsses fim aos teus dias, ou deixa-ses os teus falsos idelos, por mãos de homens sem entendimento, nem virtude, e creias na Santissima trindade Padre Filho Espirito Santo, são trez Pessoas distintas, e um só deu verdadeiro e pederozo e que é criador de çeu e da terra, e que o seu filho Jezus-chisto por salvar e remir o genero humano, Naçeu da Virgem Maria nosa Senhora, e quando isto creias firmemente mediatamente o Santo Baptismo, poderas alcançar a gloria eterna:

FERRABRÁS (*sentando-se*):

Quem és tu que tão simplesmente
vens morrer?

OLIVEIROS:

Turco, levanta-te, toma as tuas
armas, monta a cavalo e vem pelejar.
Porque já não é acção de cavaleiro
estar estendido nesse chão, vendo
diante de si o seu inimigo. Eu não te
disse que venho buscar a morte. O
certo é que serás tu que brevemente a
experimentarás.

FERRABRÁS:

Ainda és muito pequeno de corpo,
falas muito ousado e atrevido, porém
se queres tomar o meu conselho e viver
mais dilatada vida, vai-te embora, por-
que, se porfias em pelejar comigo, é
necessário que, primeiro, me digas quem
és e o sangue donde procedes.

OLIVEIROS:

Tu não podes saber o meu nome,
sem que primeiramente eu saiba o teu e
não me pareces nas tuas acções tal qual
mostravas nos teus ameaços contra
o nobre Imperador Carlos Magno, o
qual me mandou aqui vir para que
desse fim aos teus dias ou deixasses
os teus pobres ídolos, feitos por mãos
de homens sem entendimento nem vir-
tude e quisesses crer na Santíssima
Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo,
três pessoas distintas e um só Deus
verdadeiro e todo-poderoso, o qual é o
Criador do céu e da terra e no seu filho
Jesus Cristo que, por salvar e remir o
género humano, nasceu da Virgem Ma-
ria Nossa Senhora. E quando isto creias
firmemente (bem creias), mediante o
santo baptismo, poderás alcançar a
glória eterna.

A

7.^a FERRABRAZ:

Quem quer que és ou sejas, falas com muita liberdade e presunção; e porque conheças a tua loucura e atrevimento, te quero dizer quem sou: Eu sou Ferrabraz, Rei de Alexandria, filho do Almirante Balão, sou aquele, que destruiu Rôma, e matou o apostolado; * e levou todas as reliquias, pelas quais vós os christãos, tendes recebido grandes trabalhos, e pussu-o a Jerusalem e o sepulcro, aonde foi posto o vosso Deus:

8 OLIVEIROS:

Ferrabraz tenho grande contentamento de saber quem és, e assim agora tenho maior dezejo da batalha, porque tenho já por certo ganhar a victoria. Levanta-te, e vem depressa pelejar, que pelas armas se ha de acabar o nosso pleito, e não por palavras:

8 FERRABRAZ:

Christão; Rogo-te que me digas que homens são: Carlos Magno Roldão e Oliveiros, porque os tenho ouvido nomear muitas vezes nas partes da Turquia:

9.^a OLIVEIROS:

Turco, sabe que Carlos Magno é poderoso senhor, e muito vallente, homem de grande conselho, sagacidade e prudencia, assim no governo do Reino, como no da guerra, e levanta-te, se não queres * que te offenda, assim deitado como estás e arrepender-te-has, quando já não tiveres remedio:

* 19

* 20

B

Farabraz fala 2.^a

Quem quer que és ou sejas falas com muita liberdade e presenção e porque conhêças a tua loucura e atrevimento te quero dizer quem sou. Eu sou Farabrás Rei d'Alixandria* filho do Almirante Balão sou aquele que destruiu Roma e matou a apostolado e levou todas as reliquias pêlos quais vós os chistãos tendes recebido grandes trabalhos e passou a Jerusalem o Sepulcro a onde foi posto o vóso deus:

Oliv. F. 4.^a

Farabras tenho grande contentamento de saber quem és asim agóra tenho mais dezêjos de Batalha por que tenho Já por certo ganhar a vitória e vantagem e bem depressa para que pelas armas se á de acabar o nóso peleito não por palávras.

F. F. 3.^a

Chistão rógote que me digas que homens são Carlos Mágnio Roldão e Oliveiros porque os tênho ouvido numiar muintas vezes nas partes da Torquia:

Olv. F 5.^a

Turco sabes que Carlos Magno e pederôzo senhor e muinto valente pela sua pesoua. Homen de grande conselho e sossiedade e pordência asim no governo do Reino Levantate senão queres que te ofenda como estas arrependido quando Já não tiver remedio:

* 8.^a

FERRABRÁS:

Quem quer que tu sejas, falas com muita liberdade e presunção, e, para que conheças a tua loucura, eu te quero dizer quem sou: eu sou Ferrabrás, coroadado rei de Alexandria, sou filho do Senhor Almirante Balaão, sou aquele que destruiu Roma e matou o Apostolado e levou as santas relíquias, pelas quais vós, os cristãos, tendes recebido grandes trabalhos. Eu possuo Jerusalém e o sepulcro onde foi posto o vosso Deus.

OLIVEIROS:

Ferrabrás de Alexandria, tenho grande contentamento em saber quem és, que assim agora tenho maior desejo de dar-te a batalha, porque tenho por certo ganhar-te a vida. E alevanta-te (*toca a caixa*) porque pelas armas se há-de acabar este nosso pleito e não por palavras.

FERRABRÁS:

Cristão, rogo-te que me digas que homens são Carlos Magno, Roldão e Oliveiros, porque os tenho ouvido nomear muitas vezes lá nas partes da Turquia.

OLIVEIROS:

Turcos, saibas que Carlos Magno é mui poderoso senhor, homem de grande conselho, sagacidade e prudência, assim, tanto no regulamento do seu reinado, como nas facturas da guerra. E alevanta-te, (*ataca-o e toca a caixa*) se não queres que te ofenda assim deitado e arrepender-te-ás quando já não tiveres remédio.

A

9 FERRABRAZ:

Dize-me cá cavalleiro, como não mandou Carlos Magno a esta batalha a Roldão ou a Oliveiros, de quem tantas proezas tenho ouvido, ou porque não mandou trez ou quatro dos dōze pares, senão ati só?...

10 OLIVEIROS:

Roldão, n'unca fez conta d'um só turco, por mais nomeado que fosse; e somente por te desprezar, não quiz vir á batalha, porem se tu vieras acompanhado, ainda que fora com o teu exercito, elle só te viera receber, e então verias quem Roldão era:

10 FERRABRAZ:

E tu em que offendes-te a Carlos Magno, pois assim te enviou aqui, como quem manda um cordeiro ao carneiro?. Eu te juro pelo poder dos meus Deuses em que firme e verdadeiramente creio, que pelo teu bom modo, * tenho lastima da tua mocidade; e para que a possas gosar, debes tomar o meu bom consêlho: Vai-te outra vez para Carlos Magno, e dize-lhe que me mande seis dos doze pares, que juro pelo poder dos meus grandes Deuses que os heide esperar e dar-lhe batalha:

11 OLIVEIROS:

Turco, não te canses, n'em gastes o tempo com tanta pratica, porque, se não te levantas para pelejar, faço juramento á ordem de Cavallaria, que, ainda que seja defeito, te hei de ferir, e fazer levantar por força, ainda que não queiras:

* 21

B

F. F.

4.^a

Dis-me cá cavalleiro como não mandou a esta Batalha Cárlos magno Roldão e Oliveiros de que tantas proêzas tenho ouvido ou porque não mandou trez ou quatro dos dōze pares se não a ti só:

Oliv. F

6.^a

Roldão nunca fez cázo de um só por mais nomeado que ele fôsse somentes por te não desprezar e não querêres vir á Batalha porém so se tu viesses acompanhado com todo o teu Exercito então verias quem Roldão éra:

F. F.

5.^a

E tu emque ofendestes a carlos mágno teu senhor.

Eu te juro pelo poder dos meus deuzes em que firme e verdadeiramente creio que pelo o teu bom modo tenho lastima da tua mocidade e para que póssas gozar déves tomar o meu comêlho Vae outra ves para cárlos magno e diz-lhe que me mande seis dos dōze páres que te Juro pelo poder dos meus grandes Deuzes que os hei de esperar e dar-lhe Batalha:

Oli F

7.^a

Turco não te cançes nem gástes tempo com tantas praticas* porque se te não levatares para pelejar faço Juramento á órdem do cavalleiro que ainda que sêja feio te-hei de ferir e Fazer levantar por fôrça ainda que não queiras:

* 9.^a

FERRABRÁS:

Diz-me cavaleiro, como não mandou Carlos Magno a esta batalha a Roldão ou Oliveiros ou algum dos Doze Pares, de quem tantas façanhas e proezas tenho ouvido; e porque não mandou três ou quatro dos Doze Pares, senão a ti só.

OLIVEIROS:

Roldão nunca fez conta de um só turco, por mais nomeado que ele fosse, e somente para te desprezar não quis vir à batalha, porém se tu vieras acompanhado, ainda que fosse com todo o teu exército, ele só te viera receber e então verias quem Roldão era.

FERRABRÁS:

E tu em que ofendeste a Carlos Magno, pois que assim te enviou aqui como quem manda um cordeiro ao carneiro? Eu te juro pelos deuses em que creio, que pelo teu bom modo tenho lástima da tua mocidade. E assim toma o meu conselho: vai outra vez para Carlos Magno e diz-lhe que me mande seis dos Doze Pares, que eu te juro pelo poder dos meus deuses de os esperar e dar batalha.

OLIVEIROS:

Turco, não te canses nem gastes o tempo com tanta prática, porque se não te levantas para pelejar (*ataca-o e toca a caixa*) eu faço juramento à ordem de cavaleiro, que, ainda que seja feio, te hei-de ferir ou fazer levantar por força, ainda que não queiras.

A

11 FERRABRAZ:
Dize-me o teu n^ome antes que me levante:

12 OLIVEIROS:
Sou Guarim pobre fidalgo, e novamente armado cavalleiro: Esta é a primeira vez que sirvo a meu senhor Carlos Magno:

12 FERRABRAZ:
D'onde estás ferido que lánças tanto sangue?...

* 13 OLIVEIROS:
Não estou ferido, o sangue que procede é do cavallo, que é duro de esporas:

13 FERRABRAZ:
Guarim, tu não me dizes a verdade, e não podes negar que o teu corpo está ferido, chega-te ao meu cavallo, e acharás no arçã da sella, dois vasos atados que estão com balsamo, que por força de armas ganhei em Jerusalem, e d'este balsamo foi o teu Deus ungido e embalsamado, quando o desceram da Cruz e foi posto no sepulcro; bede d'elle, que logo sararás de todas as tuas feridas, e ficarás com as forças dobradas:

B

F F 6.^a
Dis-me o teu nome antes que me levante:

Olv 8.^a
Sou goarim pobre fidalgo e novamente armado cavalleiro: Esta é a primeira ves que sirvo a meu Senh^or carlos magno:

F. F. 7.^a
Donde esta ferido que lánças tanto sangue:

Olv. 9.^a
Eu não estou ferido o sangue que procêde e do cavallo que é dúro á espóra:

F F 8.^a
Goarim tu não me dizes a verdade e não podes negar que o teu corpo esta ferido chega-te ao meu cavallo e acharás no arçã da séla dois vázos atados que estão com bálssomo que por fôrça de armas ganhei em Jerúsalem e deste balssamo foi o teu deus ungido quando o deçêram da crúz e foi posto no sepulcro bébe dêle que logo sararas de todas as tuas feridas e ficarás com as fôrças dobradas:

FERRABRÁS:

Diz-me o teu nome, antes que me levante!

OLIVEIROS:

Eu me chamo Guarim, pobre (nobre) fidalgo, novamente armado cavaleiro. É hoje a primeira vez que eu sirvo a meu senhor Carlos Magno.

FERRABRÁS:

Guarim, tu não me dizes a verdade, e não podes negar que o teu corpo está ferido. Chega-te ao meu cavalo, acharás no arção da sela dois vasos atados, com bálsamo. Pela força das armas os ganhei em Jerusalém, e desse bálsamo foi teu Deus ungido e embalsamado, quando o desceram da Cruz. Bebe dele e logo sararás todas as tuas feridas e ficarás com as tuas forças dobradas.

OLIVEIROS:

Eu não estou ferido, isso em ti é uma grande história, porque este sangue é todo procedido do meu cavalo, que é muito duro nas esporas.

14 OLIVEIROS:

Turco, és mais abundante de palavras, que de obras; não me importa a tua bebida, n'em me é necessaria; e se não te levantas já, como a Villão estendido no chão, te tirarei tanto fallar com dar-te a morte:

14 FERRABRAZ:

Guarim, isso não é cordura n'em * vallentia, mas eu creio que te arrependers de entras comigo em batalha:

15 OLIVEIROS:

Levanta-te vilão;
es turco faz-te christão:

15 FERRABRAZ:

Guarim, tu não queres senão continuar na tua porfia, mas eu creio que quando me vires levantar, que só da minha vista ficarás temeroso e espantado:

(Levanta-se Ferrabraz com grande furor e diz:

* 23

Olv. 10.^a

Turco es mais abundante em palavras do que em obras não me são neseçarias as tuas bebidas se te não levatares como Vilão estendido no chão tanto a falar como dar te ei a mórte:

F. F. 9.^a

Goarim isso não cordura nem valentia mas eu creio que te arependerás de entras comigo em Batalha:

Olv. 11.^a (Fas gande reme-so a Farabras)

Levanta-te da i vilão
se es turco faz te chistão

F F 10.^a (no fim desta resposta que vai dizer) (e que ele se levanta foriôzo)

Goarim tu queres porfiar na tua porfia mas eu creio que quando me daqui vires levantado só da minha Vista ficarás temerozo espantado:

(levantou-se)

FERRABRÁS:

Isso, Guarim, não é cordura nem valentia, mas creio que te arrependerás de entrar comigo em batalha. Tu não queres senão continuar na tua porfia, mas eu creio que, quando me vires levantar, tu, só da minha vista, ficarás temeroso.

OLIVEIROS:

Turco, não me importa a tua bebida, nem me é necessária, pois se não te alevantas, vilão, te tirarei tanto falar com dar-te a morte. Alevanta-te vilão! *(toca a caixa)* *(var.: Turco, és mais abundante de palavras que de obras, não me importa a tua bebida nem me é necessária. E se não te levantas logo como vilão estendido no chão, te tirarei tanto falar com dar-te a morte.)*

A

16 FERRABRAZ:

Por tua vida Guarim quero que me digas que homens são: Roldão e Oliveiros, e a estatura de seus corpos:

16 OLIVEIROS:

Oliveiros é da minha grandeza, n'em mais n'em menos; Roldão quanto ao corpo, é algum tanto menor, mas em valor, não tem igual em todo o mundo:

17 FERRABRAZ:

Pela fé que devo a Apolim e Tavalgante, meus muito amados e venerandos Deuses, me admiro do que * me dizes; porque se tivera diante de mim dez cavalleiros como tu, não tinha por grande façanha, o passa-los todos ao fio da minha Espada:

17 OLIVEIROS:

Muito fallas, porem eu creio que só de mim tens mêdo; e por isso dilatas a batalha. Arma-te, e sahe logo a campo, que n'em a tua grandeza me espanta, n'em os teus louvores te acreditam, antes com elles ficas mais despresado:

18 FERRABRAZ:

Guarim, eu te rogo que te queiras aprear e me ajudes a armar:

18 OLIVEIROS:

Não creias que tal faça, pois não me hei de confiar de ti:

19 FERRABRAZ:

Com muita segurança te podes confiar de mim; pois n'unca no meu coração, houve villeza n'em traição:

* 24

B

F. F.

11.ª

Por tua vida goarim quero que me digas que homens são * Roldão e Oliveiros e a estatura dos seus corpos:

Oliv.

12.ª

Oliveiros é a minha grandêza nem mais nem mênos Roldão Enquanto a corpo é um pouco menór mas em valor é pior não á em todo mundo:

F F

12

Pela fé que debes Apulim e tavalgante meus muinto amados e venerandos deuses me ademiro do que dizes porque se tivera diante de mim dez cavalleiros como tu não tinha por grande façânhas o pasalos todos ao fio da minha espada:

Olv.

13.ª

Muintas falas porem eu creio que só de mim tens mêdo e por isso há Batalha? Arma-te e vem ao campo da Batalha que nem nas tuas grandêzas nem nos teus louvôres te acardito antes ficas mais despresado:

F F

13

Goarim eu te rógo que te queiras apiar e me ajudes armar:

Olv.

14.ª

Não creias que tal faça pois não me ei de confiar em ti

F F

14.ª

Com muinta confiança te pódes fiar em mim pois nunca no meu coração houve vilêza nem traição: .

* 10.ª

FERRABRÁS:

Por tua vida, Guarim, te peço que me digas que homens são Carlos Magno, Roldão e Oliveiros e a estatura de seus corpos.

OLIVEIROS:

Oliveiros é da minha grandeza, nem mais nem menos; Roldão enquanto ao corpo é um pouco menor, mas em comparação no valor da sua pessoa não há igual em todo o mundo.

FERRABRÁS:

Pela fé que devo a Apolim e Tavalgante, meus muito amados e venerados deuses, me admiro do que dizes. Porque, se eu tivesse diante de mim dez cavaleiros como tu, eu não teria por grande façanha passá-los todos ao fio da minha espada.

OLIVEIROS:

Muito falas, porém eu creio que só de mim tens medo e por isso dilatas a batalha. Arma-te e sai-te ao campo, porque nem as tuas grandezas me espantam, nem os teus louvores te acreditam, antes com isso ficarás mais desprezado.

FERRABRÁS:

Guarim, eu te rogo que te queiras apear e me ajudes a armar.

OLIVEIROS:

Não crejas que tal faça, pois não me hei-de confiar em ti.

FERRABRÁS:

Com muita segurança te podes fiar em mim, pois jamais coube no meu coração vileza ou traição alguma.

19 OLIVEIROS:

Turco, cuida este dia em ser bom cavalleiro; porque tenho Esperança n'aquelle, que pelo genero humano padeceu paixão e * morte, de te levar morto, ou vivo, a Carlos Magno:

20 FERRABRAZ:

Guarim, eu te peço que sejas fidalgo no teu pelejar:

20 OLIVEIROS:

Eu te prometo que o serei sem duvida alguma:

21 FERRABRAZ:

Guarim, deixa a batalha, que eu te offerêço toda a honra d'ella:

21 OLIVEIROS:

Turco, não me tornes a falar mais n'isso, porque te hei de levar, ou morto, ou vivo a Carlos Magno:

1.^a Batalham)

* 25

Olv. 15.^a

Turco não me tornes a falar niso

que te hei de levar môrto ou vivo a Carlos Magno:

Batalha

F. F. 15.^a

Goarim eu te peço que não sêjas fidalgo no teu pelejar:

Olv. 16.^a

Eu te prometo que serei sem mêdo algum:

Batalha

F F 16.^a

Goarim deixa a batalha que eu te ofrêço a hõnrra dêla:

Olv. 17.^a

Turco cuida de ser bom cavalleiro que tenho esperança na quele que pêlo genêro humano padeceu á morte de te levar morto ou vivo a Carlos magno:

OLIVEIROS:

Eu sempre te vou
ajudar a armar,
mas em turco há-de haver
pouco que fiar.

*Ferrabrás levanta-se com ajuda de
Oliveiros. Daqui em diante no fim de
cada fala trocarão de posições, bem
como os seus acompanhantes Guarim e
Brutamontes.*

FERRABRÁS:

Guarim, peço-te que sejas fidalgo no
teu pelejar.

OLIVEIROS:

Eu to prometo que o serei sem dú-
vida alguma.

Batalham ao toque da caixa.

OLIVEIROS:

Turco, cuida este dia em ser bom
cavaleiro, porque tenho esperança na-
quele que pelo género humano padeceu
paixão e morte que te hei-de levar morto
ou vivo a Carlos Magno.

FERRABRÁS:

Guarim, eu te rogo que deixes a ba-
talha, que eu te ofereço toda a honra
dela.

22 FERRABRAZ:

Tu és christão, e tens grande confiança na ajuda do teu Deus, pelo qual te peço, e pelo baptismo que recebes-te, e pela reverencia que deves á cruz aonde o teu Deus foi encravado, e assim tambem pela fidelidade que deves a Carlos Magno teu senhor, que me digas se és Roldão, ou Oliveiros ou algum dos doze pares, porque a tua grande ouzadia e valor, me faz crer que és algum, ou o mais principal * d'elles; e dize-me com verdade o teu nome, e linhagem de onde procedes:

22 OLIVEIROS:

Não sei, turco, quem te ensinou a conjurar um christão, pois mais fortemente me não podias obrigar a dizer-te a verdade. E assim sabe que eu sou Oliveiros, filho do Duque Regnier, e um dos pares de França:

23 FERRABRAZ:

Por certo que bem conheci no teu bom modo e bizzarria, que eras outro, e não o que me dizias; pois assim és o senhor Oliveiros; sejas muito bem vindo, que se antes te conhecera, logo fizera o teu mandado; e porque vêjo as tuas armas tingidas em sangue que do teu corpo sai; has de fazer uma das duas coisas, ou retirar-te a curar das tuas feridas, ou beberes do balsamo que comigo trago e que já te tenho offerecido; porque, se beberes d'elle, logo sararás, e assim poderas pelejar e defender * a tua vida, e eu terei por cobardia o matar-te, estando tu ferido de outros Cavalleiros:

* 26 * 27

F F

17.^a

Tu es chistão e tens grande confiança na ajuda do teu deus pêlo qual te peço e pêlo baptismo que recebestes e pela reverencia que deve a cruz teu senhor foi o teu deus encravado e asim tambem pela fedelidade que * déves a Carlos magno teu senhor que me digas se es Roldão ou Oliveiros ou algum dos dôze páres porque a tua grande azadia e valôr me faz crer que és algum ou o mais principal dêles e dis-me com verdade o teu nóme e linhagem de onde proçedes:

Olv.

18.^a

Turco não sei quem te ensinou a comjurar um christão pois me não obrigas a dizer a verdade agóra te quero dizer quem sou eu — Oliveiros filho do Duque Regnér um dos dôze páres de França:

F F

18.^a

Por çerto que bem conheço no teu bom modo e vizaria que eras outro e não eras quem me dizias pois asim és o Senhor Oliveiros Séjas muinto bem vindo que se antes que te conheçêra lógo fizêra o teu mandado e porque vêjo as tuas armas tingidas em sangue que do teu corpo sai hás de fazer uma das duas coizas ão retirar-te a curar as tuas feridas ou bebêres do balssamo que comigo trago e ja te tenho ofereçido porque se beberes dêle lógo sara-rás asim podes pelejar e defender a tua vida e eu terei por cobardia matar-te estando tu ferido de outros cavalleiros:

* 11.^a pg.

OLIVEIROS:

De nenhum modo a deixarei, só se quiseres ir prisioneiro a Carlos Magno.

FERRABRÁS:

Tu és cristão e tens grande confiança na ajuda do teu Deus, pelo qual te peço, pelo baptismo que recebestes e pela reverência que deves à Cruz onde o teu Deus foi cravado e assim também pela fidelidade que deves a Carlos Magno, teu senhor, que me digas se és Roldão ou Oliveiros ou algum dos Doze Pares, porque a tua grande ousadia e valor me faz crer que és algum ou o mais principal deles. Diz-me com verdade o teu nome e a linhagem donde procedes.

OLIVEIROS:

Não sei, turco, quem te ensinou a conjurar um cristão, mas mais fortemente me não podias obrigar a dizer-te a verdade. Assim saibas que sou Oliveiros, filho do Duque de Regnier, um dos Doze Pares de França.

FERRABRÁS:

Por certo que eu bem conheci nesse teu modo e bizzarria que eras outro e não o que me dizias. Pois, já que é o Senhor Oliveiros, seja muito bem-vindo porque se eu antes o conhecera logo fizera o teu mandato. E, porque vejo as tuas armas todas tintas de sangue, que do teu corpo sai, hás-de fazer-me uma de duas coisas: ou retirar-te e curar as tuas feridas ou beber do bálsamo que comigo trago e que já te tenho oferecido. E, se dele beberes, logo sararás e assim poderás pelejar e defender a tua vida; e eu não terei por cobardia matar-te, estando tu já ferido de outros cavaleiros.

A

23 OLIVEIROS:

Senhor Ferrabraz de Alexandria, agradeço-te a mercê que me fazes; mas tem por certo que não tenho necessidade, n'ém de me curar, n'ém de beber o teu balsamo; deixêmos as praticas, e vamos á batalha; porque esta não se escusa, salvo com condição que deixes os teus Deuses, e te baptizes e creias na lei de Christo. E se isto fizeres, alcançarás a vida eterna, e terás por bom amigo ao Imperador Carlos Magno; e eu te prometo de n'unca deixar a tua companhia:

24 FERRABRAZ:

Oliveiros, não tentes n'ém creias, que por modo algum, hei de fazer o que me dizes:

2.^a (Bat.)

(E opostos ambos com grande furor; torna Ferrabrás a dizer a Oliveiros:

25 FERRABRAZ:

Oliveiros bebe do meu balsamo:

24 OLIVEIROS:

* Ferrabraz, não te quero vencer por virtude do balsamo, senão com a Espada, e armas, como cavalleiro:

(3.^a Batalham) e Ferrabraz feriu a Oliveiros, e este disse entre si:

* 28

B

Oliv.

19.^a

Senhor Farabraz d'Alixandria agradeço as merçes que me faz mas não tenho neçedidade de beber do teu bálsamo mas tenho neçidade de curar nem beber do teu balsamo. Mas deixemos-nos de praticas e vamos á batalha por que esta não se escusa com comdição que deixes os teus deuzes e te Batizes e creis na lei de christo. E se isto fizeres alcançarás a vida eterna e teras por bão amigo ão Imparador Cárlos magno e eu te promêto de nunca deixar a tua companhia:

F F

19.^a

Oliveiros não tentes nem creias que por modo algum hei de fazer o que me dizes:

Batalha ao fim da Batalha diz

F F

20.^a

Oliveiros bebe do meu balsamo:

Olv.

20.^a

Farabraz nao te quero vencer pôr virtude do teu balsamo mas pela espada e armas como um cavalleiro

Batalha Farabraz fere oliveiros
farabraz da um golpe em oliveiros

OLIVEIROS:

Senhor Ferrabrás de Alexandria, agradeço-te muito a mercê que me fazes, mas tem por certo que não tenho necessidade nenhuma nem de me curar nem de beber do teu bálsamo. Deixemos a prática e vamos à batalha, porque esta não se escusa, salvo com a condição: que deixes os teus deuses e te baptizes, e queiras crer na lei de Jesus Cristo; porque, se isto fizeres, alcançarás a vida eterna e terás por bom amigo o nobre Imperador Carlos Magno e eu te prometo que nunca mais deixarei a tua companhia.

FERRABRÁS:

Oliveiros, não te canses, porque de nenhum modo hei-de fazer o que dizes.

(Faz uma pausa)

Oliveiros, bebe do meu bálsamo e lograrás saúde e toda a força que tens perdido.

OLIVEIROS:

Ferrabrás, não te quero vencer por virtude do teu bálsamo, se não pelas armas como bom cavaleiro.

Lutam agora por uns momentos e Oliveiros perde a sua lança. Depois da fala seguinte Guarim dá-lhe uma espada.

A

25 OLIVEIROS:

Ó meu Deus, ó meu Deus; que cruel golpe foi este!... Ó Virgem santíssima, a ti me encomendo, roga, senhora, a teu amado filho Jesus Christo, que não permita que morra este seu Cavalleiro às mãos d'este turco:

26 FERRABRAZ:

Oliveiros nobre cavalleiro, já sabes como corta a minha Espada, e assim toma o meu conselho; vai-te para tua casa e cura-te das tuas feridas, porque se porfias n'esta batalha, não viverás n'em uma hora, pois te vêjo já desmaiado pelo muito sangue que tens perdido, e assim manda-me Roldão, ou outro dos mais valentes dos doze pares, que eu aqui * esperarei apé firme sem medo, e isto ás de fazer, antes que mais esprementes as minhas temidas forças:

26 OLIVEIROS

Ó turco, ousas ameaçar-me de dar-me a morte? Eu espero n'aquelle justo Deus, que t'a darei eu a ti:

(4.^a Batalham) e Ferrabraz feriu outra vez a Oliveiros, e este só com esperança no socorro de Deus, começou a exclaimar:

* 29

B

*Olv.

21.^a

Ó meu deus. O meu deus que cruel golpe foi este: Ó virgem santissima a ti me incomendo e rógo Senhora o teu amado filho Jesus-chisto que não permita que mórta nas mãos deste cavalleiro turco?

F F

21.^a

Oliveiros nobre cavalleiro ja sabes como corta a minha espada e asim toma o meu conzelho vae para tua caza e cura-te das tuas feridas porque se porfias nesta batalha nao viveras nem uma hora — pois te vêjo ja desmaiado pelo muinto sangue que tens perdido e asim manda-me Roldão ou outro dos mais valentes dos dôze páres que eu aqui apé firme sem medo e isto hásde fazer antes que espremente as minhas temidas fôrças

Olv.

* 22.^a

O turco tu tôda a vida me ameaças dar-me a mórte mas eu tenho esprança naquele meu Justo deus que ta eu de dar a ti

Batalha

* 12

OLIVEIROS:

Ó meu Deus, que cruel golpe foi este! Ó Virgem Santíssima a ti te rogo e peço, Senhora, que não deixes falecer este cavaleiro nas mãos deste turco. (var. 80: Ó meu Deus, que cruel golpe! Ó Virgem Santíssima, a ti me encomendo. Roga, Senhora, a teu amado Filho, Jesus Cristo, que não permita que morra este cavaleiro às mãos deste turco.)

FERRABRÁS:

Oliveiros, nobre cavaleiro, já sabes como corta a minha espada, e assim toma o meu conselho: vai para casa, cura as tuas feridas, porque, se porfias nesta batalha, não viverás mais uma hora; pois te vejo já desmaiado pelo muito sangue que tens perdido e derramado. E assim manda-me Roldão ou qualquer dos Doze Pares, que eu te juro pelos meus deuses que os hei-de esperar aqui a pé firme. E isto hás-de fazer antes que mais experimentes as minhas forças.

OLIVEIROS:

Ó turco, todavia tu me ameaças em querer dar-me a morte, mas é que eu espero naquele justo Deus que ta darei eu a ti.

Combatem.

CARLOS MAGNO:

Soldados cristãos... ajoelhar... tirar o barrete!

A

27 OLIVEIROS:

Ó meu Deus e senhor; princípio meio e fim de todas as coisas, que estão sob o firmamento, e com a tua própria mão formas-te o nosso primeiro pai Adão, e por companheira, lhe d'este a Eva, formada de sua costella, e os collocaste no paraizo terrial, e um só fruto lhes prohibis-te; e d'elle, enganados do demonio, comeram, e por elle perderam o paraizo. E tu, senhor doendo-te da perdição do genero humano, baixas-te * ao mundo, e tomas-te humana carne no ventre virginal da Santissima Virgem Maria Senhora nossa; e os trez reis vieram de longes terras a adorarte; e te offereceram as suas dadas de oiro, incenso, e mirra, e logo El-rei Herodes, imaginando matar-te, fez morrer muitos meninos inocentes; e depois pregas-te n'este mundo a tua santa doutrina, e os judeus invejosos te cravaram na cruz, e estando n'ella, te abriu Longuinhas com uma lança, o teu santo peito, e d'elle sahiu sangue e agua (que é figura do Sacramento) e cahindo nos olhos do cego Longuinhas, recuperou a vista, que tinha perdida, e crendo em ti, se salvou e o teu santo corpo foi sepultado em um monumento de pedra, e ao terceiro dia * ressuscitas-te; tiras-te as almas dos santos padres, que estavam no Limbo, e no dia da tua Ascensão, á vista dos teus discipulos, subiste ao ceo. Assim, senhor, como firmemente creio isto, te peço, queiras ser em minha ajuda, contra este turco; porque vencido, se converta, e creia em ti, e entre no verdadeiro caminho da sua salvação:

(Beija Oliveiros a cruz da Espada)

* 30

* 31

B

Olv.

23.^a

Oração

Clamação

O meu Deus e senhor princípio meio e fim de todas as coisas que estão no firmamento e com a tua própria mão formastes o noso pae adão e por companheira lhe deste a Éva formada da Sua costela e os collocastes no paraizo terreal e um só fruto lhes prohibistes e d'ela enganada do demonio comeram e por ela perderam o paraizo. E tu senhor lhe deu em dote de perdição do género humano baixastes ao mundo tomastes a carne humana no ventre Virginal da Santissima Vigem Mãria Senhora Nossa e os trez reizes vieram de longes terras a durarte: e te offereceram as dadas de Ouro, incenso e mirra e depois declarastes que imaginavas matar e fazer morrer muintos meninos inocentes: Foi depois que pregas-tes neste mundo a santa Doutrina e os judeus te cravarão na cruz depois deste modo Lunguinhas com uma lança te abriu o teu santo peito e d'ele saiu sangue e agua que era figura do Sacramento cobrindo os hólhos do Cégo Lunguinhas recuperou a Vista que tinha perdido e querendo este salvou o seu Santo corpo ficando sepultado em uma*sepultura de pedra e ao terceiro dia rusçitates e vista dos seus discipulos e as almas dos santos padres que lá estavam no limbo e no dia da tua Azenpção á vista dos teus discipulos subiste ao ceu assim Senhor firmemente e creio nisto sem duvida alguma nem contradição nem incredulidade e te peço que me queiras ajudar-me contra este túrco porque vencido ele se converta creio em ti para que ele entre no verdadeiro caminho da Salvação:

* 13 pg.

OLIVEIROS (*com voz suplicante*):

Ó meu Deus, princípio, meio e fim de todas as cousas que estão no firmamento, e que com a tua própria mão formaste o nosso primeiro pai Adão e por companheira lhe deste Eva, tirada (formada) de sua costela, e colocaste no Paraíso Terreal. Um só fruto lhe proibiste e enganados do Demónio comeram e perderam o Paraíso. E tu, Senhor, condoendo-te a perdição do género humano, abaixastes ao mundo e tomastes a humana carne no ventre virginal da Santíssima Virgem Maria Senhora Nossa. Vieram os três reis de longes terras adorar-te e te ofereceram dádivas de ouro, incenso e mirra. E logo o Rei Herodes, imaginando matar-te, fez morrer muitos meninos inocentes. E depois pregaste neste mundo a tua santa doutrina e os judeus invejosos te cravaram numa cruz. Estando nela, Longuinhas te abriu o teu santo peito com uma lança e logo jorrou sangue e água, que era a figura do Santíssimo Sacramento, e caindo nos olhos do cego Longuinhas recuperou a vista que se tinha perdido e crendo em ti se salvou. O teu santíssimo corpo foi sepultado em um monumento de pedra. Ao terceiro dia resuscitastes, baixastes ao Limbo e tirastes as almas dos Santos Padres, que lá estavam esperando pela tua santa vinda. No dia da Ascensão, à vista dos teus discípulos, assubistes ao céu. E assim, Senhor, como firmemente creio, sem contradição alguma de incredulidade, te peço que queiras ser em minha ajuda contra este turco, porque vencido se converta e creia em ti e entre no verdadeiro caminho da sua santa salvação.

27 FERRABRAZ:

Por tua vida Oliveiros, te peço que me declares a Oração, que até agora disses-te com tanta devoção:

28 OLIVEIROS:

Prouvera a Deus Ferrabraz, que cresses tu em o que eu disse; como eu creio, e que deixasses os abusos dos teus falsos Idolos, e conhecesses o teu verdadeiro Creador; e Redemptor, e recebesses o Santo Baptismo e guardasses os seus Santos Mandamentos:

* 28 FERRABRAZ:

Nisso, n'em por graça em tal cousa me fales, porque os meus Deuses são muito piedosos para quem por elles clama, e tu estás vendo que o teu Deus te não quer ajudar em tão cruel batalha, por onde te dou de conselho; que deixes o teu Deus, e te faças mouro comigo:

29 OLIVEIROS:

Turco, pois ousas dizer-me que deixe ao Creador do ceo e da terra, para adorar um falso Idolo de oiro, ou prata, feito por mãos de homens? isso só fazem os cegos do entendimento, aos quais, traz o demonio enganados, como te traz a ti e aos teus; Deixêmos essas razões e vamos á batalha:

29 FERRABRAZ:

Tu, toda a vida porfias em querer morrer ás minhas mãos; pois defende-te, que não terei piedade de ti:

F F 22.^a

Por tu vida Oliveiros te peço que me declares a oração que ate agóra disestes com tanta devoção ;

Farrabraz remete para Oliveiros

Olv. 24

Provêra deus Farabraz que crêsses no que eu te dise assim como eu creio e que deixasses o abúzo do teus fálssos idelos conhêças o teu verdadeiro criador e redênptor reçasas o Santo Baptismo e guardes os santos mandamentos:

F F 23.^a

Nisso nem por graça em tal coiza me fales porque os meus deuses são muintos piadózos para quem por eles clâma e tu esta vendo que os teus deuses te não quer ajudar em tão cruel Batalha por onde te dou de conçelho que deixes o teu Deus e te faças mouro comigo:

Olv. 25.^a

Turco simplesmente fala e me dizes o que disse o Creadôr do Çêu e da térra para adorar um falso idolo de ôuro e prata feitos por mãos de hómens. Isso só fazem os çegos de entêndimento os quais *o diabo* traz encantado a ti e áos teus mais deixemos-nos de razões e vamos á Batalha:

F F 24

Tu toda a vida perfias em querer murrer nas minhas mãos procura defender-te que não terei piadade de ti

CARLOS MAGNO:

Soldados cristãos... levantar...
colocar o barrete!

FERRABRÁS:

Por tua vida, Oliveiros, te peço que
me declares essa oração, que ainda
agora disseste com tanta devoção.

OLIVEIROS:

Prouvera a Deus, Ferrabrás, que tu
cresses no que eu disse como eu creio;
e que deixasses os teus falsos ídolos e
conhecesses o teu verdadeiro Criador e
Redemptor e arrecebesses o santo bap-
tismo e guardasses os seus santos man-
damentos.

FERRABRÁS:

Nisso não me fales, porque os meus
deuses são piedosos para quem os
chama e vejo que o teu Deus não te
quer ajudar em tão grande necessi-
dade, por isso te dou de conselho que
deixes o teu Deus e te faças mouro.

OLIVEIROS:

Turco, simplesmente me falas para
deixar o Criador do céu e da terra,
para adorar um falso ídolo feito de
ouro ou prata. Isso só fazem os cegos
sem entendimento nem virtude, e os
quais o Diabo traz enganados, como
trazem a ti e aos teus. E deixêmo-nos
de razões e vamos á batalha.

FERRABRÁS:

Todavia tu porfias em querer mor-
rer nas minhas mãos. Pois procura
defender-te que eu já não terei de ti
nenhuma piedade.

A

30 OLIVEIROS:

N'em eu a terei de ti, n'em descançarei * até dar-te a morte, ou levar-te preso a Carlos Magno:

(5.^a Batalham) e Ferrabraz feriu Oliveiros, e o seu cavallo; e este largou a correr pelo campo com tal furia que fez as redeas em pedaços sem que Oliveiros o pudesse fazer parar, e Ferrabraz dando esporas ao seu se poz diante e o fez parar; e Oliveiros vendo a Ferrabraz junto a si, entendeu que este o queria segurar para o ferir, e saltando ligeiramente em terra lhe disse:

17 OLIVEIROS:

Turco, faze o que puderes, que nenhuma vantagem te conheço, ainda que estás a cavallo, e eu apê; porque sempre te hei de matar, ou ferir e render:

30 FERRABRAZ:

Não creias ó Oliveiros que levante a minha Espada para ferir-te, enquanto estiveres a pé, porque tu não tens culpa da falta do teu cavallo, e assim concerta as redias e monta n'elle, e tornaremos * á batalha se quizeres, e se a quizeres deixar para outro dia, n'este campo nos encontraremos:

32 OLIVEIROS:

Ferrabraz, não ha de cessar a batalha sem a morte ou vencimento de um, ou de outro:

6.^a Batalham

* 33

* Pagina 34 = Folhas 17

B

Olv. 26

Nem eu terei de ti nem descançarei até dar-te a mórte levarte prêzo a Carlos magno:

F F 25.^a

Não creias Oliveiros que levante a minha espada para ferir-te em quanto estiveres apê porque tú não tens a culpa da falta do teu caválo e asim concerta as rédias e monta nêl torna-rêmos á Batalha se quizeres deixâres para o outro dia neste campo a qui nos*encontra-remos:

Olv 27

Farabraz nóbre cavalheiro não se há de escuzar a Batalha sem o vençimento de um ou de Outro:

* 14 pg.

OLIVEIROS:

Nem eu terei de ti, nem descansarei
até dar-te a morte ou levar-te preso a
Carlos Magno.

Combatem por momentos.

OLIVEIROS:

Turco, faz de mim o que puderes
que nenhuma vantagem te conheço,
ainda que tu estejas a cavalo e eu a pé,
sempre te hei-de matar, ferir ou render.

FERRABRÁS:

Não creias, Oliveiros, que eu le-
vante a minha espada para ferir-te,
enquanto estiveres de pé, porque tu
não tens culpa da falta do teu cavalo,
e assim conserta as rédeas e monta nele
e prossigamos a nossa batalha, se qui-
seres. E, se a quiseres deixar para outro
dia, neste campo te esperarei, sem
dúvida.

OLIVEIROS:

Ferrabrás, nobre cavaleiro, não
há-de cessar a batalha sem a morte ou
vencimento de um ou outro.

A

31 FERRABRAZ:

A tua bizzarria e nobreza, me faz Oliveiros, perder o dezejo d'esta batalha, e assim te peço por mercê, que a deixes de vez, e leves a honra d'ella:

33 OLIVEIROS:

De nenhuma maneira a deixarei, salvo se quizeres ir prisioneiro a Carlos Magno:

7.^a Batalham

32 FERRABRAZ:

Oliveiros, por certo que estou admirado do teu grande valor e esforço do teu coração; Com o teu sangue tenho regado todo o campo, e vejo o teu elmo e arnez despedaçados e desgarnecidos, e a minha cortante Espada toda tinta em sangue, e o teu cavalllo muito cançado, pelos grandes golpes e pancadas, que hoje de mim tem recebido, e eu enfadado já de te ferir, * e o teu nobre coração, n'unca enfadado n'em perturbado, antes está muito mais feroz que no principio da batalha. Muito quizera que gosasses a tua nobre mocidade; e por isso te tenho pedido muitas vezes que deixes a batalha, e de novo te rogaria, só por não encortar os teus dias, se te visse com proposito de tomar o meu conselho; mas como vêjo as tuas forças muito diminutas, e os teus braços e membros muito cançados, e por outra parte vejo o teu enganado coração arder no dezejo de pelejar, desprezando os golpes da minha forte Espada e aborrecendo as minhas razões, e praticas, attribuindo a cobardia o que é generosidade da mi-

* 35

B

F F

26

A tua bizaria e nobrêza me fáz Oliveiros perder o dezêjo desta Batalha assim te pêço por mercê que deixes de vêz e leves a hõnrra d'êla

Batalha

Olv.

28

De nenhuma maneira serei sálvo só se quizeres ir prezoneiro a Carlos Magno.

Batalha

F F

27

Por certo que estou admirado do teu grande Valôr e esfôço do teu coração com o teu sangue tenho regado todo o campo e vejo o teu elmo e arnêz despedaçados desgarnecidos e a minha constante espada toda tinta em sangue e o teu cavállo muito cançado pelos grandes gôlpes que hoje de min tens recebido e eu enfadado de te ferir e o teu nóbre coração nunca enfadado nem peturbado antes esta muinto mais feróz que no principio da Batalha muinto quizêra que gozáces a tua nobre moçidade e por iso te tenho pedido muintas vezes que deixes a Batalha e nôvo te rogaria só para não enserir os teus dias se vise com prepozito de tomar o meu conçelho mas como vêjo as tuas fôças muinto diminutas e os teus braços e mênbro muinto cançados e por outra parte vêjo o teu enganado coração com o dezêjo de pelejar desprezando os gôlpes da minha fôrte espada aborreçendo-te as minhas rezões e pratica attribuindo a cobardia o que e generosidade da minha pessoa ou nobrêza do meu réal

FERRABRÁS:

A tua nobreza e bizarria me faz,
Oliveiros, perder o desejo desta bata-
lha. E assim te peço por mercê, que a
deixes e leves toda a honra dela.

OLIVEIROS:

De nenhuma maneira a deixarei.
Só se (salvo se) quiseses o ir prisioneiro
a Carlos Magno.

FERRABRÁS:

Oliveiros, por certo que estou admi-
rado do teu grande valor e esforço do
teu coração. Com o teu sangue tens
regado todo o campo e vejo o teu elmo
e arnês despedaçado e desguarnecido;
a minha cortante espada toda tinta de
sangue que do teu corpo sai; o teu
cavalo muito cansado pelos golpes e
pancadas que hoje tem recebido e eu
enfadado já de te ferir, o teu forte
coração nunca enfadado nem pertur-
bado, antes está mais feroz e atrevido
que no princípio desta batalha. E por
isso muito quisera que gozasses a tua
mocidade e de novo te rogaria se te
visse com o propósito de tomar o meu
conselho; mas como vejo as tuas for-
ças muito diminutas, os teus braços e
membros muito cansados e por outro
lado, vejo o teu enganado coração
a arder no desejo de pelejar; despre-
zando os golpes da minha cortante
espada; aborrecendo as minhas razões
e práticas; atribuindo a cobardia a
generosidade da minha pessoa ou a

A

nha pessoa, ou nobreza do meu real sangue, que me obriga a dizer-te a verdade. E assim, já que tanto foges do que todos os habitantes dezejam, que e o viver em paz; encomenda a tua alma ao teu Deus, porque o teu cansado corpo já não terá esforço * para livrar-te do furor do meu forte braço:

8.^a Batalham) e Ferrabraz feriu Oliveiros, e este disse:

34 OLIVEIROS:

Ó verdadeiro Deus todo poderoso, ouve esta tua alma, já que o corpo não mereceu ser ouvido; vejam os teus clementísimos olhos este indigno servo teu, que te chama na sua última hora; Não peço senhor; o vencimento da batalha, somente te peço que esta pecadora alma, resgatada com o teu precioso sangue, não perca a glória, que prometeste às tuas fieis criaturas. Ó virgem bendita, mãe de misericórdia, roga pelo teu Cavalleiro, que te chama em tão grande necessidade e ancia:

E dizendo isto se foi para Ferrabraz dizendo:

35 OLIVEIROS:

Eia, Cavalleiro, demos já fim a esta dilatada batalha, e procura defender-te, que se fico morto no campo, farei que te não vás gabar ao povoado:

33 FERRABRAZ:

* Oliveiros, nobre cavalleiro muito me pesa do teu mal; chega-te depressa a mim; e bebe do meu balsamo, lograrás saúde e toda a força que tens perdido:

* 36

* 37

B

sangue que obrigas a dizer-te a verdade. E assim já que tanto fôges do que todos os habitantes dezejam que é viver em paz encomenda a tua alma ao teu deus porque o teu corpo já não terá esforço para te livrar do furor do meu forte Braço:

Olv. 29

O verdadeiro deus e todo pederôzo ouve esta alma Já que o corpo não merece ser ouvido vejo pois os teus clementísimos olhos cravados neste indigno servo teu que te chama na sua. Ora eu não péço já senhor o vencimento da Batalha somente te péço que esta *pecadora alma resgatada com o teu preciosíssimo sangue não perca a glória que prometestes às tuas fieis criaturas. Oh! Virgem Bendita mãe Mezericordia roga pelo cavalleiro que te chama em tam grande neçidade e ância:

duas repostas seguidas

Olv. 30

Cavalleiro demos já fim a esta dilatada Batalha e procura defender-te porque ficas morto no campo te não báz gabar ao povoado:

F F 28

Oliveiros nobre cavalleiro muito me peza o teu mal chêga-te depressa a mim e bebe do meu balsamo: Lograrás saúde todas as tuas forças que tens perdido:?

* 15 pg.

nobreza do meu real sangue que me obrigas a dizer-te a verdade. E assim, já que tanto foges do que todos os viventes desejam, que é viver, entrega a tua alma ao teu Deus, porque o teu cansado corpo já não terá esforço para livrar-se do furor do meu forte braço.

OLIVEIROS:

(*var. 80: Dêmos já fim a esta dilatada batalha. Ó verdadeiro...*)

Ó verdadeiro Deus todo poderoso, ouve esta alma já que o corpo não te mereceu ser ouvido, que vejam os teus clementíssimos olhos este indigno servo que te chama na última hora. Não peço, Senhor, o vencimento da batalha, só peço que esta pecadora alma, resgatada com o teu precioso sangue, não perca a glória que promettestes às tuas fiéis criaturas. Ó Virgem bendita, mãe de misericórdia, roga pelo teu cavaleiro que hoje te chama em tão grande necessidade e ânsia.

FERRABRÁS:

Oliveiros, nobre cavaleiro, muito me pesa do teu mal. Chega-te depressa para mim e beberás do meu bálsamo e lograrás saúde e toda a força que tens perdido.

A

36 OLIVEIROS:

Ó generoso turco, quão grande é a tua cortezia, e nobreza! Bem parecem as tuas acções com o nobilissimo sangue d'onde descendes; mas adverte que não hei de beber do teu balsamo, se com a minha Espada o não ganhar:

9.^a Batalham, e Oliveiros ganhou o balsamo a Ferrabraz, e bebeu d'elle, e ficou são, e dando infinitas graças a Deus, disse entre si:

37 OLIVEIROS:

Nenhum bom cavalleiro, deve pelear com esperança de tais bebidas:

E tomou os barris dos balsamos e os lançou n'um rio; e vendo Ferrabraz os seus barris dos balsamos perdidos, com grande raiva lhe disse:

34 FERRABRAZ:

Ó Oliveiros homem simples e sem juizo que em tão pouco tempo perdeste um thesouro que valia mais que * todo o mundo; apercebe-te pois que entendo que bem, o haverás mister antes que de mim te apartes:

(antes estava escrito: apparelha-te que entendo que será mister que de mim te apartes:)

10 Batalham:) E Ferrabraz matou o cavallo a Oliveiros, (por resvalar a Espada do Escudo de Oliveiros) ficando Oliveiros apeado, e muito triste, disse a Ferrabraz:

* 38

B

Olv. 31

Oh! generôzo cavalheiro grande é a tua cortezia e nobreza bem me parecem as tuas ações com o nobilissimo sangue donde proçêdes mas adever-te que não hei de beber do teu balsamo só se com a minha espada o ganhar:

F F 29

Oliveiros hómem sem Juizo que em tão pouco tempo perdestes um tezouro que valia mais que tôdo o mundo apparelha-te que entendo que será misterio que de min te apárte:

OLIVEIROS:

Ó generoso turco, quão grande é a tua cortesia e nobreza! Bem parecem as tuas acções com o nobilíssimo sangue donde procedes; mas adverte que não hei-de beber do teu bálsamo, se com a minha espada o não ganhar.

Combatem.

FERRABRÁS:

Oliveiros, homem simples e sem juízo. Porque deitaste a perder o que nem com todos os tesouros do mundo se pode comprar? Aparelha-te, pois entendo que bem [o] haverá [s] mister, antes que de mim te apartes.

Combatem e Oliveiros perde a sua espada.

38 OLIVEIROS:

Ó rei d'Alexandria, e valente cavalleiro, vallyorosamente te has havido hoje contra mim; Tu te gabas-te que a cinco cavalleiros juntos, tais como eu, darias batalha, e me matas-te o cavallo, sabendo que na ordem de cavallaria, está instituido, que o cavalleiro que em desafio mata o cavallo ao outro, deve perder o seu:

35 FERRABRAZ:

Dizes a verdade, porem bem viste que eu não atirava ao teu cavallo, n'em t'o mataria, senão ficarias queixoso de mim; mas não ficarás queixoso de mim, espera que eu te dou o meu; e sabes que é o melhor que ha em todo o mundo, e * estou admirado como elle te não despedaçou, tanto que te viu apé ao pé d'elle; que assim o tem feito a outros muitos cavalleiros:

39 OLIVEIROS:

Não creias, Ferrabraz, que hei de receber de ti cousa alguma, salvo o ganho por força de armas:

11.^a Batalham, e ficou Oliveiros sem escudo e sem espada:

36 FERRABRAZ:

Ó nobre Oliveiros Cavalleiro de grande honra, por certo que tenho alcançado alguma coisa do que desejava sobre ti, e tu não imaginavas, e assim bem te podes dar por vencido porque estás sem Espada, e já não te atreves a tomar'a; E pela tua grande nobreza e bisarria, quero fazer um partido contigo, para que possas gosar a tua nobre mocidade: E é; que prometas deixar a

* 39

Olv

32

O Rei d'Alixandria e valente cavalleiro e valeróamente hoje contra min os cinco cavalleiros juntos taes como a ti me daria Batalha e me matastes o caválo esto é, que quem em dezafio mata-o- cavalo ao outro deve perdeu o seu.

F F

30

Dizes a verdade porem vem vistes que eu não atirava ao teu cavállo nem to mataria senão ficarias queixôzo de min mas não ficarás queixôzo de min espéra que eu te dou o meu e sabes é o melhor que há em todo o mundo e estou ademirado como ele te não despedaçou tanto que já te viu apé ao pé dele que asim o tem feito a outros muintos cavalleiros:

Olv.

33.^a

Não creias Farabraz que hei de receber de ti coiza alguma sálvo se o ganhár por força d'Armas:

(Batalha)

Ficou oliveiros sem a lança

F F

31

Ó nobre oliveiros cavalleiro de grande hõnrra por certo que tenho alcançado alguma coiza do que dezejava *sobre ti não imaginavas é asim bem te podes dar por vençido porque estás sem espada e ja te não atreves a toma-la E pela tua grande nobrêza e bizaria quero fazer um partido com tigo para que pósas gozár a tua nobre mocidade E é que prometas dei-

* 16 pg.

FERRABRÁS:

Ó nobre Oliveiros, cavaleiro de grande honra, por certo que já tenho alcançado alguma coisa do que desejava sobre ti e que tu não imaginavas; e assim te podes dar já por vencido, porque estás sem espada e já não te atreves a tomá-la. E pela tua grande nobreza e bizzarria quero fazer um partido contigo, para que te possas lograr da tua mocidade. E é que prometas

A

tua lei, e adores os meus Deuses, e lhes peças perdão dos muitos danos que tens feito aos turcos, e d'esta maneira poderás evitar a morte; e casar-te-hei com minha irmã Feloripes, que é a Dama (*por baixo estava escrito: donzella*) mais formosa * e mais honrada que ha em toda a Turquia, e se isto fizeres antes de um ano, voltaremos com um grande exercito, e ganharemos todo o reino de França, e te farei coroar rei d'ella, e depois entraremos por toda a Allemanha, e tudo o que ganhar-mos sera teu, e das terras que possu-o, te darei metade, e assim ficarás o homem mais poderoso de todo o mundo:

40 OLIVEIROS:

Turco, de balde falas pois ainda que me d'esses todós os teus reinos, e thesouros do mundo, não faria coisa alguma do que me dizes; antes consentira que me despedaçassem todo o corpo, membro por membro, pedaço por pedaço; do que discrepar n'em fugir um só ponto da lei do meu Deus, e meu senhor Jesus Christo:

37 FERRABRAZ:

Juro-te pelo poder dos meus Deuses, que és o mais obstinado homem de todo o mundo pois nenhum partido queres fazer comigo; e * assim te podes gabar que n'unca nenhum homem durou tanto tempo diante de mim, sem que eu lhe não desse a morte; n'em em alguma batalha fui tão combatido e cançado, como n'esta tenho sido; e pelo teu grande valor, quero usar d'esta cortezia: E é; que tomes a tua Espada, e com ella tornes á batalha, que eu deixarei o escudo; para que fiquemos ambos eguaes nas armas:

* 40

* 41

B

xar a tu lei e adóres os meus dêuzes e lhe peças perdão dos muintos d'ános que tens feito aos turcos e desta maneira poderas ivitar a mórt e cazar-te-hei com minha irma Feloripes que é a dáma mais formosa e mais honrada que á em toda a torquia e se isto fizéres antes de um áno voltaremos com um grande exzêrcito e ganharemos todo reino de França e te farei croár rei d'ela e depois entraremos por toda Alemánha e tudo o que ganha-mos será teu e das terras que pesuo te darei metade e assim ficarás o homem mais pederôzo de tôdo o mundo:

Olv.

34.^a

Turco de balda-te e fala pois a inda que me deses todos os teus reinos e te-zôuros não faria nada do que me dizes antes me contentaria que me despedaçassem todo o meu corpo membro por membro pedaço por pedaço do que desculpar-me nem fugir um só ponto da lei do meu Senhor Jezus christo:

F F

32.^a

Juro-te pelo poder dos meus deuses que és o mais obstinado homem do mundo pois nenhum partido quéres fazer commigo e assim te podes gabar que nunca nenhum hómen durou tanto tempo diamte de min sem que eu lhe não dése a mórt e nem alguma batalha fui tão combatido e cançado como nesta tenho sido e pelo teu grande valôr quero uzar da cortezia e é que tomes a tua espada e com éla tornar batalha que eu deixarei o escudo para que fiquêmos ambos iguâes nas armas:

deixar a tua lei e adores os meus deuses e lhes peças perdão dos muitos danos que tens feito aos turcos. Desta maneira poderás evitar a morte e casar-te-ei com a minha irmã Floripes, que é a mais formosa dama que há em toda a Turquia. E, se isto fizeres, antes de um ano voltaremos com um grande exército e ganharemos o reino da França, farei-te coroar rei dela e depois entraremos por toda a Alemanha e tudo o que ganharmos será teu e das terras que possuo ainda te darei uma grande parte delas.

OLIVEIROS:

Turco, debalde falas, pois ainda que me desses todos os reinos e tesouros do mundo, não faria coisa alguma do que dizes, antes consentiria que me despedaçassem todo o meu corpo, membro por membro, pedaço por pedaço, do que discrepar em um só ponto da lei do meu Deus e meu Senhor Jesus Cristo.

FERRABRÁS:

Juro-te pelo poder dos meus deuses que és o mais obstinado homem do mundo. Pois que nenhum perigo ou trabalho te hão feito mudar o propósito, nem afrouxar o coração e assim te podes gabar de que nunca homem nenhum durou tanto tempo diante de mim nem em alguma batalha fui tão combatido e cansado como nesta tenho sido. E por isso te rogo e dou de conselho que tomes a tua espada, que eu deixarei o escudo para que fiquemos ambos iguais nas armas.

A

41 OLIVEIROS:

Nobre turco; não posso negar a tua cortezia, e grande nobreza, mas por tudo quanto ha no mundo, n'unca tal farei, porque o meu propósito é acabar a batalha, e esta não terá fim sem a morte de um de nós, ou de ambos; se por cortezia eu tomasse a minha Espada, e com ella alcançasse a victoria, ou poder sobre ti, como te poderia negar a paz, ou tregoa, se ma pedisses? ...e assim faze tudo o que poderes contra mim, porque a minha vida, ou morte * deixo nas mãos do meu redemptor e Deus Omnipotente, por cuja graça espero resgatar a minha Espada:

12.^a Batalham; e Oliveiros ganhou uma das Espadas a Ferrabraz:

38 FERRABRAZ:

Ó minha querida e admiravel Espada, á tantos que te possu-o e estimo, tantas batalhas tenho ganhado contigo, tantos christãos tens degolado, e agora me pesa muito de te perder:

42 OLIVEIROS:

Ferrabraz de Allexandria, guarda-te agora, que estou provido de boa Espada:

* 42

B

Olv.

35.^a

Nóbre turco não pôsso negar a tua cortezia e grande nobreza por tudo quanto á no mundo numca tal farei porque o meu prepozito e acabár a Batalha e esta não terá fim sem a morte de um de nos ou anbos se por cortezia toma-ses a minha* Espada e com ela alcançasses a vitória e o poder sôbre ti como te poderia Negar apôr dar-ta sem a pedires. Assim fás tudo que puderes contra min porque a minha vida ão mórte deixo-a nas mãos do meu Redenptor deus onipotente por cuja graça espero resgatar a minha espada:

Batalha

Oliveiros ganhou a espada a Farabraz

F F

33

O minha querida ademiravel espada a tantos ános que te pesuo e istimo tantas Batalhas tenho ganhado contigo— tantos christãos tẽnho degolado e agóra me péza muinto de te perder

Olv

36

Farabraz d'Alixandria goarda-te de mim que agora estou provado de boa espada

* 17.^a

OLIVEIROS:

Nobre turco, não posso negar a tua cortesia. Mas por tudo quanto há no mundo nunca tal farei, porque o meu propósito é acabar a batalha e esta não terá fim sem a morte ou vencimento de um de nós. Se eu tomasse a minha espada e com ela alcançasse vitória ou poder sobre ti, como te poderia negar a paz ou tréguas, se ma pedisses? E assim faz' tudo o que puderes contra mim, porque a minha vida ou morte deixo-a nas mãos do meu Redemptor e Deus Omnipotente, por cuja graça espero resgatar a minha espada.

FERRABRÁS:

Por certo, Oliveiros, que és demasiadamente teimoso. Porém depressa verás a tua destruição e que o teu Deus te não poderá livrar das minhas mãos.

Combatem por um breve instante.

OLIVEIROS:

Ferrabrás de Alexandria, guarda-te agora que estou provido de boa espada.

Combatem.

A

39 FERRABRAZ:

Cavalleiro toma a tua espada e deixa-me a minha, e prossigamos a nossa batalha:

43 OLIVEIROS:

Por certo Cavalleiro, que não deixarei a tua Espada, até que veja se é tão boa como dizes, e por isso põe-te em guarda, e vem para a batalha, porque já desejo ver a bondade d'ella:

13.^a Batalham, e vendo Oliveiros a Ferrabraz algum * tanto demudado, disse:

44 OLIVEIROS:

Ó todo poderoso Deus, que grande bem lograria a christandade se este infiel se fizesse christão, porque elle, e Roldão e eu, fariamos tremer toda a Turquia! Ó Virgem Mãe de Deus, pede a teu bento filho que inspire no coração d'este turco, que deixados os Idolos, venha a conhecer o seu Creadôr, e siga o verdadeiro caminho da sua salvação:

40 FERRABRAZ:

Oliveiros, deixa já essas razões, vê se queres dar fim a esta batalha, ou se a queres deixar:

14.^a Batalham

* 43

B

Farabraz Olv 37

Cavalheiro toma a tua espada e deixa a minha e sigamos a batalha

Oliveiros

Por certo cavalheiro que não deixarei a tua espada até que veja se é tão boa como tu dizes Farabraz tras a minha aparêlha-te e vem para o campo da Batalha porque deêjo ver a bomdade da tua espada:

Ó todo pederôzo deus que grande bem lograria a christandade se este infiel se fizera christão porque Elle e Roldão e eu faria-mos tremer tôda a torquia? O virgem mãe de Deus pede ao teu Bendito filho que inspire no coração deste turco que deixe os Idelos venha a conhecer o seu criadôr siga o verdadeiro caminho da sua salvação:

F F 34

Oliveiros deixa já essas razões ve se queres dar fim a esta Batalha ou se a queres deixar:

FERRABRÁS (*pesaroso*):

Ó minha tão admirável espada,
tanto tempo há que te possuo e estimo
e agora pesa-me muito de te perder.
Oliveiros toma a tua espada e dá-me
a minha e prossigamos a nossa batalha.

OLIVEIROS:

Por certo, cavaleiro, que não deixarei a tua espada, sem que primeiramente veja se é tão boa como dizes. E por isso te aparelhas e vem depressa para a batalha, porque desejo ver toda a bondade dela.

(*var.*: FERRABRÁS: Oliveiros, deixa já essas razões e vê se queres dar fim a esta dilatada batalha.)

OLIVEIROS:

Ó todo-poderoso Deus! que grande alegria para o rei da Cristandade se este infiel se fizesse cristão, porque ele Roldão e eu fariamos tremer toda a Turquia. Ó Virgem bendita, mãe de misericórdia, pede ao teu bendito filho que inspire no coração deste turco para que venha a conhecer o seu verdadeiro Criador e Redemptor e entre no verdadeiro caminho da sua santa salvação.

FERRABRÁS:

Oliveiros, deixa já essas razões e vê se queres dar fim a esta dilatada batalha. (*var.*: Agora verás se o teu Deus tem algum poder.)

A

45 OLIVEIROS:

Nobre turco, chega-te a mim, e daremos fim á nossa contenda, e verás que não terão os teus Deuses poder para te livrar dos meus golpes:

41 FERRABRAZ:

Agora verás se o teu Deus tem poder:

15.^a Batalham: E Ferrabraz foi vencido: Segue a clamação de Ferrabraz:

* 42 FERRABRAZ (Clamação):

Ó nobre Cavalleiro de tanto valor, por honra do teu Deus, o qual confesso ser verdadeiro e Onnipotente, te rogo que não me deixes morrer, sem primeiro receber o santo baptismo, e depois faz de mim o que quizeres, pois me venceste em muito leal batalha, e se por tua causa morrer pagão, tu ficarás responsável pella perda da minha alma, e eu clamarei ao ceo justiça e vingança contra ti, se fores o causador de eu morrer sem o santo baptismo; bem vez o desejo que tenho de ser christão, e por isso cuida muito na minha vida, e cura-me esta ferida, que bem vez que me estou esgotando em sangue, e senão morrerei diante de teus olhos, e será a minha alma perdida:

43 FERRABRAZ:

Oliveiros, convem muito que a minha alma se salve; que montes no meu cavallo, e me * ajudes a subir ao arçam, ou me atravesses sobre o pescoço

* 44
* 45

B

Olv. 38

Nobre turco chêga-te amin e daremos fim á nosa contenda e verás que Já não terão os teus deuzes poder para te livrar dos meus golpes:

F F 35

Agora veremos so teu dêus tem puder

Batalha

Farabraz foi vencido fica parado virado para Oliveiros a dizer

Clamação FF 36

Ó nobre cavalleiro de tanto valôr por hõmrã do teu deus o qual confesso ser verdadeiro e onipotente te rógõ que não me deixes morrer sem primeiro * Receber o Santo Baptismo e depois faz de min o que quizeres pois me vençestes em muinto leal Batalha e se por tu cauza morrer pagão tú ficarás responsável pela perda da minha alma e eu clamarei ao céu Justiça e vingança contra ti se fores o cauzadôr de eu morrer sem o santo Baptismo bem Vez o desejo que tenho de ser christão e por isso cuida muinto na minha vida e cura-me estas feridas que bem vez que se estão esgotando em sangue e senão morrerei diante dos teus olhos e sera minha alma perdida

F F 37

Oliveiros convem muinto que a minha alma e sálve que montes no meu cavállo e me ajudes a subir ao árçãm au me atravesses sobre o pescôço d'ele

* 18 pg.

OLIVEIROS:

Ferrabrás, chega-te depressa para mim e agora verás que os teus deuses já não terão mais poder para te livrar dos meus fortes golpes! *(quando se usaram as variantes não se disse esta fala.)*

Combatem até que Ferrabrás é vencido.

FERRABRÁS *(com voz suplicante):*

Oliveiros, nobre cavaleiro e de mui grande valor, por honra do teu Deus, o qual confesso ser verdadeiro e omnipotente, te rogo que me não deixes morrer sem que primeiro receba o santo baptismo e depois faz de mim o que quiseres, pois me vencestes em muito leal batalha. E se, pela tua falta ou negligência, morrer pagão, ser-te-á pedida estreita conta diante de Deus. E, já que tanto mostravas o desejo de ver-me cristão, cuida muito da minha vida e cura-me estas feridas que bem vêes que me estou esgotando de sangue, e senão morrerei diante dos teus olhos e será minha alma perdida.

Faz uma pequena pausa.

Oliveiros, convém muito para que minha alma se salve que montes no meu cavalo e me ajudes a subir às ancas e me leves atravessado sobre o pescoço

A

d'elle, e leva-me á terra dos christãos, para que receba o santo baptismo, mas isso que seja já já; porque se te detiveres algum tempo, temo que não tenhas poder para valer-te ati, n'em mesmo para levar-me (*entrelinhado a esferográfica azul: á terra dos cristãos,*) aonde eu tanto desejo ir, porque esta manhã, deixei dez mil turcos emboscados detraz d'aquella serra, e vendo-me vencido, sahirão todos contra ti para que eu seja resgatado, pois eu só quero viver e morrer pela fé de Jesus Christo:

44 FERRABRAZ:

Oliveiros, agora tens quatro Espadas, que valem quatro cidades:

46 OLIVEIROS:

Senhor Ferrabraz perdoa-me, mas bem vez que é preciso que te apeies do cavallo, porque não se escusa haver batalha com os turcos, que ahi veem á redia solta contra mim, talvez imaginando que te * levo por força e violentado:

45 FERRABRAZ:

Ó nobre Oliveiros, e mais valente cavalleiro que jamais vestiu armas; tu me ganhas-te em justa batalha com a força do teu animoso coração, e agora me queres deixar?... Adver-te que a honra se ganha em acabar bem as coisas, e se me deixas agora, nenhum louvor mereces do teu passado trabalho por meu respeito:

* 46

B

e le-va-me a terra dos christãos para que recêba o santo Baptismo Mas isso que sêja ja-ja porque se te detiveras algum tenpo têmô que não tenhas podêr para valer-te ati nem mesmo para levar-me aonde eu tanto dezêjo ir porque esta manhã deixei dez mil turco enbuscados Detrás da quela sérra e vendo-me vençido sahirão todos contra ti para que eu sêja resgatado pois eu só quero viver e morrer pêla fé de Jezus christo:

F F 38

Oliveiros agora tens quatro Espadas que valem quatro çidades:?

Olv. 39

Senhor Farabras perdoa-me mas bem vez que é preciso que te apeis do cavallo porque não se escuza havêr batalha com os turcos que haí vem á rêdia solta contra mim talvez imaginando que te lévo por fôrça e Violêntado:

F F 39

O nóbre Oliveiros e mais valente cavalleiro que ja mais vestiu armas tu me ganha-tes em justa Batalha com a fôrça do teu animôzo coração e agóra me queres deixar? Adever-te que a honrra se gánha em acabar bem as coizas e se me deixas agóra nenhum louvôr mereçes do teu pasado trabalho por meu respeito:

e me leves para solo cristão, onde receba o santo baptismo. E assim é necessário que seja já com brevidade, porque se te detiveres algum tempo temo que não tenhas poder para valer-te a ti mesmo e para me levars onde tanto desejo ir. Deixei esta manhã dez mil turcos emboscados detrás daquele monte e vendo-me vencido virão todos contra ti para eu ser resgatado, e eu já não quero viver senão na fé de Jesus Cristo.

OLIVEIROS:

Senhor Ferrabrás, perdoa-me mas bem vês que é preciso que te apeies do cavalo, porque não se escusa haver batalha com os turcos que ali vêm à rédea solta contra mim, imaginando que te levo por força e violentado.

FERRABRÁS:

Oliveiros, agora tens quatro espadas que valem quatro cidades!

A

47 OLIVEIROS:

Ferrabraz dizes bem, e falas como grande Cavalleiro, por isso prometo de te não deixar, enquanto poder manear a Espada:

46 FERRABRAZ:

Senhor Oliveiros, as tuas armas estão muito despedaçadas, e por isso apartemo-nos do caminho um pedaço, e tomarás d'estas minhas o que te faltar para ficares bem armado:

Prisão d'Oliveiros:

Diz o Rei Turco,

Ordinário; * marche;

e vem os turcos em marcha fazer a prisão d'Oliveiros, e quando elles vem em marcha, Guarim salta contra eles, e batalha no meio d'elles, em roda de Oliveiros, fazendo por não deixar prender Oliveiros, e preso Oliveiros, Guarim lhe toma as armas, e vai para debaixo d'uma arvore para junto de Ferrabraz, enquanto Oliveiros fas as seguintes clamações: (e ficam dois soldados turcos com Oliveiros prêso.)

* 47

B

Olv. 40

* Farabraz dizes bem e fâlas como grande cavalleiro por isso te prometo de te não deixar enquanto a minha espáda poder manijar?

— *Prisão de Oliveiros* —

Rei túrco diz

ordinario mácha

vem os turcos em marcha e dao 3 voltas de Volta de oliveiros e ficam dois com ele parado pega a fazer a clamação ão acabar a resposta ando com ele de Bolta e tóca a caixa e goarim vai pelo meio a defender nele no fim pega nas armas e bai para baixo de uma arvore que esta no centro do palanque

* 19 pg.

OLIVEIROS:

Ferrabrás, dizes bem e falas como grande cavaleiro e por isso eu te prometo não te deixar enquanto puder manear esta minha espada.

Toca a caixa.

BALAÃO:

Marcha!

BALAÃO:

Arretirar!

Vão os turcos dois a dois lutar com Oliveiros e Guarim, retirando rapidamente aos seus postos. Depois de irem os quatro pares vão duas vezes dois pares de cada vez.

BALAÃO:

Soldados turcos, pela direita rodar... em frente... marcha!

Toca a caixa e vão os soldados turcos e o Porta-Bandeira, em fila indiana, rodear Oliveiros, Guarim e Ferrabrás.

BALAÃO:

Arretirar!

Regressam os soldados aos seus postos, ficando apenas o 1.º e 2.º Soldados ao lado de Oliveiros. Amarram-no pelos braços e apontam-lhe as espadas

48 Diz OLIVEIROS:

Ó Carlos Magno, muito nobre Imperador; aonde estás agora? O certo é que não sabes a grande necessidade, e aperto em que está o teu leal Cavalleiro Oliveiros.

Ó nobre Roldão, desperta, se acaso dormes, cheguem aos teus ouvidos os meus infortunios, e se acaso teem já chegado á tua noticia, porque tardas tanto com o teu socorro? Adverte que me levam aonde, sem temor do teu auxilio, me podem dar vituperiosa morte.

Ó pares de França, porque *vos esqueceis do vosso leal companheiro? Não sejais preguiçosos em ajudar a quem nas mais crueis guerras, e maiores afrontas, n'unca foi preguiçoso em ajudar-vos.

Ó christãos, vós que nas perigosas, e tiranas batalhas muitas vezes tivestes o socorro de Oliveiros, apressai os vossos pés, e vinde socorrer-me se não é que a ingratitude vos detem. Ó muito amado, e estimado pai, quanto melhor fora não me teres gerado, pois em galardão do ser, e criação, que te devo, te darei, com o pesar do meu miseravel, e funesto fim, mais apressada morte.

* 48

Clamação de Oliveiros

Ó cárlos magno muinto nóbre Inparador aonde está agóra? O certo é que não sabes a grande neçessidade e arpêto im que esta o teu leal cavalleiro Oliveiros

tóca a caixa ando de volta com êle

O nobre roldão desperta se acazo dormes e chegue a teus houvidos os meus infurtunios se acázo ja chegou até ahi a nutiçia para que tardes tanto com o secôrro Adeverte que não me levão sem o temôr do teu aoxilio que me podem dar uma muinta pederóza móрте:

tóca a caixa

Ó páres de França porque vos esqueçeis do vósso leal conpanheiro Não sejães preguiçósos em ajudar a quem nunca nas crueis guérras e maior afrontas nunca foi preguizôso em ajuda-vos

toca a caixa

Óh christaos que na primeira batalha muintas vezes tivestes secôrro de Oliveiros aprecai-os vóssos pés e vinde socorrêr-me se ja a ingratidao vos não detem:

toca a caixa

O muinto amado e querido páe quanto melhór fora-me-não tere gerado pois a ingratitude da sua criação que te dêvo te direi com prazer e sentimento no meu mizarével e funesto fim da minha móрте:?

ao peito. Guarim e Ferrabrás retiraram-se para o lado. Toca a caixa e os turcos fazem Oliveiros dar uma volta, ficando virados para o campo cristão.

OLIVEIROS (*triste e vagaroso*):

Ó Carlos Magno, muito nobre Imperador, adonde é que estás agora? O certo é que não sabes a grande necessidade e aperto em que está o teu leal cavaleiro Oliveiros.

Toca a caixa e os três dão uma volta.

Ó nobre Roldão, desperta se acaso dormes! Cheguem aos teus ouvidos os meus infortúnios. Se acaso tem já chegado a ti a notícia, porque me tardas tanto com o socorro? Adverte que me levam onde, sem o temor do teu auxílio, me podem dar uma vituperiosa morte.

Nova volta.

Ó Pares de França, porque vos esqueceis do vosso leal companheiro? Não sejais preguiçosos em ajudar a quem nas mais cruéis guerras e maiores afrontas e tiranas batalhas nunca foi preguiçoso em ajudar-vos.

Nova volta.

Ó cristãos, que nas perigosas e tiranas batalhas muitas vezes tivestes o socorro de Oliveiros, apressai, apressai os vossos pés e vinde socorrer-me, se já não é que a ingratidão vos detém.

Nova volta.

Ó muito amado e estimado pai! Quanto melhor fora não me teres gerado! Pois em galardão do ser e da criação que me destes te darei com o pesar e sentimento do meu miserável e funesto fim uma mais apressada morte.

A

Ó lastimosa velhice; bem creio que não terás mais vida, que enquanto chega a teus ouvidos a noticia da minha desastrada morte, e só, meu pai, te fica uma consolação, e é que com a minha morte te livrarás de muitos sobresaltos, que te podia dar com a minha vida. Ó querido pai dos meus * olhos, allivio da minha vida, e objecto unico do meu coração, cada vez que me vias armado, tremias com o temor da minha morte; e principalmente quando sahi á batalha com o nobre Ferrabraz, pelo muito amôr que me tinhas. Mais consolação terias, se eu acabasse com a vida na batalha de tão nobilissimo cavalleiro, dô que nas mãos de tal vil canalha; porque atados os pés, e as mãos, e tapados os olhos, me levam ao degoladouro.

Ó muito justo e misericordioso Deus, serve-te de consolar a meu velho pai, que hoje perde um só filho que tinha, e guardar a teu servo, e convertido Ferrabraz, e a mim dar-me paciência n'esta morte tão affrontosa, porque a minha alma vá lograr da eterna gloria, que para os teus fieis tens destinado:

Acabadas de dizer as seguintes clamações; levaram Oliveiros ao Rei turco; e Guarim logo seguiu * com as armas de Oliveiros, em ordem de marcha; á presença do Rei christão, e lhe fáz uma venia, e diz (ajoelhando-se):

* 49
* 50

B

toca a caixa

Ó venturôza velhice creio bem que não terás mais vida senão enquanto chegar aos teus houvidos a noticia da minha desastrada morte e só meu pae lhe fica uma consolação e é com que a minha morte te livrou de muintos sobressaltos*Que te poderia dar com a minha vida sempre amado e querido pái dos meus olhos alebia da minha da minha Vida objeto unico do meu coração a quem eu mais estimáva é te tremião as carnes com o temôr da minha morte e principalmente quando saia a batalha com o nôbre Farabraz pêlo muinto amôr que me tinhas. Mais uma consolação teria sem a vida na batalha como um cavalleiro nas mãos desta vil canhálha porque ataram lhe os pés e as mãos tapados os olhos me levaram ao degoladouro com tanta tirania:

a seguir esta 2.^a resposta

O muinto Justo Deus mezericordiôzo Deus ser-ve-te do consulares meu pae que hoje perde o seu filho e guardo o teu servo convertido Farabraz A mim dá-me paciência nesta morte tão affrontôza porque a minha alma vá lograr a Eterna gloria que para os bõns está aparelhado?

*acaba a clamação de oliveiros
goarim em marcha com as armas de oliveiros vai a rei cristão e faz uma venia e diz ajoelhado deante do rei e diz esta repostas*

* 20

Nova volta.

Ó lastimosa velhice! Eu bem creio que não terás mais vida enquanto cheguem aos teus ouvidos a notícia da minha desastrada morte. E só, meu pai, te fica uma consolação: é que com minha morte te livrarás de muitos sobressaltos que te poderia dar com a minha vida.

Nova volta.

Ó sempre amado e querido pai dos meus olhos! Alívio da minha vida, objecto único do meu coração, cada vez que me vias armado te tremiam as carnes com o temor da minha morte, mas principalmente quando saí à batalha com o nobre Ferrabrás, pelo muito amor que me tinhas. Mais grande consolação terias se eu acabasse a vida na batalha ou nas mãos de tão nobilíssimo cavaleiro, do que nas mãos de tão vil canalha, porque atado de pés e mãos e tapados meus olhos, me levam ao degoladouro.

Nova volta.

Ó muito justo e misericordioso Deus! Serve-te consolar o meu pobre pai que hoje perde um só filho que tinha e de guardar o teu servo e convertido Ferrabrás, e a mim dai-me paciência nesta tão afrontosa morte (morte tão afrontosa) para que a minha alma se salve e vá lograr a eterna glória que para os teus fiéis tens destinado.

Toca a caixa e Oliveiros é levado para a prisão, ao centro do palco. Os soldados regressam aos seus postos. Toca a caixa e Guarim vai junto de Carlos Magno.

A

GUARIM:

Real Senhor; venho aqui á vossa real presença, trazêr-vos uma triste noticia do vosso querido e leal cavalleiro Oliveiros: Real senhôr, elle venceu em justa e leal batalha a Ferrabraz, que elle logo se fez christão: Mas apenas o Almirante Balão soube esta noticia, logo mandou (em continente) uma força de cincoenta mil turcos armados, que logo em breve o cercaram e o prenderam, e lhe ataram as mãos e taparam os olhos, e o levaram á presença do Almirante Balão afim de lhe darem uma cruel morte: E agora vós, da vossa parte, fazei aquillo que melhor entendêres:

Dito isto, entrega as armas de Oliveiros ao Rei christão, e este lhe diz:

REI CHRISTÃO:

* Guarim Guarim; fracas noticias me trazes! Vai para o campo da [batalha, coloca-te debaixo d'aquella arvore mais formosa e mais viçosa que [lá estiver, com vigilancia e atenção; a ver que não venha algum turco, que nos não faça traição:

E Gúarim faz uma venia, e segue em ordem de marcha para debaixo da mesma arvore:

Pergunta o REI TURCO, ao Capitão Burlantes:

Ó Capitão Burlantes, qual é qual é que venceu o meu filho Ferrabraz:

* 51

B

Goarim =

Real senhôr vênho aqui a vósa real precênsa trazer-vos uma triste noticia do vósso querido e leál cavalleiro Oliveiros: Reál senhôr êle vençêu em justa batalha a Farabráz que lógo se fez christão mas apénas o Almirante Balão soube esta noticia lógo mandou uma fôrça de cinquenta mil turcos armádos que logo em brêve o cercáram e o prenderão e lhe atáram as mãos e taparam os ólhos e o levaram a precênsa do Almirante Balão afim de lhe dárem uma cruél móрте Agora vós da vossa páрте fazei aquillo que melhôr entênderes?

entrega as ánas de oliveiros

Rei cristão *o rei cristao o rei diz*

goarim-goarim fracas nutícias-me trazes: vai para * O câmpo da Batalha e colóca-te debaixo d'aquella árvore mais formóza e viçóza que la estiver com vigilancia e atenção a ver que não vênha algum turco que nos não fáça traição.

goarim vas uma venia e segue em márchá para Baixo da arvore e Pára

— *Rei turco* —

pregunta rei turco a capitão Bultante

O capitão Bulante qual é que venceu o meu filho Farabás

* 21 pg.

GUARIM:

Real Senhor, aqui vos entrego a lança
do vosso leal cavaleiro Oliveiros
que ficou prisioneiro.
Vieram os turcos à rédea solta
depois de muita batalha e porfia
o levaram prisioneiro para a Turquia.

CARLOS MAGNO:

Ah Guarim! Guarim!
fracas notícias me trazes.
Vai ao campo da batalha
e encosta-te à árvore mais forte
que lá encontrares,
para que não venha algum turco roncão
dar estrago à nossa nação.

A

BURLANTES responde:

Real senhor, é este que traz os olhos tapados, e é entre os cavalleiros christãos muito estimado; e saiba que elle só, antes que o prendessem, matou mais de trez mil turcos; as suas forças e animo, não ha iguais em todo o mundo; e se acaso se soltasse, era capaz de destruir metade do vosso exercito.

Pergunta o REI TURCO a * Oliveiros:

Tu quem és e a ti como te chamam:

Responde OLIVEIROS: — 49 —

Senhor, eu me chamo Eginô, pobre cavalleiro, aventureiro, e sômos todos da provincia de Lorêna, e viemos servir ao Imperador Carlos Magno só pelo soldo, e é a primeira vêz que entramos em batalha:

Diz o REI TURCO:

Ó Mafôma que cuidei que tinha cinco cavalleiros dos principais de França, e que teria por elles uma chave do reino!...

E logo chamou pelo seu carcereiro:

REI TURCO:

Ó Brotamontes;
faz que este preso seja levado ao
[campo,
e dispe-mo nu, d'esta sorte,
para se lhe dar pena de morte:

BROTAMONTES diz:

Real Senhor,
pela minha opinião,
prendiam-se hõje todos,
e não ficava nenhum para amanhã:

* 52

B

Burlante responde

Real senhor e este que traz os ólhos tapados e entre os cavalleiros christãos muinto estimado e saiba que ele só antes que o premde-çem matou mais de trez mil turcos as suas fôrças e animo não ha igõeis em tôdo o mundo e se acázo se soltar será capaz de destruir metade do vósso Exzerçito:

pergunta rei turco a oliveiros

Tu quem és e ati como te chámam:

responde oliveiros

Senhõr amim me cháman goarim pobre cavalleiro:
Estava servindo o Inparadõr Cárlos magno pêlo sôrdo más é a primeira vez que entrava em Batalha:

turco diz rei turco

Ó mafôma que cuidei que tinha cinco cavalleiros dos principaes de França e que por êles uma chave do Reino

chama o rei pelo Brotamontes

O Brutamontes fáz que este pre-
fáz que este prezo sêja levado ão
[campo
e dispe-mo nu desta sôrte
para se lhe dar pêna de mórte:

Brotamontes diz

Real senhõr
pêla minha openião
prendiam-se hõje tôdos
e não ficava nenhum pára amenhão

A

(D'uma ocasião,
Domingos da pena,
a mais Julião
fizeram uma festa,
detraz d'um caixão;
e vai genovena,
conta-lhe um conto,
e toca rabeca,
Domingos affonso:

* Diz o REI CHRISTÃO:

Meus valerosos vassalos,
ide ao campo de batalha,
se achares mortos enterraíeis,
e se achares feridos trazei-os,
e se achares algum turco
que se queira baptisar,
não o deixeis ficar:
— Ordinário marche: —

e vão os soldados e dão trez voltas em
volta de Ferrabraz, e ficam dois com
elle (e os outros vem em marcha, vindo
tambem Guarim diante d'elles para o
lado do rei christão, como estava no
principio)

e diz FERRABRAZ: (47)

Ó Jezus consolação dos aflitos,
não permitais que assim acabe este
convertido turco: (*entrelinhado*): (canta
o anjo) pag. 55 =)

*53

B

Duma ocasião
domingos da pêne
a mais Jolião
fizeram uma festa
detras dum caixão
e vae jenovêva
conta lhe um conto
e tóca rabéca
Domingos Afônso:

Rei cristão

Meus valorózos vasalos
ide ao campo da Batalha
se hacháres *Mórtos enterrai-os
se acháres feridos trazei-os
e achares algum turco
que se queira baptizar
e não deixeis ficar
(Ordinario Mârcha)

*E vão os soldados e dao trez voltas
com Farabraz ficam dois com eles e os
outros vem em marcha e vindo tambem
goarim diante deles para o lado do Rei
christao como no prencípio*

Diz Farabraz

O Jezus comsolação dos aflitos não
premitais que asim acábe este comver-
tido turco:

Farabraz fica parado e birado para o Rei

* 22 pg.

FERRABRÁS:

Ó Jesus, consolador dos aflitos, não permitais que assim acabe este convertido turco!

CARLOS MAGNO:

Ordinário... marcha! (*var.: esta ordem antes da fala anterior de Ferrabrás*).

Toca o tambor e vai Guarim até junto de Ferrabrás.

CARLOS MAGNO:

Embaixadores das minhas embaixadas,
bem vos podeis preparar
que a embaixada ides levar.
Preparai-vos e vinde à minha presença!

Toca a caixa e o 5.º e 6.º soldados vão junto de Carlos Magno.

CARLOS MAGNO:

Ide ao campo da batalha,
se encontrardes alguns mortos,
enterrai-os bem fundo;
se encontrardes alguns feridos,
recolhei-os ao hospital;
se encontrardes algum turco,
que se queira baptizar,
conduzi-o ao santo baptismo.
Ordinário... marcha!

Os soldados vão junto de Ferrabrás.

FERRABRÁS:

Quem sois vós?

5.º SOLDADO:

Somos dois embaixadores,
que vimos ao campo da batalha.
Se encontrarmos algum morto,
enterrá-lo bem fundo;
se encontrarmos algum ferido,
levá-lo ao hospital;
se encontrarmos algum turco,
que se queria baptizar,
recolhê-lo ao santo baptismo.

A

e chêga ao rei christão, e este lhe diz:

REI CRISTÃO:

Ó nobre Ferrabraz, quanto me tem custado a tua vida! Por ti perdi cinco nobres Cavalleiros, que cada um d'elles é melhor que tu:

FERRABRAZ lhe respondeu: 48

Senhor, enquanto são christãos, conheço que são melhores que eu, pore m no mais não, e em nenhuma coisa lhes * devo a primazia, senão ao nobre Oliveiros de quem sou prisioneiro; Sou filho do Almirante Balão, e sou Rei de Allexandria, e de outras muitas províncias, e tudo deixarei, só por ser christão, e servir ao verdadeiro Deus:

* 54

B

Anjo

1.^a C.

Eu sou um anjo do céu
Que por deus vênho mandado
para Baptizar os turcos
Que vence carlos magno:

diz Fala

Gloria a Deus nas alturas e na terra
páz aos homens de boa vontade:
(Ségue)

Ó Inparador carlos magno
hómeme valênte e generôzo
com o teu braço esforçôzo
abençoaistes a térra e também
convençestes os turcos
para se Baptizar:

canta o Anjo 2.^a vez

Anda nobre Farabraz
Umilde do coração
Receber o Santo Baptismo
Ficaras um fiel christão

vai farabraz ao rei christão em orde de marcha:

Fala o Rei cristão

Ó nobre Farabraz quanto me tem custado a tua vinda por tu cauza perdi cinco cavalheiros cada um dêles é melhor de tu

F F braz Fala

Snr enquanto ão ser christão conheço que são melhóres que eu porém no mais nao e em nenhuma coiza lhes dêvo aprimazia senão ão nóbre Oliveiros de quem sou prezioneiro sou filho do Almirante Balão e sou o Rei de Alixandria e de outras muintas províncias e tudo deixarei só por ser christão e servir ao verdadeiro Deus:

FERRABRÁS:

Eu sou turco e ferido
e vos acompanharei
e o vosso baptismo
com gala receberei.

Toca a caixa e dirigem-se os dois soldados ao lado de Ferrabrás e de Guarim até junto de Carlos Magno.

CARLOS MAGNO:

Quem és tu e como te chamas?

FERRABRÁS:

Eu sou Ferrabrás, filho do Senhor Almirante Balaão e rei de Alexandria, vencido em batalha pelo vosso cavaleiro Oliveiros, de quem sou prisioneiro.

CARLOS MAGNO:

Ferrabrás de Alexandria, tanto me tem custado a tua vinda. Por tua causa perdi cinco cavaleiros, qualquer deles melhor do que tu.

FERRABRÁS:

Senhor, enquanto que são cristãos conheço
que são melhores que eu, porém, quanto ao resto
não conheço primazia senão ao nobre Oliveiros,
de quem sou prisioneiro.
Mas agora desejo ir para terra de cristãos,
ser baptizado e crismado, ser cristão como vós.

A

Responde o REI CHRISTÃO:

Ferrabraz amigo, tenho muita alegria com essa tua resolução de queres com tanto affecto, e de todo o coração, como mostras, abraçar a lei de nosso senhor Jesus Christo; e assim eu, e meu sobrinho Roldão, e Regnier, pai de Oliveiros, seremos teus padrinhos, e pois que já estás livre, e sem perigo das tuas feridas, vai para Mormionda, onde nos esperarás, que eu quero ir seguindo a batalha, e buscar os meus Cavalheiros:

Responde FERRABRAZ: (49)

Senhor, agora já não é tempo para esta emprêza, pois tens pouca gente, e está muito cançada; e meu pai tem a esta hora avizado a toda a turquia, para vir á campanha, e por isso melhor te será tornar para terra de christãos, e fazer provimento de gente, e então poderás * fazer o que intentas: (tendo Ferrabraz dito: Ó Jezus consolação dos afflictos etc. n.º 47, da pag. 53; fica virado para o Rei christão, e pára; e canta o Anjo o seguinte:

ANJO:

Eu sou um anjo do céu,
que por Deus venho mandado;
para baptizar os turcos,
que vence Carlos Magno:

E diz logo em seguida:

gloria a Deus nas alturas, e na terra
paz aos homens de boa vontade:

E torna a dizer em seguida:

Ó imperador Carlos Magno,
homem vallente e generoso,
Que vencestes os Turcos,
Com o teu braço forçoso.
E assim alcanças-te a victoria,
por Deus todo poderoso.

* 55

B

Fala o rei christão

Farabraz amigo ténho muita* Alegria com ésa tua rezolação de queres com tanto afêto e de Tôdo o coração como môstras abraçar a lei de nóso Senhor Jezus christo e asim eu e meu Sobrinho Roldão e Regnér pae de Oliveiros sêremos teus padrinhos e pois que já estás livre do prigo das tuas feridas vae para mormeônda onde nós esperarás que eu quero ir segunda Véz á Batálha buscar os meus cavalheiros

Fala Farabraz

Senhor agóra ja nao á tenpo para tal emprêza pois tens pouca jênte esta muinto camçada e meu pae tem a esta hóra avizado toda a torquia para vir á campánha e por isso melhor te será tornár para a térra dos christaos e fazer provimento da gente e então poderás fazer o que ententas:

* 23 pg.

CARLOS MAGNO:

Pois vai para Mormionda, que Regnier e meu sobrinho Roldão serão teus padrinhos. Eu vou à campanha dar batalha aos turcos que vêm aí à rédea solta.

FERRABRÁS:

Senhor, as vossas armas estão muito desguarnecidas, primeiro fazei mobilização de gente e então depois fazei o que pensais.

Ferrabrás toma agora lugar atrás do rei cristão.

A

Dizendo isto canta o seguinte:

Anda nobre Ferrabraz,
Umilde do coração,
receber o santo baptismo,
serás um fiel christão:

E vai Ferrabraz á presença do rei christão, e diz os v.ºs 48 e 49, da pag. 53 e 54; e vai receber as cerimoniaes do baptismo, feitas pelo mesmo Anjo do seguinte modo:

ANJO:

Eu te baptizo em nôme do padre e do filho e do Espirito Santo:

E faz as mesmas cerimoniaes aos mais turcos, quando forem prisioneiros:)

Segue a primeira embaixada dos christãos, levada por Roldão:

Diz o REI CHRISTÃO:

Meus vallerosos vassalos e embaixadores,
bem vos podeis preparar,
que uma embaixada
quero que me va-des levar:
Roldão, Roldão:

Responde este:

ROLDÃO:

Prompto real senhor que determina:

B

vae receber o Baptismo áo anjo

Fala o Anjo

Eu te Batizo em nôme do padre e do filho e do Espirito Santo

Anjo fas a tôdos os soldados turcos as serimonias egual áo pé do Rei christão

1.ª E

Segue a Primeira embaixada levada por Roldão

Diz o Rei cristão

Meus valorózos vasálos embaixadôres
vem vos pudeis perparar
que uma embaixada
quero que me vás levar:

Rei = Roldão Roldão

responde Roldão

Pronto real senhor que detremina

CARLOS MAGNO:

Embaixadores das minhas embaixadas,
bem vos podeis preparar,
que a embaixada ides levar.

1.º SOLDADO:

Senhor, eu me rogo de boa vontade
para servir Vossa Real Majestade.

A

Diz o REI CHRISTÃO:

Prepara-te e anda á minha presença:

— Ide a onde está o Almirante Balão, e dizei áquelle grande Rei e Senhor, que é hoje aqui chegado o exercito da christandade, e se elle se quer baptizar, e crêr nos Misterios da Santissima Trindade, e me mande (o meu filho) Oliveiros que lá tem prisioneiro, que em troca d'elle, lhe mando o seu filho Ferrabraz, que já está baptizado e crismado, e que já não é turco como elle; e se assim o fizer, terá por seu bom * amigo, o nobre Imperador Carlos Magno, e quando assim o não faça, que com o podêr do meu braço forte,

lhe darei uma cruel batalha,
e uma victima, e poderosa morte:
Ordinario; Marche:

B

diz o rei cristão

Perpa-ra-te e anda a minha precência

toca a caixa em marcha e roldão vai ao rei

I. Inde a onde está o Almirante Balão e dizei aquele grande rei e senhor que é hõje aqui chegado o exzerçito da christandade e se ele se quer Baptizar e crêr nos misterios da Santissima trindade e me mande o filho Oliveiros que lá tem prezoneiro que em tróca dêle lhe manda o seu filho Farabraz que ja esta Batizado e` crismado e que já não hé turco como êle e se assim o fizeres tera por seu bom amigo o nóbre Inparador carlos mágno*E quando assim o não fáça que com o puder do meu braço fôrte

lhe darei uma cruél Batalha
e uma vitima e pederóza móрте
Ordinario Marche =

* 24 pg.

CARLOS MAGNO:

Preparai-vos e vinde à minha presença!

Aproximam-se o 1.º e 2.º soldados, a toque de caixa.

CARLOS MAGNO:

Ide ao Rei da Turquia,
que me mande Oliveiros,
que lá tem prisioneiro,
que eu em troca lhe mandarei
seu filho Ferrabrás,
que já está baptizado e crismado
e já não é turco como ele.
Quando isto não queira fazer nem mandar
com cem mil homens de guerra
o [ao] palácio lhe [lho] vou a tirar.
E com muita mais ousadia e ousadia
lhe declaro guerra
por cem anos e um dia
e à força deste meu braço forte
lhe darei uma dita e poderosa morte.
Ordinário... marcha!

A

B

B (repetido)

[a partir da sétima linha da página 25 o texto começa a repetir-se:]

Rei chistão diz

Ordinario Marche vão =
em márxa e cêgo á primeira linha dos turcos e dizem os mesmos os turcos ãos christaos

Vao; e chegam á primeira linha dos turcos, e dizem os mesmos da primeira linha:

1.º e 2.º SOLDADOS
TURCOS:

Vós quem sois?...

Dizem os CHRISTÃOS:
Somos dois embaixadôres da parte da christandade; vimos trazer uma embaixada,
[xada, a Vossa Real Magestade:

Dizem os TURCOS:

Façam alto, que nós imos dar parte:

eles vão em marcha e chego a frente dos turcos: e dizem os soldados turcos

Vós quem sois?

dizem os soldados christãos
somos dois embaixadôres da pártē da christandade vimos trazer uma embaixada a vóssa réal magestade

dizem os turcos

Façam alto que nós imos dar pártē

Vos quem sois?

Dizem os chistao
Somos dois embaixadôres da parte da Christandade vimos trazer uma embaixada a vóssa Real magestade

dizem os turcos

Façam alto que nós imos dár pártē

E foram ao Rei turco, e disseram:

1.º e 2.º SOLDADOS
TURCOS:

Estão alli dois embaixadores, da parte da Christandade, que veem trazer uma embaixada,
[baixada, a vossa real Magestade:

soldados turcos foram ão rei turco e disseram

Estão ali dois enbaixadôres da parte da Christandade que vem tazêr uma enbaixada a vóssa Real Magestade:

e fôram ão rei turco e disseram

Estao ali dois enbaixadôres da parte da christandade que vem trazer uma embaixada,
[baixada a vóssa Real magestade:

Toca a caixa e dirigem-se ao campo turco.

2.º SOLDADO TURCO:

Quem sois vós e quem vos deu autorização de entrades cá pelo
nosso reinado dentro?

1.º SOLDADO CRISTÃO:

Nós somos dois embaixadores,
que vimos do reino da cristandade,
vimos trazer uma embaixada
a Vossa Real Majestade.

2.º SOLDADO TURCO:

Vocês dizem que são dois embaixadores,
vocês são mas é dois ladrões e espiões,
que andam roubando e espiando
por esse mundo além
e dizem que são embaixadores de Carlos Magno.
Mas façam alto, que a vossa embaixada
será dada.

*Toca a caixa e saem os dois primeiros soldados turcos, dando
o 3.º e 4.º um passo em frente para guardar os cristãos.*

2.º SOLDADO TURCO (para Balaão):

Real Senhor,
chegaram ali dois embaixadores,
que vêm lá da cristandade,
que vêm trazer uma embaixada
a Vossa Real Majestade.

A
Responde o REI TURCO:

Como são embaixadores,
teem licença de falar,
abaixando as armas,
podem entrar:

Vem os TURCOS, e di-
zem aos christãos:

Como são embaixadores,
teem licença de falar,
abaixando as armas,
podem entrar:

Os soldados christãos en-
tram, e chegam á beira do
rei turco, e este lhe diz:

REI TURCO:

Vós quem sois?... Ou
quem vos deu o atrevi-
mento de entrar n'este
meu reino:

Respondem os SOLDA-
DOS CRISTÃOS:

Sômos dois embaixadôres,
da parte da christandade,
que vimos trazer uma em-
[baixada,
a vossa real Magestade:

Diz o REI TURCO:

Falai; Falai;
e dizei o que quereis,
que eu logo vos executarei
as penas que vós mereceis!...
mas á tristes desgraçados,
que se não falais a verdade,
aqui sois victimos e espa-
[tifados:

B
responde o rei turco

como são enbaixadôres
tem licença de falar
abaixando as ámas
podem entrar:

*Vem os turcos e dizem aos
cristãos*

Como são enbaixadôres
tem licença de falar
abaixando as armas
podem entrar.

*os soldados entram e bão
áo pé do rei turco e este
diz*

Vós quem sois ou quem
vos deu atrevimento de
entrar no meu reino

*Responde os soldados
cristaos*

Sômos dois enbaixadôres
da pártē da christandade
que vimos trazer uma en-
[baixada
a Vossa Real Magestade

dis rei turco

Falai falai
e dizei o que quereis
que lógo vos ezicutarei
a pēnas que vós mareçais?:
Mas á tristes desgraçados
que se não falais aqui a
[verdade
sois vitimos e espatifados:

B (repetido)

Responde o rei turco =

Como são enbaixadôres
tem licença de falar
abaixando ármās
podem entrar =

*os soldados christãos en-
tram chēgam a beira do
rei turco e êle lhe diz =*

Vós quem sois? ou
quem vos deu atrevimento
de entrar neste meu reino

*Responde os soldados
christãos*

Somos dois enbaixadôres
da parte da christandade
que vimos trazer uma en-
[baixada
a vóssa real magestade =

diz rei turco =

Falai falai
e dizei o que quereis
que eu lógo vos ezicutarei
as pēnas que vós mere-
[çais = ?
Mas á tristes desgraçados
que se não falais aqui a
[verdade
sois vitimos e espatifa-
[dos =

BALÃO:

Sendo embaixadores,
têm licença para falar,
baixando as lanças,
podem entrar.

Toca a caixa e os turcos vêm trazer a resposta.

2.º SOLDADO TURCO:

Senhores embaixadores,
têm licença para falar,
abaixando as lanças podereis entrar.

Os cristãos obedecem e são seguidos pelo 1.º e 2.º soldados turcos.

BALÃO:

Quem sois vós e quem vos deu autorização de entrar cá pelo meu reinado dentro?

1.º SOLDADO CRISTÃO:

Somos dois embaixadores,
que vimos do reino da cristandade,
vimos trazer uma embaixada
a Vossa Real Majestade.

BALÃO:

Falai, falai,
dizei o que quereis,
se não falais verdade,
eu vos executo com as penas que mereceis.

A

Responde ROLDÃO:

*Manda-lhe dizer o Impe-
[rador Carlos Magno
que é hoje aqui chegado
o exercito da christandade
e se se quer baptizar, e
[crer
nos Misterios da Santis-
[sima Trindade,
e que lhe mande (o seu
[filho) Oliveiros
que cá tem prisioneiro,
que em troca d'elle, vos
[mandará
o vosso filho Ferrabraz,
que já está baptizado e
[crismado,
e que já não é turco como
[vós;
e que se assim o fizer,
terá por seu amigo
o nobre Imperador Car-
[los Magno,
e que quando isto assim
[não faça,
com o poder do seu braço
[forte,
lhe dará uma cruel bata-
[lha,
e uma victima e poderosa
[morte:

* 57

B

Responde Roldão

Manda-lhe dizer o inpa-
[rador Carlos magno
que é hõje aqui chegado
o exercito da christandade
e se quer Baptizar e crer
nos misterios da Santis-
[sima Trindade
e que lhe mande o seu fi-
[lho Oliveiros
que cá tem prezoneiro
que em tróca dêle vós
[mandará
o vósso filho Farabraz
que ja está Baptizado e
[crismado
que já não e turco como
[vós
e que se assim o fizer
*terá por seu bom amigo
o nóbre Inparador carlos
[mágno
e quando assim o não faça
que com o poder do meu
[bráço fôrte
lhe darei uma cruel Batalha
uma vitima e pederóza
[morte:
[Segue na 3.^a coluna à
pg. 24.]

* 25 pg.

B (repetido)

Responde Roldão =

Manda-lhe dizer o inpa-
[rador carlos magno
que é hõje aqui chegado
o eixerçito da christandade
e se quer Baptizar e crer
nos misterios da Santis-
[sima trindade
e que lhe mande o seu
[filho Oliveiros
que cá tem prezoneiro
que em tróca dêle vos
[mandará
o vósso filho Farabráz
que ja esta Baptizado e
[crismádo
e que ja não é* turco como
[vós
e que se assim o fizer
terá por seu amigo
o Nobre Inparador carlos
[magno
e que quando isto assim o
[não faça
com o puder do seu braço
[fôrte
lhe dará uma cruel Batalha
uma vitima e pederóza
[môrte
[Segue na coluna B]

* 26 pg.

1.º SOLDADO CRISTÃO:

Meu rei e senhor manda

que lhe mandeis o seu cavaleiro Oliveiros,
que cá tendes prisioneiro
e em troca dele
vos mandará vosso filho Ferrabrás,
que já está baptizado e crismado,
já não é turco como vós.
e, quando isto não queiras fazer ou mandar,
com cem mil homens de guerra
o palácio lhe (vai mandar) manda a tirar.
E com muita mais ousadia e ousadia
vos declara guerra
por cem anos e um dia.

A

Responde-lhe o REI TURCO:

Atrevidamente tendes feito
a vossa embaixada,
pois ella foi
mais louca do que avisada;
pouca lei podeis ter ao vosso Rei,
pois assim vos enviou aqui,
como quem manda um cordeiro ao
[carniceiro;

mas a resposta
eu vol-a vou dar,
ao carcere
vos vou mandar botar:

Chama por Brotamontes:

Ó Brotamontes!... fás com que estes presos sejam levados ao campo, e dispe-mos nus em carne, e sejam atados cada um ao seu pau, para se lhe dar cruel morte:

Responde BROTAMONTES:

Real Senhor; á um pouco vi um,
e agora vejo trez, principio de
[quatro
então todos p'ró buraco!...
Chó chó p'ró buraco....
E vai na quarta, e vai na quinta,
e vai na sexta mangador;
mulher velha ferrugenta,
môça nova faz calor:

(segue a segunda embaixada, levada por Galalão:) (a) a)

(anotação ao fundo da página com a convocação e resposta de Galalão:)

B

Responde rei turco

Atrevidamente tendes feito
a vossa enbaixada
pois ela foi
mais louca do que avizada
Pouca lei podeis ter ão vósso rei
pois assim vos emviou
como quem manda um cordeiro ão
[carniceiro

más a respósta eu vos a vou dár
ãõ carçere vos vou mandar botar:

Cháma pelo Búrtamontes =

Ó Bortamontes! fáz com que estes prêzos sejam levados ão campo e dispe-mos nús em cárne e sêjam atados cada um ão seu páu para se lhe dar uma croél mórte

Responde Bortamontes =

Real senhôr á um pouco vi um
agóra vêjo trez princípio de quatro
e vão tôdos pró buraco?
chó? chó pró buráco.....
É vae quarta e vae na quinta
e vae na Seista mangadôr
mulhêr vélha ferrugenta
môça nóva faz calôr.

Segunda Enbaixáda levada por galalão

BALAÃO:

A vossa embaixada
é mais louca do que avisada
e eu vos juro e contrajuro
que com (sem) resposta não voltareis.

2.º SOLDADO CRISTÃO:

E à força do seu braço forte
lhe dará uma dita e poderosa morte.

BALAÃO:

A resposta que vos vou dar
é para o cárcere vos mandar...
Ó Brutamontes!

Os dois soldados turcos levam os cristãos para a prisão. O toque da caixa é de batalha quando levam os prisioneiros e de marcha quando regressam. Exactamente com os mesmos movimentos vai decorrer a segunda embaixada, levada pelos 3.º e 4.º soldados.

A

Para a 2.^a embaixada diz o REI
CHRISTÃO:

Meus valerosos vassallos e embai-
[xadores,
bem vos podeis preparar,
que segunda embaixada
quero que me va-des levar
Galalão Galalão;

Este responde (*GALALÃO*):

Real senhor que determina:

Diz o REI CHRISTÃO:

Meus vallerosos vassallos, e embai-
[xadores,
ide aonde está aquelle
grande Rei e Senhor da Turquia,
que me mande a resposta da embai-
[xada,
hoje mesmo n'este dia;
e que quando assim o não faça,
que tenho gente furiosa no Campo,
que são para cima de trinta mil
[homens de guerra;
e que sem mais demora,
lhe dou batalha
antes d'esta meia hora:

* E vão como da primeira embaixada,
tudo o mesmo, até chegarem á beira do
Rei Turco; e este lhe diz:

* 58

B

Diz o rei christão =

Meus valorôzos vassálos e enbaixa-
[dôres
bem vos podeis preparar
que segunda embaixada
quéro que me vádes levár:
Galalão Galalão =

responde galalão

Real Senhor que detremina =

Dis o Rei christão

perparai-vos e vinde a minha prezença =
eles vão chêgo ão pe do rei
diz o rei =

Meus valurôzos vassálos e embai-
[xadores
ide a onde esta aquelle
grande Rei Senhor da torquia
que me mande a respôsta da embai-
[xada
hoje mesmo neste dia
e que quando assim o não faça
que tenho gente furiôza no campo
*que são para cima de trinta mil homens
[de guérria
e que sem mais demóra
lhe declara Batalha
antes desta meia hóra

diz o rei christão =

Meia vólta volver ordinario Már-
cha = (toca a caixa) *e vão ate á frente*
dos turcos e diz os soldados turcos =

Vós quem sois?

* 27 pg.

CARLOS MAGNO:

Embaixadores das minhas embaixadas,
bem vos podeis preparar,
que a embaixada ides levar.

3.º SOLDADO CRISTÃO:

Eu me rogo de boa vontade
para servir Vossa Real Majestade.

CARLOS MAGNO:

Preparai-vos e vinde à minha presença!

Ide ao Rei da Turquia
que me mande Oliveiros
e dois cavaleiros
que lá tem prisioneiros.
Em troca lhe mandarei
seu filho Ferrabrás,
que já está baptizado e crismado,
já não é turco como eles.
Quando isto não queira fazer nem mandar,
com cem mil homens de guerra
o palácio lhe vou a tirar.
E com muita mais ousadia e ousadia
lhe declaro guerra
por cem anos e um dia.
E à força deste meu braço forte
lhe darei uma dita e poderosa morte.
Ordinário... marcha!

2.º SOLDADO TURCO:

Quem sois vós e quem vos deu autorização de entrardes cá pelo reinado dentro?

A

REI TURCO:

Vós quem sois, ou quem vos deu
atreuimento de entrar n'este meu
reino:

B

dizem os soldados christãos

Somos dois Enbaixadores
que vimos da parte da christandade
que vimos trazer uma embaixada
a vossa real magestade

façam alto que nos imos dar parte

e vão ão rei dizem

*estão ali dois enbaixadores
da Parte da cristandade
que vem tazer uma enbaixada
a vossa real Magestade*

*[Estas frases em itálico estão entreli-
nhadas.]*

Resposta do rei turco

Como são enbaixadores
tem licença de falar
abaixando as armas
podem entrar:

*vem os soldados turcos e dizem ãos
christão*

Como são Enbaixadores
tem licença de falar
abaixando as armas
podem entrar:

estes vão ão pe do rei e diz

Vós quem sois ou quem vos deu
atreuimento de entrar no meu reino.

3.º SOLDADO CRISTÃO:

Nós somos dois embaixadores,
que vimos lá (do reino) da Cristandade,
vimos trazer uma embaixada
a Vossa Real Majestade.

2.º SOLDADO TURCO:

Vocês dizem que são dois embaixadores,
vocês são mas é dois ladrões e espiões,
que andam roubando e espiando
por esse mundo além
e dizem que são embaixadores de Carlos Magno.
Mas façam alto, que a vossa embaixada
será dada.

2.º SOLDADO TURCO:

Meu Rei e Senhor,
estão ali mais dois embaixadores,
que vêm lá da Cristandade,
vêm trazer uma embaixada
a Vossa Real Majestade.

BALAAO:

Pois sendo embaixadores,
têm licença para falar,
baixando as lanças,
podem entrar.

2.º SOLDADO TURCO:

Pois sendo embaixadores,
têm licença para falar,
só abaixando as lanças,
é que vós podereis entrar.

BALAAO:

Quem sois e quem vos deu autorização de entrar cá pelo meu reinado dentro?

A

Responde GALALÃO:

Entramos n'este seu reino,
com coragem e esperteza,
falando sem receio,
a vossa Real Alteza:

Responde o REI TURCO:

Falai falai,
e dizei o que quereis,
que eu logo vos executarei
as penas que vós mereceis:

Responde GALALÃO:

El-rei meu senhor nos manda,
com ouzadia costumada,
para que hoje lhe dê,
a resposta da embaixada:
O mesmo lhe manda dizer,
hoje mesmo n'este dia,
que tem gente ás suas ordens,
de muita força e vallentia:
Veja a resposta que nos dá,
hoje mesmo sem demora,
senão lhe declara batalha,
dentro n'esta meia hora:

Diz o REI TURCO:

Atrevidamente tendes feito
a vossa embaixada;
pois ella foi mais louca
do que avisada;
pouca lei podeis ter
ao vosso grande Rei;
pois assim vos enviou aqui,
como quem manda
um cordeiro ao carnicheiro,
mas a resposta
eu vol-a vou dar:

B

Responde galalão

1.^a Entro neste seu reino
Com coragem espertêza
Falando sem receio
A vossa real altêza

Rei turco

Falai falai
e dizei o que quereis
que eu lógo vos izicutarei
as pênas que vós mereceis:

galalão

2.^a El-rei meu senhôr
Manda com ouzadia e quêtumada
Para que sêja dáda
A resposta da Enbaixáda
3.^a O mesmo mandou dizer
hôje mesmo neste dia
Que tinha gente para o campo
De muinta fôrça e Valentia
4.^a Veja a resposta que me dá
hoje mesmo sem demóra
Que se não lhe declara Batalha
Dentro desta meia hóra

fala rei turco

Atrevidamente tendes feito
a vóssa Enbaixada:
Pois éla foi mais louca
de que avizada
pouca lei podeis ter
ão vósso rei
pois assim vos *enviou
como quem envia
um cordêiro ão carniçeiro
mas a respósta
eu vos a vou dar
e ão cásera
vos bou votar:

* 28 pg.

3.º SOLDADO CRISTÃO:

Nós somos dois embaixadores,
que vimos lá da parte (do reino) da Cristandade,
vimos trazer uma embaixada
a Vossa Real Majestade.

BALÃO:

Falai, falai,
dizei o que quereis,
mas, se não falais verdade,
eu voê executo com as penas que mereceis.

3.º SOLDADO CRISTÃO:

Meu Rei e Senhor manda
que lhe mandeis Oliveiros
mais dois cavaleiros,
que cá tendes prisioneiros,
que em desconto deles
lhe mandará seu filho Ferrabrás,
que já está baptizado e crismado,
já não é turco como vós.
Quando isto não queira fazer nem mandar,
com cem mil homens de guerra
ao palácio lho vai mandar a tirar.
E com muita mais ousadia e ousadia
lhe vai declarar guerra
por cem anos e um dia.

BALÃO:

A vossa embaixada
é mais louca do que avisada,
pois eu vos juro e contrajuro
que com (sem) resposta não voltareis.

4.º SOLDADO CRISTÃO:

E à força do seu braço forte
lhe dará uma dita e poderosa morte.

BALÃO:

A resposta que eu vos vou dar
é para o cárcere vos mandar...
Ó Brutamontes!

A

Ó Capitão Burlantes:

Este responde:

CAPITÃO BURLANTES:

Prompto Real Senhor;
eu já lá vou n'um instante:

Diz o REI TURCO:

Que dizes que se faça a estes prê-
sos?..

BURLANTES responde:

Real Senhor; eu dava-lhe de pare-
cer, que elles fossem dispidos nus em
carne, e atados a rabos de cavallos, pa-
ra que elles percam essa ouzadia que
tem: e que sêjam arrastados, para que
elles sofram os mesmos martirios que
sobreu o Deus que elles adoram pelas
ruas de Jerusalem:

REI:

Disses-te bem, haviam de ser todos
da tua coragem:

E logo chama por Brotamontes e diz:

Ó Brotamontes, (b)

*(anotação destas duas frases ao fundo
da página:)*

BROTAMONTES quando o Rei turco
chama por elle, responde:

«Prompto real senhor que deter-
mina»:)

REI TURCO:

Faz com que estes presos
sejam levados ao campo,
e dispe-mos nus em carne,
e ata-mos cada um ao seu pau,
d'esta sorte,
para logo se lhe dar pênna de morte:

B

Chama o rei =

O capitão Burlante

responde Borlante

Pronto real Senhor
Ja lá vou Nostante

diz rei turco

que dizes que fáça a estes prêzos

Burlante responde

Real senhôr eu lhe dáva de parecer
que êlles fossem dispidos nús em carne
e atádos a rábos de caválos para que
êles pêrcam essa azadia que têm: E que
êles seião arrastados para que êles
sôfro os mesmos martirios que sôfrem
os deus que eles adóro pelas ruas de
Jeruzalém:

Rei diz

Disestes bem haviam de ser tôdos
da tua corágem: E pointe em teu lugar
e perpara a tua espáda para lógo Batalhar

e logo chama pelo Brotamontes

O brotamontes

ele responde

Pronto real senhor que detremina =

Rei turco

Faz com que estes prêzos
sêjam levados ão campo
e dispe-mos-nus em carne
e ata-mos cada um ão seu pau
desta sólte
para lógo se lhe dar pênna de Mórte

A

Responde * BROTAMONTES:

Real Senhor;
a minha proposta,
era que se lhe tira-se
a roupa toda,
e ficassem todos com o cu á mostra:
E chó p'ro buraco:
E vai de Bules bules,
e vai de pataratas,
que lá em Portugal,
se vendem batatas:
ao entrar a bela noite,
só se ouvem cantar morcêgos,
mas todos cantam e gritam,
pela dança (ou musica) dos gallegos:

Diz o REI TURCO:

Ó Capitão Burlantes:

Este lhe responde:

CAPITÃO BURLANTES:

Prompto Real senhor,
eu já lá vou n'um instante:

Diz o REI TURCO:

Contigo quero tomar um bom con-
[selho:
Tenho estes cinco cavalleiros
presos d'esta sorte,
em bom recado;
para logo se lhe dar pena de morte;
mas alem disto,
quero primeiro tomar
o teu bom consêlho:

Responde BURLANTES:

Real senhor,
agora já é tarde para fazer esta
[justiça,
porque os vossos varões e caval-
[leiros,
estão de vós muito afastados;

* 59

B

Responde Bortamontes =

Real senhor
a minha preposta
era que se lhe tira-se
a roupa tôda
e ficassem tôdos com -u-cu-á mostra:
E chó para o Buraco
E vâe de marivutes
e vâe de pataratas
que la em portugal
lá se vende Batatas
Ao entrar a bela noite
so se ouvem morcêgos
mas tôdos cantão e gritão
pela muzica dos galêgos:

Diz Rei turco

O capitão Borlante

Ele responde Borlante

Pronto real senhor
eu ja la vou nostante:

Diz rei turco

Comtigo quero tumar um bom
[conçêlho:
Tenho estes cinco cavalleiros
prezos desta sólte
em bom recado
para lôgo lhe dar pêna de mórte:

* *Responde C. Borlante*

Real senhor
agóra ja e tarde para fazer esta
[Justiça
porque os vossos varões e cavalleiros
estão de vóz muinto afastados

* 29 pg.

A

mas além d'isto,
um consêlho vos vou dar;
que mandeis uma embaixada
ao Imperador Carlos Magno,
que vos mande o vosso filho Fer-
[rabraz

que lá tem prisioneiro,
que em troca d'elle,
lhe mandarei os cinco cavalleiros
que cá tendes prisioneiros;
e que quando isto assim não faça,
d'esta sorte,
com o poder do vosso braço forte,
lhe dareis uma cruel batalha,
e uma victima e poderosa morte:

Diz o REI TURCO:

Disses-te bem,
põe-te em teu lugar,
e prepara a tua Espada
para logo batalhar:

REI TURCO:

Clama clama, D. Pelitam:

Este responde:

D. PELITAM:

Prompto real senhor que determina:

Diz o REI TURCO:

Preparai-vos e vinde á minha pre-
[sença,
com muita ouzadia e liberdade
para ires levar uma embaixada,
ao príncipe Rei da Christandade:

Vão os soldados á presença do Rei, e
este lhe diz:

REI TURCO:

Ide a Mormionda,
aonde está o Imperador Carlos
[Magno,

B

mas além disto
um conçêlho vos vou dar
que mandeis uma enbaixada
ão Inperadôr carlos mágno
que vos mande o vósso filho Fa-
[rabráz

que lá tem prezoneiro
que em trôca dêle
lhe mandarei os cinco cavalleiros
que cá estão prezoneiros
e que quando isto assim não faça
desta sólte
com o puder do vosso braço fôrte
lhe dareis uma cruel Batalha
e uma vitima e pederôza Mórte:

Diz Rei turco =

Dissestes bem
poe-te em teu lugar
e perpara a tua espáda
para logo Batalhar

Diz rei turco =

Clama clama D. Pelitão =

Este responde

Pronto real senhor que detremina

Diz o rei turco

Perparai-vos e vinde a minha pre-
[zença
com muita azadia e libardade
para ireš levar uma enbaixada
ão príncipe rei da Christandade

Vão os soldados a prezença do Rei este
lhe diz

Ide a mermionda
aonde está o Inparador cárlos magno

Começa a embaixada turca.

BALÃO:

Clama, clama D. Pelintrão!

2.º SOLDADO TURCO:

Senhor, eu me rogo de boa vontade
para servir Vossa Real Majestade.

Toca a caixa e o 1.º e 2.º soldados dirigem-se para Balaão.

BALÃO:

Ide ao reino da Cristandade
e dizei ao seu Imperador
que me mande meu filho Ferrabrás,

A

e dissei-lhe da minha parte,
sem decisão alguma,
que me mande o meu filho Ferrabraz
que lá tem prisioneiro,
que em troca d'elle,
lhe mando os cinco cavalleiros
que cá tenho prisioneiros,
* e que quando isto
assim não faça, d'esta sorte,
lhe darei uma cruel batalha,
e uma victima e poderosa morte!...
Ide e falai sem medo:

Vão e chegam á frente dos christãos, e
dizem os SOLDADOS CHRISTÃOS:

Façam alto!... Vós quem sois?...

Respondem os SOLDADOS TURCOS:

Sômos dois embaixadores,
lá da parte da Turquia,
que com muita ouzadia e liberdade,
vimos trazer uma embaixada,
a Vossa Real Magestade:

Dizem os CHRISTÃOS:

Façam alto, que nós imos dar parte:

E foram os soldados christãos á pre-
sença do Rei Christão, e disseram:

SOLDADOS CHRISTÃOS:

Estão ali dois embaixadores,
da parte da Turquia,
que com muita ouzadia e liberdade,
vem trazer uma embaixada,
a vossa Real Magestade:

* 60

B

e dissei-lhe da minha parte
sem dezição alguma
que me mande o meu filho Farabraz
que lá tem prezoneiro
que em trôca dêle
lhe mando os cinco cavalleiros
que ca tenho prezoneiros
que quando isto
assim não faça desta sôrte
lhe darei uma cruél Batalha
e vitima e pederosa Mórte?
Ide e falai sem medo:

*Vao e chego á frente dos christão =
e dizem o seguinte*

Façam alto que nós imos dar parte

*Foram os soldados a prezença do Rei
e disseram*

Estão ali dois enbaixadôres
da parte da Torquia
que com muinta azadia e libardade
vem trazer uma enbaixada
a vossa real magestade:

que lá tem prisioneiro,
que eu em troca lhe mandarei
o seu cavaleiro Oliveiros
e mais quatro companheiros
que cá tem prisioneiros.
E, quando isto não queira fazer nem mandar,
que a fogo e ferro frio (que a fogo, a ferro)
do palácio o vou a tirar.
(E com muita mais ousadia
lhe declaro guerra
por cem anos e um dia.)
E que com grande batalha e braço forte
lhe darei cruel guerra
e vergonhosa morte.
Ordinário... marcha!

Os soldados turcos aproximam-se do campo cristão a toque de caixa e em passo de dança.

5.º SOLDADO CRISTÃO:

Vós quem sois e quem vos deu o atrevimento
de entrar pelo nosso reinado dentro?

2.º SOLDADO TURCO:

Somos dois turcos (dois embaixadores)
que vimos lá da Turquia,
vimos trazer uma embaixada
a Vossa Real Senhoria.

5.º SOLDADO CRISTÃO:

Façam alto que a vossa embaixada será dada!

Vão o 5.º e 6.º soldados ao rei e o 7.º e 8.º avançam para o seu lugar.

5.º SOLDADO CRISTÃO:

Real Senhor,
chegaram ali dois dois turcos da turquia (dois embaixadores)
que vêm trazer uma embaixada
a Vossa Real Senhoria.

A

Diz o REI CHRISTÃO:

Como são embaixadores,
tem licença de falar,
abaixando as Espadas,
podem entrar:

Vão os soldados christãos; chegam á
beira dos turcos e dizem:

SOLDADOS CRISTÃOS:

Como são embaixadores,
tem licença de falar,
abaixando as Espadas,
podem entrar:

Os turcos entram, e vão até aonde está
o REI CHRISTÃO, e este lhe diz:

Vós quem sois, ou quem vos deu
o atrevimento de entrar n'este meu
Reino!...

Respondem os TURCOS:

Somos dois embaixadores,
lá da parte da Turquia,
com muita ousadia e liberdade,
vimos trazer uma embaixada,
a vossa Real Magestade:

Diz o REI CHRISTÃO:

Falai, falai,
e dizei o que quereis,
que eu logo vos executarei,
as penas que vós mereceis:

Dizem os TURCOS:

Mandou-nos aqui o almirante Balão,
que sem decisão alguma
lhe mandasse o seu filho Ferrabraz,
que cá tem prisioneiro,
*que em troca d'elle,

* 61

B

Diz o rei christão =

Como são enbaixadores
tem licença de falar
abaixando-as espadas
podem entrar:

*Vão os soldados chistão chegão a beira
dos turco e dizem o seguinte =*

Como são enbaixadores
tem licença de falar
abaixando as espadas
podem entrar

** Os turcos entram e vão ate onde esta
o rei christao o rei lhe diz*

Vós quem sois e quem vos deu atre-
vimento de entrar neste meu Reino

Responde os suldados turcos

Somos dois enbaixadôres
lá da Parte da Torquia
com toda a uzadia e liberdade
que vimos trazer uma Enbaixada
a vóssa real magestade:

Diz rei christão

Falae falae
e dizei o que quereis
que eu lógo vos izicutarei
as pênas em que vós mereçais:

Dizem os sordados turcos

Manda-nos aqui o Almirante Balão
que sem dezissão alguma lhe
lhe mande o seu filho Farabraz
que cá tem prezioneiro
e que em tróca dêle

* 30 pg.

CARLOS MAGNO:

Sendo embaixadores,
têm licença para falar,
baixando as espadas,
podem entrar.

Toca a caixa e os soldados levam a resposta.

5.º SOLDADO CRISTÃO:

Sendo embaixadores,
tendes licença para falar,
baixando as espadas,
podeis entrar.

Toca a caixa e os embaixadores entram, mas ninguém os segue.

CARLOS MAGNO:

Quem são vocês e quem vos deu o atrevimento
de entrar pelo meu reinado dentro.

2.º SOLDADO TURCO:

Nós somos dois turcos (dois embaixadores)
que vimos lá da Turquia,
vimos trazer uma embaixada
a Vossa Senhoria.

CARLOS MAGNO:

Falai, falai,
dizei o que quereis,
se não falares verdade,
eu vos culpo com as penas que mereceis.

2.º SOLDADO TURCO:

Mandou o meu Rei e Senhor,
que mandasse seu filho Ferrabrás,
em desconto dele mandará Oliveiros,
mais quatro companheiros,
que lá estão prisioneiros.

A

lhe mandava os cinco cavalleiros
que lá tem prisioneiros,
e que quando isto assim não faça,
d'esta sorte,
lhe dará uma cruel batalha,
e uma vitima e poderosa morte:

Diz o REI CHRISTÃO:

Atrevidamente tendes feito
a vossa embaixada,
pois ella foi mais louca,
do que avisada;
ide e dizei ao vosso rei,
que o seu filho Ferrabraz
já se batisou e se fez christão,
e que já não é turco como elle;
ide-vos embora vil canalhada,
salteadores de Estrada,
vos não nos roubais,
porque nós não temos nada:

E ao os turcos fugirem, o REI CHRIS-
TÃO manda:

sobre a frente; apontar:

e os christãos dão todos uma descarga
de fogo aos turcos, e estes chegam á
beira do rei turco, e dizem:

SOLDADOS TURCOS:

A resposta que nos deu,
foi mais louca do que avisada;
disse-nos que o vosso filho Ferrabraz
que já se batisou e se fez christão,
e que já não é turco,
como Vossa Real Magestade:

Diz o REI TURCO:

Ora ide,
e ponde-vos em vossos logares,
e preparai as vossas Espadas,
para logo batalhar:

(e vem para a frente)

B

lhe manda-va os cinco cavalleiros
que lá tem prezioneiros
e que quando isto asim o não faça
desta sôrte
lhe dara uma cruél Batalha
e uma vitima e pederôza Mórte?

Diz rei christao

Atrevida-mente tendes feito
a vóssa enbaixada
pois ela foi mais louca
de que avizada
ide e dizei áo vosso rei
que o seu filho Farabráz
Já se Baptizou e se fez christão
e que Já não hé turco como êle:
Ide vos embóra vil canalhada
e saltiadôres de estráda
vós não me roubais
porque eu não tenho náda.?

Rei christão manda

sobre afrente apontar

*e os soldados dão fogo) e os soldados
turcos fôgem = e chego a Beira do rei
responde os soldados turcos ao rei turco)*

A resposta que nos deu
foi mais louca de que avizada
dise-nos que o vósso filho Farabraz
que ja se Baptizou e se fez christao
e que ja não é turco
como Vóssa real Magestade:

Diz rei turco =

Óra ide e pônde-vos em vóssos lugáres
e preparai as vóssas espádas
para logo Batalhar:

Vem os soldados para afrente

Quando isto não queira mandar nem fazer,
a fogo, a ferro o palácio lhe vai a tirar.
E com mais ousadia e ousadia
meu rei lhe declara guerra
por cem anos e um dia.

CARLOS MAGNO:

A tão vil canalha
não dou resposta.
Ide, que logo vindes todos.

1.º SOLDADO TURCO:

E à força do seu braço forte
lhe dará uma dita e poderosa morte!

CARLOS MAGNO (*aos seus soldados*):

Apontar lanças!

Toca a caixa e os turcos fogem em direcção ao seu campo. Os cristãos atacam-nos e fazem-nos cair. Um vai a coxear e Brutamontes vem ajudá-lo.

Responde FELORIPES:

Senhor pai;
eu dava-lhe de parecer,
que não matasse estes presos
em antes de comer,
e que assim m'os entregue,
que eu os terei presos em bom
[recado,
e que assim amanhã,
folgaremos todos
de ver a sua vil morte!...

Responde o REI TURCO:

Disses-te bem, minha filha,
consideras-te bem ligeira,
vai a brotamontes,
que te dê as chaves da Cadeia:

FELORIPES:

Brutamontes, Brotamontes
Brotamontes excelente;
ou me daz as chaves do carcere,
ou te mato já de repente:

BROTAMONTES:

As chaves do carcere,
n'unca as tu viste
n'em chegas a ver em teu poder,
pois só no retorcido d'ellas,
as podes conhecer:

FELLORIPES:

Brotamontes, Brotamontes,
Brotamontes grande madraço,
*ou me daz as chaves do carcere,
ou te quebro já um braço:

* 62

Responde Feloripes

Senhor páe
eu vos dáva-lhe de pareçêr
que não matásse estes prêzos
em antes de comêr
e que asim mos entregue
que eu os terei prezos em bom recado
e que asim amanhã
folgarêmos todos
de ver a sua vil mórte:

Rêsposta do rei turco

Disestes bem minha filha
considerástes * bem ligeira
vae ão Bortamontes
que te deia as chávés da cadeia?

Diz a Feloripes

Brotamontes — Brotamontes —
Brotamontes eixselente
ou me dáz as chávés do casere
ou te eu mato já de repente

Responde Bortamontes

As chávés do cársere
nunca as tu vistes
nem chêgas haver em teu poder
pois só nu retorçido délas
as podes conhecer

Feloripes

Brotamontes Brotamontes
Brotamontes grânde madráço
ou me das as chávés do cárcere
ou te quebro Ja um bráço:

* 31 pg.

Brutamontes sai do estrado e vai fora das bancadas onde está Floripes. Entram ambos ao som da contradança dos cristãos. Passam pela frente do palanque e entram pelo fundo, junto à porta da prisão onde estão os cristãos. Oliveiros e Roldão aparecem no limiar da porta entreaberta. (var. Quando sobem ao estrado começa a tocar a contradança dos turcos)

A

BROTAMONTES:

Pagas-mo por bom,
mas ainda me fica outro:

Canta FELLORIPES:

Ó cavalheiros christãos,
dizei-me a razão,
porque o senhor pai vos tem presos,
n'esta horrível prisão:

Canta OLIVEIROS:

Ó senhora Felloripes,
eu lhe conto a razão,
venci em justa batalha,
Ferrabraz vosso irmão:

FELLORIPES:

Se vós me deras noticias,
do senhor gui de Borgonha;
eu logo vos soltaria,
d'esta prisão tão medonha:

Canta GUI DE BORGONHA:

Ó senhora Felloripes,
aqui estou ao seu dispôr;
a partida está bem boa,
já não pode estar melhor:

B

Brotamontes diz o seguinte

pagas-mo por bão
mas ainda me fica outro:

C. *Feloripes*

Ó cavalheiros christãos
Dizei-me porque a Razão
Vos tem o Senhôr pae prêzo
Nêsa hurrível prizão:

C. *Oliveiros*

Ó senhora Feloripes
Eu lhe conto a razão
Vemçi a enjusta Batalha
Farabraz vósso irmão:

C. *Feloripes*

Se vós me deras nutícias
Do Senhor guis de vergônha
Emtão lógico vos soltaria
Desta prizão tão medônha?

C. *guis Vergônha*

O senhora Feloripes
Aqui estou ão seu dispôr
A partida esta bem boua
Não pode estar milhôr

FLORIPES:

Ó cavaleiros de França,
dizei-me porque razão
o senhor pai vos tem presos
nesta horrível prisão.

OLIVEIROS:

Ó princesa Floripes,
eu lhe conto a razão:
eu fui quem tive um combate
com Ferrabrás vosso irmão.

FLORIPES:

Foste tu quem venceste meu irmão Ferrabrás?

OLIVEIROS:

Fui sim, mas foi em muito leal batalha. Fiz dele o que ele queria fazer de mim. E pela sua própria vontade se fez cristão.

FLORIPES:

Quem são os cavaleiros que contigo estão?

OLIVEIROS:

Os cavaleiros que comigo estão são todos de mui nobre sangue e nos chamamos os Doze Pares de França.

Agora o diálogo passa a ser cantado.

FLORIPES:

Se eu tivera notícia
Do Senhor Gui de Borgonha,
Vos mandaria soltar
Desta prisão tão medonha.

A

FELLORIPES:

Conseguindo esta graça,
Conseguindo este tão;
queria dar um abraço em St.º Antonio,
Umilde do coração:

Canta ROLDÃO:

Ó senhora Felloripes,
aqui estou prisioneiro,
soltai-me por via vossa,
d'este horrivel cativoiro:

FELLORIPES:

A partida está bem bôa,
ó cavalheiro christão,
quero ir gosar a mocidade,
a mais meu lial irmão:

Cantam TODOS DA PRISÃO:

El-rei meu senhor bem é,
que sejamos soltos da prisão;
festejê-mos a senhora,
Umildes do coração:

B

C. *Feloripes*

Comseguindo esta graça
Comseguindo este tão
Queria dar um abraço
No martir S. Sebastião

C. *Roldão*

Ó senhora Feloripes
Aqui estou prezoneiro
Soltai = me por via vossa
Deste horrivel cativoiro:

C. *Feloripes*

A partida esta bem bôa
Ó cavalheiros christão
Quero ir gúzar a moçidade
A mais meu leal irmão

C. *todos os prêzos*

El-rei meu senhor bem é
Que seja-mos soltos da prisão
Festijêmos a sinhôra
Umildes do coração

ROLDÃO (1.º SOLDADO):

Ó Senhora Floripes,
Aqui estou prisioneiro.
Soltai-me por vida vossa
Deste horrível cativoiro.

FLORIPES:

Ó cavaleiros de França
Eu vos quero dar a vida;
O meu amado esposo
Considere [o] na partida.

ROLDÃO (1.º SOLDADO):

Ó Senhora Floripes,
Aqui estou ao seu dispor,
A partida está bem boa,
Não podia estar melhor.

Toca a contradança dos cristãos e Floripes vai ao centro do palco e fala para Balaão.

FLORIPES:

Ó Senhor Pai, Senhor Pai,
eu lhe dou de parecer:
soltar os presos da cadeia
que estão sem comer nem beber.

BALAÃO:

Considera minha filha,
eu aprovo a tua ideia,
vai ao Brutamontes
que te dê as chaves da cadeia.

Vai Oliveiros de braço dado com Feloripes, e os outros a dois, até á frente dos turcos, e viram-se para o rei turco, e canta FELLORIPES:

Ó Senhor pai me perdoe,
a traição mal considerada,
eu sou rapariga nova,
desejava ser casada:

Canta o REI TURCO:

Minha filha Feloripes,
que tanto me falsias-te,
fugis-te com os cavalheiros,
meus inimigos soltas-te:

FELLORIPES:

Adeus meu querido pai,
adeus reino da Turquia,
adeus meus leais vassalos
até ao ultimo dia:

explicação = Vae oliveiros de Braço dado com Feloripes e os soldados dois a dois e vão por fora do palanque e entram a meio e ficam Birados para o rei turco e canta a Feloripes

* C. Feloripes

Senhor pae me perdou a
Traição má considerada
Eu sou rapariga nóva
Dezeja-va ser cazada

C. rei turco

Minha filha Feloripes
Que tanto me falsiástes
Fugistes com os cavalheiros
Meus inimigos soltastes

C. Feloripes

Adeus meu querido pai
Adeus reino da Torquia
Adeus meus liães vasalos
Até ao ultimo dia?

* 32 pg.

Toca a contradança dos cristãos (var. dos turcos) e Floripes dirige-se mais para o lado onde está Brutamontes.

FLORIPES:

Ó Brutamontes insolente,
dá-me as chaves da cadeia,
senão mato-te
ou morres de repente!

BRUTAMONTES:

Princesa Floripes,
isso não queria fazer,
vai soltar os presos da cadeia
que o senhor seu Pai mandou prender.

(var. em 78:

Ó Senhora Floripes,
a chave não lha queria dar,
vai soltar os presos,
que tenho de guardar.)

Floripes agride com um lenço Brutamontes. Este cai e ela tira-lhe as chaves, com que abre a prisão. Toca a contradança dos turcos (var. dos cristãos), Floripes e Oliveiros com os soldados cristãos soltos atrás descem ao terreiro e dão a volta pela frente do palco. Sobem ao estrado e vão passar por fora dos soldados cristãos que estão junto de Carlos Magno. Floripes toma agora lugar entre Carlos Magno e Oliveiros e avançam com os soldados libertados atrás. Estes ficam nos seus lugares e os chefes vão até ao centro do palanque. (var.: quando Floripes entra no campo cristão começa a tocar a contradança dos cristãos)

FLORIPES (canta):

Ó Senhor Pai, Senhor Pai,
Eu lhe conto a razão:
Fui eu quem soltei os presos
Daquela horrível prisão.

BALAAO:

Minha filha Floripes,
Tu sempre me falseastes;
Desprezastes minhas leis,
Meus inimigos soltastes.

E faz uma venia* ao Rei turco, e vão para os christãos, e cada qual para o seu lugar, (entrando pelo meio dos christãos) e Oliveiros fica ao pé do rei christão, como ao principio, e Feloripes á beira de Ferrabráz; a par:

— Desafio do REI TURCO —

(com voz arrogante)

Ó Rei da Christandade,
imperador Carlos Magno,
ou quem quer que tu és ou sejas
lá das partes da christandade,
aparta-te da tua gente,
assim como eu estou apartado da minha:
Ainda não vens, ou ainda não apa-
[reces?...

O certo é que temes
em ver um só cavalheiro turco no
[campo:

Ora anda anda,
que te hei de fazer
aqui hoje n'este terreiro,
cômo se faz á carne no talheiro:
Vamos nós os dois velhos, ou os
[dois reis,
dar fim a esta batalha,

E faz uma venia ão rei turco e vão para os christão e cada um váe para o seu lugar entrando pelo meio dos christãos) Oliveiros fica ão pé do rei christão Feloripes abeira de Farabraz. tudo como no prencipio tudo egual

Dezafio do rei turco para o campo

Ó rei da christandade
o inparador cárlos magno
ou quem quer que tu és ou sêjas
la das partes da christandade
aparta-te da tua gente
asim como eu estou apartado da minha:
Ainda não vens ou ainda não apareçes?
O certo é que temes em ver
um só cavalheiro turco no campo:

Ora anda anda
que te hei de fazer
aqui hõje neste terreiro
como se fará á carne no talheiro?...
Vámos nós os dois
dar fim a esta Batalha

* 63.

FLORIPES:

Ó Senhor Pai me perdoe
Por esta acção mal considerada,
Se eu lhe fiz esta ofensa,
Foi p'ra ser mulher casada.

BALÃO:

Minha filha Floripes,
Eu te hei-de abençoar;
Casaste com um cavaleiro,
Dá-me a mão, vamos dançar.

Toca a contradança dos turcos e Balaão vem ao centro junto de Floripes. Dão-se a mão direita levantada e rodam algumas voltas. Balaão regressa ao seu posto e Floripes vai levantar Brutamontes que permanecia caído. Depois vai para junto de Carlos Magno e deita para trás o véu. Regressam todos, recuando, aos seus postos, enquanto Brutamontes lança confeitos e amêndoas. Pára agora a contradança.

Vão os dois reis cada um a meio do seu campo, avançando depois conforme o desafio vai evoluindo.

BALÃO (alongando as tónicas no fim de cada frase):

Vamos lá nós os dois reis
dar princípio e fim a esta batalha,
pois não vejo quem apareça,
certo é que temes
um só cavaleiro turco no campo.

A

porque aqui hoje n'este terreiro,
á de haver um grande espalhafato,
que vós poucos escapareis,
que eu aqui a vós todos vos mato:

E saltam os dois Reis um contra o
outro, e batalham;

e diz o REI CRISTÃO:

Ten-te turco infiel,
não te engane o coração;
n'unca esperes de vencer,
um só fiel cristão:

Diz o REI TURCO:

O peito tenho de bronze,
o coração com tal rigor,
somente para experimentar,
o teu grande animo e valôr:

Batalham:

Diz o REI CRISTÃO:

Milagroso St.º Antonio,
hoje me queira ajudar,
para que este turco se renda,
e se queira baptisar:

Batalham

Diz o REI TURCO:

Eu também peço aos meus Deuses,
que usem do seu poder;
que esta batalha tão forte,
me ajudem a vencer:

B

porque aqui hõje neste terreiro
á de haver um grande espalhafato
que vós pouco escapareis
que vos eu aqui a vós todos vos mato:

*Salto os reizes um para o outro e Bata-
lhão muintos zangados e diz rei cristão*

F rei chistão

Tente turco enfiel
Não te engâne o coração
Nunca esperes de vençer
Um só fiél cristão

(Batalha)

Diz rei turcò

O peito tenho de Brônze
Coração com tal rigôr
somentes para esprementar
O teu animo e valôr:

(Batalham)

Rei christão

Milagôzo (*entrelinhado a roxo*: Pa-
dre s. Antonio) san Sebastião
Hoje me queira ajudar
Que estes turcos se rendão
E se queiram Batizar:

(Batalharam)

rei turco

Eu também peço áo meus
Deuzes que uzem do seu puder
Que esta Batalha tão fôrte
Ma ajude a vençer:

(Batalharam)

CARLOS MAGNO:

Tem-te, turco infiel,
e não enganes teu coração;
nem nunca esperes vencer
um só rei, fiel cristão.

BALÃO:

Meu coração é de bronze,
meu peito com tal vigor,
espero hoje, neste dia,
vencer teu ânimo e valor.

CARLOS MAGNO:

Ó minha Senhora das Neves,
me queiras hoje ajudar,
para este turco convencer
e a vitória lhe ganhar.

BALÃO:

Eu também peço aos meus deuses,
que são de grande piedade,
para que hoje, neste dia,
vença o Rei da Cristandade.

A

Dis o REI CHRISTÃO:

Hoje aqui á de haver,
um grande tremôr de terra;
toquem as caixas a rebate,
e demos fim a esta guerra:

Diz o REI TURCO:

* (Nota) No fim das batalhas a ferro frio dos soldados, também é a batalha dos dois reis, e o rei turco é prisioneiro também —

(esta nota está escrita nos cimos das pag. 64 e 65)

Agora é que eu digo digo,
que tu és um grande bruto,
que vens morrer ao campo,
nas mãos d'um cavaleiro turco:

Batalham um com o outro e diz o REI CHRISTÃO:

Primeira linha... Ordinario marche...

Diz o REI TURCO na mesma...:

Primeira linha... Ordinario... marche...

Vem uns ao pé dos outros, e os turcos batem com as Espadas nas armas dos christãos; e diz o REI CHRISTÃO:

Sobre a frente... Apontar... fôgo...

E os christãos dão fôgo aos turcos, e os turcos fogem

* 64

B

Rei christão =

Hoje aqui neste terreiro
* A de haver grande temôr de terra
Tocam as caixas Arebáte
E demos fim a esta guerra

rei turco

Agóra e que eu digo
Que tu és um grande Bruto
Que veins morrêr ão campo
Nas mãos dum cavalleiro turco

Batalharam um contra o outro dis rei christao

Primeira linha ordinario Mácha

dis rei turco ão mesmo tempo igual

Primeira linha Ordinario Mácha

Vem os soldados uns contra os outros e os cristão

Diz o rei

Sobre a frente apontar fôgo

(os turcos dão com as espadas nas armas)
Os turcos fogem para trás de tôdo

* 33 pg.

CARLOS MAGNO:

Também me está parecendo,
que ouço um tremor de terra;
toquem as caixas a rebate,
principiemos esta guerra.

BALAÃO:

Eu também me está a parecer,	
que ouço um grande espalhafato,	(var.:
mas se falta fazer	mas se preciso for
serei eu quem te mato.	só eu a todos mato.)

Toca a caixa e ambos batalham. A partir daqui a caixa toca permanentemente. Só pára quando algum rei fala.

BALAÃO:

Soldados turcos, pela direita rodar... Em frente... marcha!

Vão os soldados turcos em fila indiana, tomando o Porta-Bandeira a 5.ª posição, rodear os dois reis, formando um círculo à sua volta.

CARLOS MAGNO:

Soldados cristãos, pela direita rodar... Em frente... marcha!

Os cristãos rodeiam os turcos.

A

E diz o REI CHRISTÃO:

Ombro... Armas... meia volta...
volver... ordinario, marche...

E vão para detraz dos outros, até aos ultimos de traz, conforme forem batalhando, até que os primeiros de diante, ficam atraz de todo, e os de traz de todo, ficam adiante; e os turcos na mesma ordem: E no fim de terem batalhado todos a fogo (entendendo 2 a 2, n'esta ordem: primeira linha, 2.^a linha, 3.^a linha, 4.^a linha — Cada linha por sua vêz; com a mesma ordem que está dito na primeira linha acima dita, assim correrá esta mesma ordem, até á quarta linha; e os turcos na mesma: E no fim de terem batalhado todos a fogo, estas quatro linhas, vão cada qual outra vez para os seus logares como a principio, e ficam colocados na mesma; e os turcos na mesma ordem:

B

(Diz rei christão)

Ombro ármãs meia volta volver
ordinario márchã

Eispelicação

e vão os soldados por fóra dos outros para traz de tôdo comfórme foren Batalhando ate ão fim e depois é a primeira e segunda linha e depois terceira e quarta e depois primeira segunda e terceira e quarta os turcos na mesma ordem egual

Batalharam os reises e dis rei christão

Segunda Linha ordinario Márchã

rei turco

Segunda linha ordinario Márchã

rei christão

Sobre a frente apontar = (fogo)

fogem os turcos e os christão estão firmes

Ombro ármãs meia volta volver =
Ordinario Marcha =

Batalharam os reizes e diz o rei christão e o turco parados para os soldados fazer pontaria

3.^a linha Ordinario Márchã

rei turco

3.^a linha Ordinario Marcha

vem os soldados e os turcos dar com as espadas nas armas

Sobre a frente apontar (fogo =)

fojem os turcos e os christão estão firmes

CARLOS MAGNO:

Arretirar!

Em passo acelerado os cristãos retomam as suas posições.

BALAAÃO:

Arretirar!

Correm os turcos para os seus lugares.

Novo combate entre os reis.

Repetem agora os mesmos movimentos e ordens, invertendo a ordem: primeiro os cristãos, depois os turcos.

Mais uma vez terçam armas os reis.

CARLOS MAGNO (para o 1.º e 2.º soldados):

Marcha!

BALAAÃO (para o 1.º e 2.º soldados):

Marcha!

Quando os soldados chegam junto dos reis...

CARLOS MAGNO:

Apontar... lanças!

Cruzam-se lanças e espadas duas ou três vezes. Retiram à ordem do chefe...

CARLOS MAGNO:

Arretirar!

BALAAÃO:

Arretirar!

Repetem as mesmas ordens e movimentos para os restantes pares, depois para dois pares ao mesmo tempo e seguidamente para os restantes dois pares. Finalmente vão os oito soldados de cada lado duma só vez. Entremeiam os dois reis estas ordens com pequeno batalhar entre si.

Quando algum par ou pares vai combater ao centro, os pares que estão atrás avançam todos de forma a deixar o mesmo espaço vazio no fim das filas. Este espaço livre será ocupado pelos que saíram. O regresso é feito por fora das filas.

A

Agora batalham os reis:
E diz o REI CHRISTÃO:
Primeira e segunda linha,

e o Rei turco na mesma,
e os christãos dão fogo outra vez aos
turcos (tudo a mesma ordem como na
primeira linha acima dita.)

B

Diz rei christão
onbro armas meia volta volver
Ordinario Mácha

*E toca a caixa Batalharam os reizes dis
rei christão*

4.^a linha ordinario Mácha

Dis rei turco
marcha

vem todos os soldados dos dois

Rei christão

Sobre a frente apontar fôgo

os turcos fogem e vão para seu lugar

**Diz rei christão*

Onbro ármãs meia Volta volver
ordinario márxã?

Batalharam os reizes

Dizem os dois reizes

Primeira e Segunda linha. Ordina-
rio Mácha:

rei turco

1.^a 2.^a linha ordinario marcha:

*e vem quatro a quatro e chegão ao
pé do rei os turcos e os christão diz
rei christão*

Sobre a frente apontar (fôgo)

*e os turcos vão para traz dos outros e
os christãos estão firmes =*

diz rei christão

Onbro armas meia volta volver
ordinario mácha:

* 34 pg.

A

— Batalham os reis —

E diz o REI CHRISTÃO outra vêz:

Terceira e quarta linha,

e o rei turco na mesma,
e os christãos dão fogo outra vêz aos
tur *cos, (tudo a mesma ordem como
na primeira linha acima dita)

— Batalham os reis —

E diz o REI CHRISTÃO:

Primeira, segunda, terceira e quarta
linha,
(na mesma ordem como da primeira linha)
e dão fogo todos juntos, as quatro linhas,
e os turcos fogem:

(O rei turco tambem diz na mesma
como o rei christão; primeira, segunda,
terceira e quarta linha:)
E depois de terem dado o ultimo fogo
todos juntos, estas quatro linhas, diz o

REI CHRISTÃO:

Ombro... armas... meia volta...
volver; ordinario, marche:

E vão até á beira de Oliveiros e Guarim;
e diz o REI CHRISTÃO:

meia volta... alto:

E torna a dizer o rei christão:

Meus vallerosos vassalos,
já que o fogo não tem valor
para vencer semelhante traidor;
levemos isto a nosso brio;
pouze-mos as nossas armas,
e vamos a elles a ferro frio:

* 65

B

Batalharam os reizes dizem

3. e 4.^a linha ordinario Márcha

Diz rei christão

Sobre a frente apontar (fogo)

*os turcos fogem e os christão ficam
firmes e diz o rei christão*

Onbro armas meia volta volver
ordinario Márcha

Batalha diz rei christão

1.^a 2.^a 3.^a e 4.^a linha ordinario
[Márcha

diz o rei christão

Sobre afente apontar (fogo)

*Os turcos vão todos sem ordens um cai
aquí outro cai aqulá*

diz rei christão

Ombro armas meia volta volver
ordinario Márcha

*E vão a te a beira de goarim Oliveiros
e diz o rei christão*

meia volta álto

Diz o rei christão

Já que o fogo não tem valôr
para vencer semelhante traidor
levemos isto a nosso brio
e pouzêmos as nossas armas
e vamos a eles a ferro frio:

CARLOS MAGNO:

Meus valorosos vassalos,
já que as nossas armas
não têm valor,
vamos a ferro frio,
que será nosso brio.

Os cristãos pousam as lanças no tablado e vão combater a mão nua.

A

e diz o *REI CHRISTÃO*:

Primeira linha; ordinario, marche:

E o rei turco na mesma

Depois segunda linha, depois terceira linha; depois quarta linha — E assim batalham, a ferro frio os christãos e os turcos; e á quarta linha é concluida a batalha a ferro frio, e são os turcos todos vencidos, e prisioneiros 2 a 2
(as seguintes oito linhas desta página serão transcritas depois da página 67, segundo manda o próprio manuscrito)

Seguem os Portas Bandeiras:

Diz o *PORTA BANDEIRA CHRISTÃO*, ao porta bandeira turco:

Ó porta bandeira excelente,
ou me entregas a tua bandeira,
ou te mato e morres já de repente:

Dis o *TURCO*:

A minha bandeira, n'unca a vis-te
n'em chegas a vêr em teu poder,
pois olha que eu com esta minha
[Espada,
tudo hei de vencer:

B

Diz o rei christão

Primeira linha ordinario Márcha

rei turco na mesma

*Batalharam os soldados e os christãos
levam-nos prezos ão Baptismo o Anjo
Baptiza-os e vão colocar-se nos seus
lugares*

2.^a linha ordinario Márcha: (Batalha)

*e levão-nos prezos ão Baptismo e vão
para o seu lugar:*

em todas as linhas eguais =

3.^a linha ordinario Márcha: depois

4.^a linha ordinario Marcha

Batalharam os turcos atraz e os christãos na frente e fico em duas álas

Batalharam os reizes e leva o rei christão o turco prezo para o Baptismo e ficam como estavam no princípio rei turco farabraz e feloripes nas ultimas álas os christaos ficam nas ultimas álas dos christaos cada qual nos seus lugares*

Papel dos Porta Bandeiras

Diz o porta Bandeira christão

Ó porta Bandeira eisselento
ou me entregas a tua Bandeira
ou te mato
e morres Ja de repente:

Dis o porta Bandeira turco

A minha Bandeira nunca a tu vistes
e nem a chégas a ver em teu puder
pois olha que eu com a minha espada
tudo ei de vencer:

CARLOS MAGNO (*para o 1.º e 2.º soldados*):

Marcha!

BALÃO (*para o 1.º e 2.º soldados*):

Marcha!

Vêm os dois pares ao centro. Os cristãos desarmados lançam-se aos turcos e arrastam-nos para a prisão, apesar dos esforços destes por se libertarem. Regressam os cristãos e tomam os últimos lugares.

Repetem-se as mesmas ordens e movimentos e cada par turco é sucessivamente capturado e levado para a prisão, com grande gáudio da assistência. Esta prisão está situada uns três metros ao lado do palco, do lado dos cristãos. Quando algum turco é levado a caixa toca rufo de batalha, quando os cristãos regressam toca ritmo de marcha. Batalham os reis pela última vez e o turco é aprisionado.

Nas falas dos próximos desafios todos alongam a sílaba tónica no fim de cada «verso», como se falassem para longe.

Avançam um pouco os Porta-Bandeiras.

PORTA-BANDEIRA CRISTÃO:

Ó Porta-Bandeira insolente,
faz-me uma pura entrega da tua bandeira,
porque senão eu mato-te
e morres de repente.

PORTA-BANDEIRA TURCO:

A minha bandeira
nunca a tu chegas a ver em teu poder,
à força desta minha espada (do meu braço)
é que eu te hei-de dar a saber.

A

Diz o CHRISTÃO:

Ó porta bandeira desgraçado,
ou me entregas a tua bandeira,
ou te mato, e morres já degolado:

Batalham, e o * Porta bandeira turco é
prisioneiro:

Papel de Guarim com Brotamontes, e
Batalha dos mesmos:

Diz Guarim:

Ó Brotamontes excelente,
ou me dás as chaves do carcere,
ou te mato e morres já de repente:

BROTAMONTES:

As chaves do carcere,
n'nunca as tu vis-te,
n'em chegas a vêr;
pois só no retrocer d'ellas,
tu as deves conhecer:

GUARIM:

Ó Brotamontes desgraçado;
ou me dás as chaves do carcere,
ou te mato e morres já degolado:

B

diz o christão

Ó porta Bandeira desgraçado
ou me entregas a tua Bandeira
ou te eu mato
e morres degolado:

*Batalharam e é prezo o porta Ban-
deira turco e vai ão Baptismo vem um
para cada frente das suas tropas*

Papel de goarim e Brotamontes

Diz goarim

Ó Brotamontes eisçelênte
ou me das as chaves do cárcero
ou te mato
e morres já de repente:

Responde Brotamontes

As chaves do cárcero nunca as tu viste
nem chegas a ver
pois só no retroçido délas
tu as deves conhecer:

(Goarim)

Ó Brotamontes desgraçado
ou me das as chaves do cárcero
ou te mato
e morres ja degolado

* 66

PORTA-BANDEIRA CRISTÃO:

Ó Porta-Bandeira desgraçado,
faz-me uma pura entrega da tua bandeira,
porque senão eu mato-te
e morres degolado.

PORTA-BANDEIRA TURCO:

A minha bandeira
nunca a tu chegas a ver nem verás,
à força desta minha espada
é que tu a experimentarás.

Toca a caixa, lutam e o turco é vencido e aprisionado.

Aproximam-se agora Guarim e Brutamontes.

GUARIM:

Ó Brutamontes insolente,
faz-me uma pura entrega da tua cacheira,
porque senão eu mato-te
e morres de repente.

BRUTAMONTES *(estava fora do palanque, sobe e bate com a cacheira):*

A minha cacheira	(var.: A minha cacheira,
nunca a tu chegas a ver,	nunca a tu chegas a ver em teu poder,
a força deste meu braço	à força desta musculatura
é que tu hás-de saber.	é que tu a experimentarás.)

GUARIM:

Ó Brutamontes desgraçado,
faz-me uma pura entrega
das chaves do teu cárcere,
porque senão eu mato-te
e morres degolado.

A

BROTAMONTES:

Guarim; essas tuas palavras,
não te servem de medalha;
pois olha que eu, com esta minha
[móca,
hei de vencer a batalha:

Batalham; e a certo ponto da batalha,
diz BROTAMONTES:

Guarim; eu dizia-te
que em antes de mais nada,
arromêmos com a batalha,
e tomêmos uma pitada?...

GUARIM:

Senhor Brotamontes, eu dizia-lhe
que em antes de mais nada,
seria melhor nós dar-mos fim
a esta massada;
mas não havendo grande demora,
vamos lá a essa pitada?...

BROTAMONTES:

Mas olha lá?... tu de qual queres?...
queres do fino, ou queres do grôso!..

(aqui compõe Guarim e Brotamontes,
este palavriado da melhor forma, tudo
para fazer rir:) E Guarim toma a pi-
tada, e entretanto Brotamontes lhe fo-
ge, e vai-se esconder no carcere, e

GUARIM achando-se só, começa a di-
zer o seguinte:

Bem decerto a meu vêr,
elle assim arranjou de me fugir;
mas, deixa-lo ir
que elle sempre á de apparecêr:

B

Brótamontes =

Goarim essas tuas palávras
não me servem de medalha
pois olha que com aminha móca
hei de vencer a Batalha:

*Batalharam e a certo ponto da Batalha
dizia-te Brotamontes =*

Goarim eu dizi-a-te
que em antes de mais nada
arromê-mos com a Batalha
e tomê-mos um pitada?.....

Goarim =

Senhor Brotamontes eu dizia-lhe
que em ántes de mais náda
seria melhor nós damos fim
a esta massada:
mas não havendo grande demóra
vámos la a éssa pitada?

Brotamontes =

Mas olha lá de quais queres? queres
do fino ou do grôso?

Aqui compõe Goarim e Brotamontes
este palavriado da melhor fórma para
fazer rir? *E goarim toma apitada en-
tretanto o Brotamontes lhe fôge e vai*se
esconder no cársero e goarim achando
se só começa e dizer o seguinte*

Goarim

Bem deçerto a meu ver
Ele assim arranção de fugir
Mas deixa-llo-ir que ele a de
Aparecer:

* 36 pg.

BRUTAMONTES:

As minhas chaves,
nunca as chegas a ver em teu poder,
à força desta minha cacheira
é que tu hás-de saber.

(var.:

As minhas chaves
nunca as chegas a ver nem verás,
à força desta cacheira
é que tu a experimentarás.)

*Batalham. Param e Brutamontes dá de beber ao adversário por uma cabaça
que traz à cinta. Recomeça a batalha e Guarim leva-o preso.*

A

E continua dizendo:

Mas esta partida,
sendo ella bem considerada,
como m'a soube elle fazer,
por meio d'uma pitada?..

Continua dizendo:

Não me fica bem n'em nada,
Brotamontes, ter-me fugido;
mas eu vou-o procurar;
*que elle á de sêr apparecido;
porque assim como os mais turcos
[se vencêram,
elle tambem á de ser vencido:

A este mêsmo tempo apparece BROTA-
MONTES e diz:

É de zustrustruz,
é de zástrastraz,
é de chêga chêga chêga,
mas arreda lá para traz!...

Prisão de Brotamontes:

Diz GUARIM com Brotamontes prêso:

Ora valleu-te apparecer,
e fazeres-te prisioneiro;
senão olha que te havia de fazêr,
como se faz á carne no talheiro:

Remete Brotamontes contra Guarim, e
torna a dizer segunda vêz:

BROTAMONTES:

É de zustrustruz,
é de zastrastraz,
é de chêga chega chêga,
mas arreda lá para traz!...
mas arreda lá para traz!...

* 67

B

Goarim

Mas esta partida sendo
Éla Bem considerada
Como ma soube fazer
Pêlo meio dúma Pitada

Goarim

Não me fica bem nen nada
Brotamontes me ter fugido
mas eu vou procurar que êlle
há de se fazer apparecido por que assim
Como os mais turcos se vençêrão
Êle tambem a de Ser vençido

*A este mesmo tempo appareceu Brota-
montes*

Diz Brotamontes =

E de Zústruztuz
e de Zastrástrás
É do chêga? chêga
mas arrêda la para traz?....

Goarim com Brotamontes prêzo

Goarim

Ora valeu-te apparecer
E fazer-te prezoneiro Senão
Que te havia de fazer como se faz
Á carne no talheiro?...

*Remete Brotamontes a goarim e torna
a dizer a segunda vez =*

E do Zustrustruz
e do Zastrastas
e do chêga-chêga
mas arêda lá para traz
Mas arrêda lha para traz

A

Diz GUARIM:

Mas com o teu zustruztruz
e com a tua graçóla;
andas-te andas-te,
até cair na gaióla!...

Dito isto, Guarim o leva prêso, para
receber as cerimónias do Baptismo, do
mesmo modo que receberam os mais
turcos:

E no fim de tudo isto, segue a Contra-
dança:

— Fim de todos os papeis e dizeres que
contem o Drama dos doze pares de
França —

(continuação das páginas 65 e 66)

* E canta o REI CHRISTÃO: (c)
(nota ao fundo da página 66:) * (c) as
cantigas da alinea c; só são cantadas
no fim das prisões dos turcos todos,
entendendo, no fim de todo o Drama
dos doze pares:

* Meus vallerosos vassallos,
eu dava-vos de parecer,
que não se matassem estes presos,
pois se quizeram render:

Cantam os SOLDADOS CHRIS-
TÃOS:

El-rei-meu senhor bem é,
que sejam soltos da prisão;
festejêmos a S.to Antonio,
umildes do coração:

E cantam os SOLDADOS TURCOS:

Já a Mafôma renegamos,
pois ella é mentideira;
a lei do batismo queremos,
que é firme e verdadeira:

* na página 65.

* na página 66.

* na página 65.

B

Diz Goarim esta parábola

Mas com o teu Zustruz
e com a tua graçóla?
Andastes andastes
até cair na gaióla?

*Disse isto goarim o léva prezo para o
Baptismo deste módo vão os turcos
disto feito para os seus lugáres para
dançar*

Diz rei christão

Meus valorózos vassallos
Eu dava-vos de parecer
Que não mata-se-nos estes prezos
Pois se quizeram render?

Cantam os soldados Christãos

El-rei meu senhor bem é
Que sejam soltos da prisão
Festejêmos a sinhôra
Umildes do coração

** Cantam os soldados turcos*

Já a mafôma renegamos
Pois élla e mintideira
A lei do Baptismo querêmos
Que é firme e verdadeira

* 37 pg.

Por comodidade de publicação descrevemos já a movimentação das danças, que abaixo localizamos no momento certo da representação. Os soldados estão em duas filas ao longo do estrado como nos cantos de louvor. Os chefes nos seus extremos habituais. Toca a contradança dos cristãos. Carlos Magno e Balaão avançam até ao centro. Com a mão direita levantada e unida uma à outra dão duas voltas e regressam ao seu lugar. Floripes e Oliveiros executam o mesmo movimento. Depois Ferrabrás e Guarim. O soldado cristão e o turco, que estão no extremo dos cristãos, aproximam-se e de mãos dadas dão duas voltas e trocam de posição, ficando aí a dançar. Sucessivamente todos os soldados fazem a mesma dança. Quando metade dos soldados dançaram começa a tocar a contradança dos turcos (var.: toca sempre a dos cristãos). Depois de todos os soldados terem invertido as posições, repetem simultaneamente o mesmo movimento regressando aos seus lugares. Avançam os chefes até ao centro, dão-se as mãos lateralmente, formando um círculo à volta de Floripes. Os soldados dos extremos aproximam-se e todos os soldados dão as mãos lateralmente, formando assim outro círculo exterior. O círculo dos chefes gira uma volta inteira. Desfazem-se os círculos e todos regressam aos seus lugares.

A

*(A página 68 foi transcrita logo ao princípio, depois da capa)
(Verso da contracapa:)*

Tem este livro 34 folhas, aonde se acham encerrados todos os papeis e dize-
res que contem o Drama dos dōze pa-
res de França —

Os papeis de Ferrabraz e Oliveiros,
foram copiados pela Historia do Impe-
rador Carlos Mago, e pelo Drama dos
dose pares de França — Sendo estes
dois papeis compostos pela História do
Imperador Carlos Magno, e pelo Dra-
ma dos doze pares de França —

— 1924 —

(Contracapa:)

— Fim de tudo o que se contem
n'este livro, com advertencia ao Dra-
ma dos doze pares de França —

— Está conforme —

Palme

— Ano de 1924 —

* Contra-dança — Cantam todos

Cantigas

- 1.^a Principiê-mos um baile,
Todos com muita alegria.
Fazendo todos primeiro,
Aos senhores cortezia.
- 2.^a Dêmos fim a este baile,
Queiram senhores perdoar.
Dêem-nos licença senhores,
Que agora imos dançar.

* Pagina 1.

B

*Para prencepiar a contra dâça pri-
meiro cantam estes vérsos em rôda ão
acabar de cantar ficam todos Birados
ão pôvo a fazêr cortezia e depois*

Principiê-mos um baile
Tôdos com muinta alegria
Fazendo tôdos primeiro
Âos senhores cortezia:

Dê-mos fim a este baile
Queiram senhores perdoar
Dêem nos liçença Senhores
Que agóra imos dançar.

Floripes desce ao terreiro e vai juntar-se aos turcos, que formam junto à prisão. Toca a contradança dos cristãos (var.: a dos turcos) e a formatura dos turcos com Floripes à frente dá a volta e entra pela frente do estrado. Vão ao seu extremo, dão a volta e vêm ao centro. Os soldados tomam os seus lugares e os chefes recuam por entre as filas até aos seus postos. (var.: quando sobem ao estrado começa a tocar a contradança dos turcos)

CARLOS MAGNO:

Soldados cristãos, pela direita rodar... Em frente... marcha!

BALAAO:

Soldados turcos, pela direita rodar... Em frente... marcha!

Ao toque da caixa rodam uns e outros, ficando os cristãos numa fila ao longo do palanque, do lado nascente e os turcos noutra fila frente aos cristãos, do lado poente. Os Porta-Bandeiras tomam posição a seguir ao 7.º soldado.

Enquanto entoam cada quadra das seguintes desenvolvem a movimentação que passamos a descrever. Avançam os chefes dos dois campos até se encontrarem ao centro. Recuam os chefes cristãos levando virados para si os chefes turcos, até atingirem o extremo dos cristãos. Ficam aí parados os chefes cristãos. (Até aqui cantaram todos a quadra respectiva. A partir daqui vão repeti-la.) Começam a recuar os chefes turcos enquanto as duas filas de soldados começam a segui-los virando por dentro. Quando os chefes turcos atingem o seu extremo, param. Os soldados, virando por fora, dirigem-se ao outro extremo do tablado de forma a ficarem nas posições donde tinham partido.

A primeira quadra está terminada. A segunda só difere nisto: ao chegarem ao meio são os chefes turcos que recuam ao seu extremo e os cristãos vão até lá trazendo depois consigo as filas de soldados. As quadras seguintes seguem esta mesma alternância. Cada quadra é cantada segundo o esquema: A-B-C-D-C-D-A-B-C-D-C-D.

1978:

1979:

1980:

TODOS:

Nossa Senhora das Neves,
Sois a luz de Portugal.
Já se renderam os turcos,
Vivam todos em geral.

Nossa Senhora das Neves,
Estrela de Portugal.
Já se renderam os turcos,
Vivam todos em geral.

Nossa Senhora das Neves,
Sois guia de toda a terra.
Já se renderam os turcos,
Já se acabou toda a guerra.

Nossa Senhora das Neves,
Sois guia de toda a terra.
Já se renderam os turcos,
Já se acabou toda a guerra.

Principiemos um baile,
Adeus, adeus, regalar.
Dai-nos licença, Senhores,
Agora vamos dançar.

Nossa Senhora das Neves,
Quando era o seu dia:
A cinco do mês de Agosto,
Quando a calma caía.

A

Explicação da Contra-dança

1.º Volta grande de volta — 2.º Volta grande — 3.º Mão direita ao ar — 4.º Mão esquerda no ar — 5.º Maquaqos — 6.º Braço dado estrep passado — 7.º Volta virados para fora de estrepassar —

Seguem as cantigas da mesma Contra-dança

- 1.º Dêmos fim a este baile,
E a este nosso desenfado.
Perdoem-nos meus senhores,
Se não foi do seu agrado.
- 2.º Dêmos fim a este baile,
Como Maio ás flôres.
A estes êrros tão grandes,
Perdõem-nos meus senhores.
- 3.º Dêmos fim a este baile,
Pois elle assim nos convem.
Regalem-se meus senhores,
Até ao ano que vem.

— Fim de tudo, o quanto se contém no Drama dos doze pares de França. —

* Pagina 2.

B

Contra-dança

1.^a Volta grande de vólta 2.^a Volta grande 3.^a Mão direita ao ar 4.^a Mão esquerda ao ar 5.^a Maquáqôs 6.^a Braço dado Estrep passado 7.^a Vólta virados para fóra de estrepassar

Entra-mos trez de cada lado ao meio da cantiga estamos o meio dos soldados isto é os grandes e depois o soldados

Dê-mos fim a este baile
E a este nosso dezenfado
Perdõem-nos meus Senhores
Se não foi do seu agrado

Dê-mos fim a este baile
Como maio as flôres
A estes êrros tam grandes
Perdõem-nos meus sinhôres

Dê-mos fim a este baile
Pois elle asim nos cómvem
Regalem-se meus Senhores
Até ao áno que vêm:

Fim de tudo

[na contracapa—seria a página 38—está escrito:]

Manuel Antonio de Souza e Sá

Nossa Senhora das Neves,	Principiemos um baile,	Principiemos um baile,
Quando era o seu dia:	Adeus, adeus, regalar.	Adeus, adeus, regalar.
A cinco do mês de Agosto,	Dai-nos licença, Senhores,	Dai-nos licença, Senhores,
Quando a calma caía.	Agora vamos dançar.	Agora vamos dançar.

Executam agora as danças descritas. No fim das danças, cantam de novo.

Dêmos fim a este baile,	Nossa Senhora das Neves,	Dêmos fim a este baile,
Pois ele assim nos convém;	Quando era o seu dia:	Pois ele assim nos convém;
Regalem-se, meus senhores,	A cinco do mês de Agosto,	Regalem-se, meus Senhores,
Até ao ano que vem.	Quando a calma caía.	Até ao ano que vem.

CARLOS MAGNO:

Soldados cristãos, pela direita rodar... Em frente... marcha!

BALÃO:

Soldados turcos, pela direita rodar... Em frente... marcha!

Toca a caixa e os soldados encaminham-se cada grupo para o seu campo, como antes dos cantos.

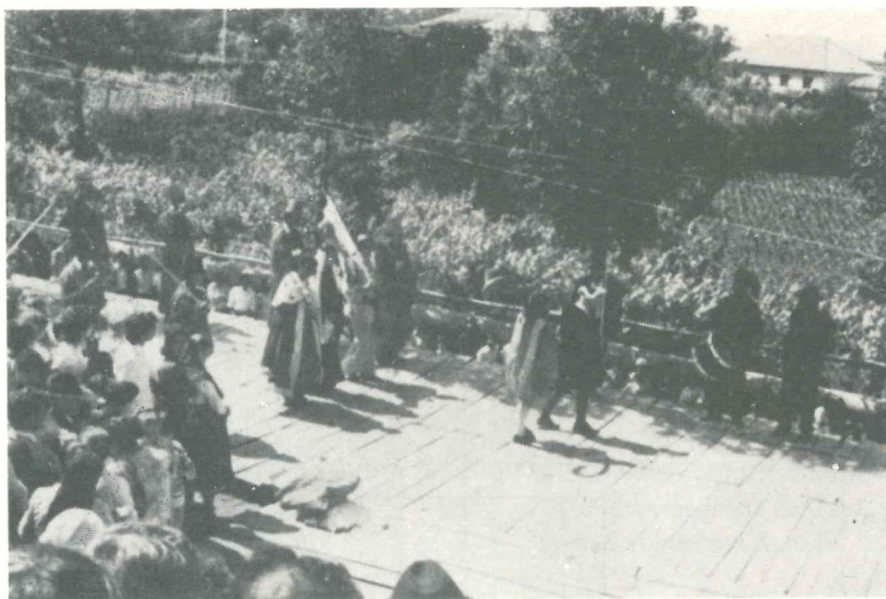
Avançam os chefes cristãos até à frente dos seus soldados.

CARLOS MAGNO:

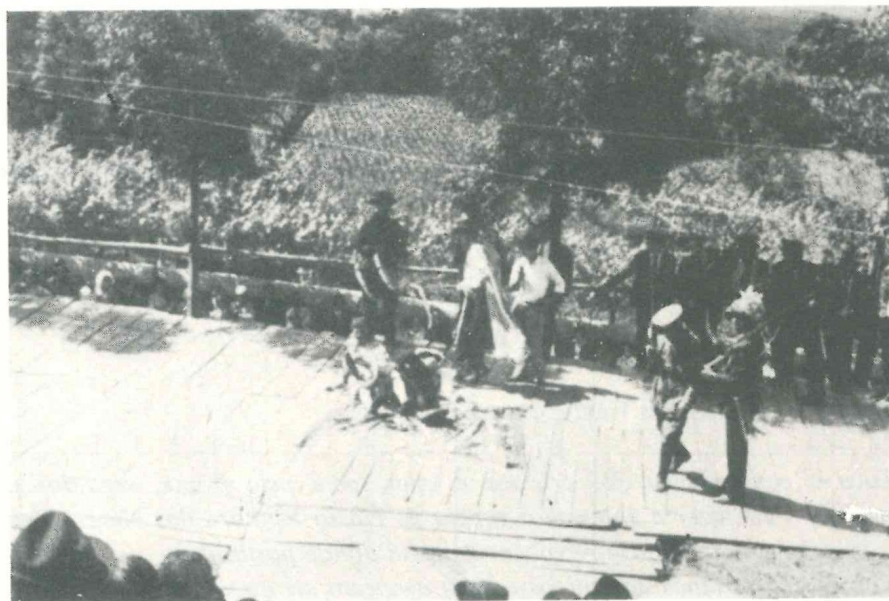
Soldados cristãos, em frente... marcha!

Toca a contradança dos cristãos e estes saem pela frente, seguidos pela filarmónica. Vão fazer a romaria à capela de Nossa Senhora das Neves. Depois de darem uma volta à capela recolhem ao local donde partiram.

Toca a contradança dos turcos e estes avançam até ao extremo do palanque, voltam ao seu campo e vêm de novo ao centro, saindo pelo fundo. Floripes vai entre Balaão e Ferrabrás. A filarmónica segue a formatura dos turcos. Vão como os cristãos fazer a sua romaria, posto o que recolhem ao local de partida. E assim termina o Auto.



Drama dos Doze Pares. Da esquerda para a direita: os soldados turcos; Rei Turco, Floripes, Porta-Bandeira, Brutamontes, Ferrabrás, tocador do tambor; junto à entrada do palanque a roupa que será estendida para Ferrabrás se deitar. Foto de 1977.



Drama dos Doze Pares. Brutamontes e Ferrabrás deitados; por detrás, o tocador do tambor, Oliveiros e o rapaz do microfone; em 1.º plano Guarim e Roldão, ao fundo alguns músicos da banda. Foto de 1977.

III. MÚSICAS

Esboço de análise musicológica comparativa

Por J. ALVES BARBOSA

Na preparação deste artigo pedi várias vezes a colaboração em assuntos musicais de Manuel Faria e de Alves Barbosa, que amigavelmente me prestaram. Fruto dessa colaboração que agradeço e sobretudo das intuições de A. Barbosa surgiu este apontamento que a seguir transcrevo.

A partir da infracitada afirmação de Rebelo Bonito (ver n.º 11) sobre a relação entre a melodia do Auto da Floripes e a canção *Innsbruck, ich muss dich lassen*, de H. Isaak, uma série de conclusões se nos afigurou tirar da comparação das referidas melodias. Em primeiro lugar temos duas versões da canção de

O tempo decorrido desde a redacção deste estudo (fins de 1980) até à sua publicação obriga-me a um anotamento necessariamente alongado de três significativas ocorrências.

A primeira foi a publicação do *Cancioneiro Popular Português*, de M. Giacommeti e F. Lopes Graça (Círculo de Leitores, 1981, pg. 242-243) e da *cassete* com uma selecção de melodias. O *Auto da Floripes* aparece nas duas edições através do *solo* de Ferrabrás «Eu cá vou para a batalha». Da letra desta melodia, dizem os autores, «não encontramos vestígio no auto recolhido da tradição oral por Leandro Quintas Neves» (pg. 328).

A segunda foi a publicação do texto e descrição do «Drama dos Doze Pares» de Palme, em *Barcellos-Revista*, (1, 1982, pp. 113-168), da autoria de Domingos Maciel.

A terceira — e mais importante — foi a representação do *Drama dos Doze Pares* na festa à Senhora dos Remédios, no lugar de Brirões, nos dias 21-8-1983 e 16-8-1984. Um elemento em especial aqui intentamos registar: a movimentação final do Auto, durante as danças e os cantos de louvor. Os comediantes, sem armas, estão dispostos em duas filas ao longo do estrado, turcos do nascente, cristãos do poente, frente-a-frente. O Anjo não participa nas danças, que são comandadas pelo assobiar do Rei Turco. Toca a banda de música a mesma contradança que se ouve nas Neves do lado dos cristãos e os quatro chefes de cada campo avançam, a partir dos lugares habituais (a norte os turcos, a sul os cristãos), levando a mão esquerda levantada, com a palma para a frente. Chegam ao centro e tocam com a mão no par oposto. Todos recuam depois aos mesmos lugares donde partiram. Iniciam os soldados movimentação semelhante. Avançam todos em linha até ao centro, dão a mão ao par oposto e recuam ao seu lugar. Voltam a avançar os chefes, desta vez com as duas mãos levantadas, cruzam-se, dando as mãos ao par oposto e avança cada grupo até ao extremo oposto do tablado. Repetem os soldados a mesma movimentação indo parar ao lado contrário do tablado. Durante os cantos de louvor a movimentação é idêntica, terminando tudo nas posições iniciais.

Isaak (10 e 11), das quais oferece maior certeza a segunda pois foi extraída de um arranjo para voz solista. A relação que encontramos é muito remota. Entre 11 e 12a há uma relação de melodia que não pode levar a concluir influência já que 12a tem a cadência em *Lá*, ao passo que 11 tem-na em *Si*, aparecendo a relação *Ré-Dó-Lá* adiante. Há uma remota relação entre 12a e o fragmento assinalado pela chaveta em 10. No entanto onde está na melodia 12b a influência do *Fá sustenido* que encontramos em 11? Como justificar a cadência característica (rimance) de 12b e 12d que aparece também em 13, 14 e 15? Isto dá a estas melodias um tom mais 'arcaico' que a de Isaak.

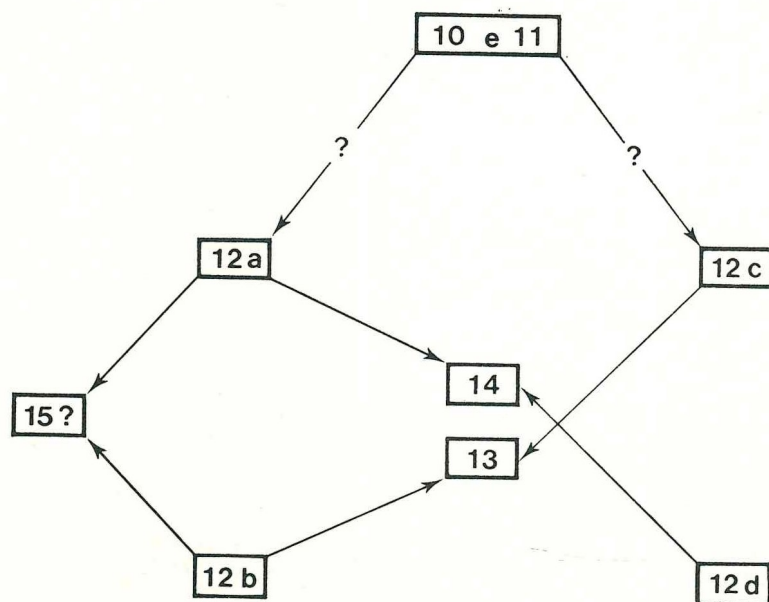
Tomando como base a melodia 12, algumas ideias nos sugere a sua relação com 13, 14 e 15. Antes de mais parece que, dado o carácter típico deste género musical, em que os cantores repetem sempre no 3.º e 4.º verso a melodia cantada no 1.º e 2.º, como podemos verificar nas transcrições 13, 14 e 15, e pelas gravações que possuímos destes autos, 12 não é algo de unitário, mas a junção de duas melodias diferentes (12ab e 12cd), baseadas na mesma fonte. Pondo de parte 15, que nos parece posterior devido à sua complexidade rítmica e melódica, ficamos com 12, 13 e 14.

Tomemos 12a e juntemos-lhe 12d e encontramos 14, que é a melodia do Auto de Santo António. Tomemos 12c e juntemos-lhe 12b e dar-nos-á a melodia 13, do Auto da Floripes. Assim por uma leitura quiástica de 12 encontramos 13 e 14. A ligeira diferença que existe no segundo compasso de 14a e no terceiro de 13b derivará da tendência ao portamento, característica da entoação popular (aliás um dos três actores que a canta não faz essa descida, enquanto os outros dois a fazem, isto no caso 14a). O mesmo se diga entre 13a e 12c. Por isso somos levados a concluir ser 12 a melodia primitiva, ou pelo menos o ponto de partida de 13 e 14 e *a fortiori* de 15, mas sendo ela ao mesmo tempo a junção de duas melodias anteriores: 12ab e 12cd, que como tais não encontramos individualizadas em nenhuma transcrição ou execução. Poder-se-á compreender estas derivações pela proximidade dos locais onde se cantavam as melodias do Auto da Floripes 12, 13 e 15 e a do Auto de Santo António, 14.

Mas, ainda quanto a 12ab e 12cd. Não terá Q. Neves captado uma mistura ou confusão, feita pelos cantores, entre as melodias? Contra a possibilidade de 12 ser a fusão quiástica, por confusão dos cantores, de 13 e 14 temos o facto apontado de estas serem mais desenvolvidas (portanto não podem ser fonte). É deveras curiosa a relação apontada acima, mas não vemos como se possa ter originado esta evolução de uma maneira estruturalmente tão exacta.

Fica assim de pé a questão de saber se 12ab e 12cd são de facto duas melodias originalmente independentes e onde encontrá-las. Se se encontrar uma delas ficará resolvido o problema todo. A única hipótese, entretanto, seria a ligeira relação entre 12ab e 15 que são as únicas que integralmente se relacionam.

Proporíamos então o seguinte esquema:



Seguem-se as transcrições das melodias usadas nestes autos e noutros similares. Em razão das afirmações de Rebelo Bonito, segundo as quais a Loa do Auto da Flo-ripes teria a sua origem na canção Innsbruck de H. Isaak (e também dois motivos de rimance minhotos teriam a mesma origem), quisemos alargar a nossa pesquisa a estes temas.

1. Auto de Santo António

Eu sou o nobre al-mo-cre-ve
Trago os meus oi- - to mo-ços

le - vo vi-da mui can - sa - - da.
com os machos nas es - tra - - das.

Auto de Santo António. Melodia dos cristãos. Transcrição de M. Faria.

2. Auto de Santo António

Vi - mos a es-te ter -
Vi - mos trar ao al - mo -

rei - no vimos com toda a va - len - ti - a
cre - ve que so - mos lá da Tur - qui - a

Auto de Santo António. Melodia dos turcos. Transcrição de M. Faria.

3. Auto de Santo António

Prin-ci - - pi-emos um bai-le
Va-mos to-dos com aumen-to

prin-ci - - pi-e - mos um bai-le de re - pente sem ces -
vamos todos com au - mento Sant'An - tónio fes - te -

sar (e) de re - - pente sem ces - sar (e)
jar (e) Sant'An - tónio fes - te - jar (e)

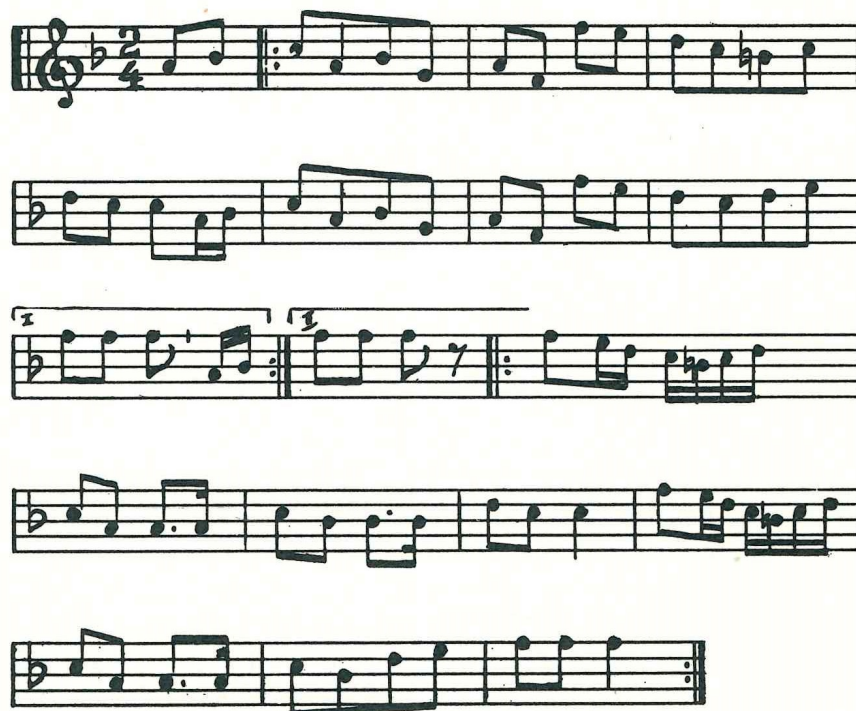
Auto de Santo António. Melodia do Baile. Transcrição de M. Faria.

4. Auto de Santo António



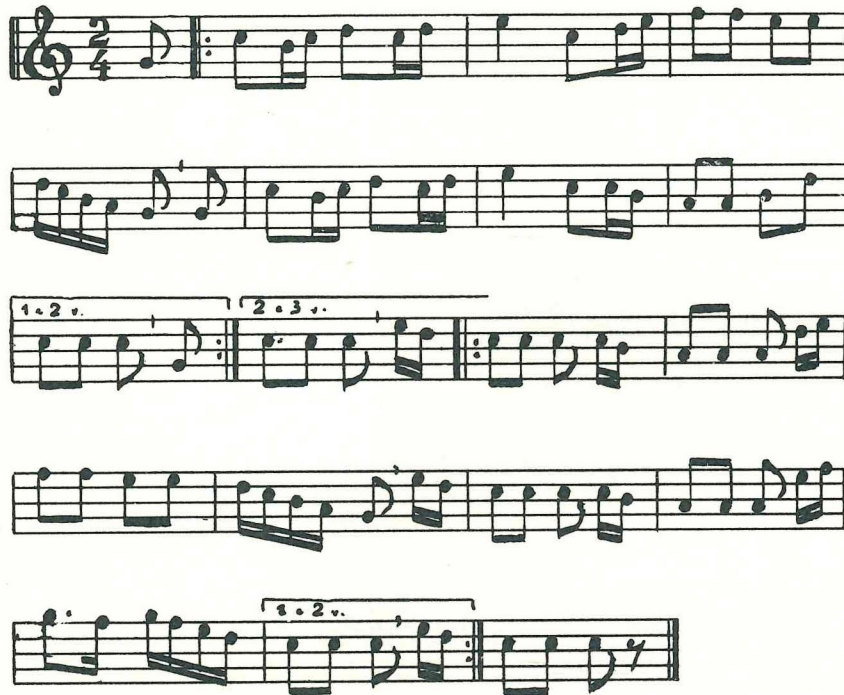
Auto de Santo António. Contradança. Transcrição de M. Faria.

5. Auto da Floripes



Auto da Floripes. Contradança que acompanha a entrada dos cristãos. Publicada por L. Q. Neves.

6. Auto da Floripes



Auto da Floripes. Contradança que acompanha a entrada dos turcos. Publicada por L. Q. Neves.

7. Auto da Floripes



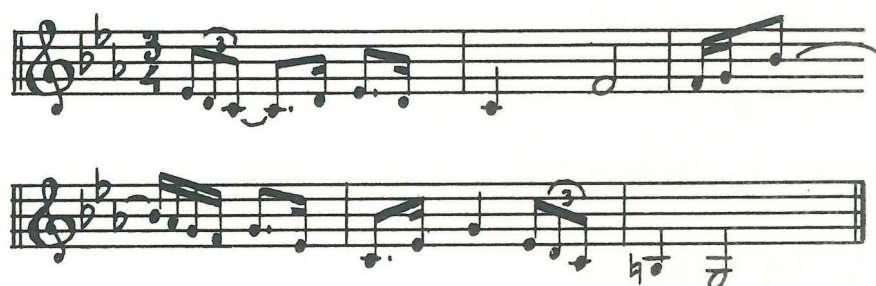
Auto da Floripes. Contradança. Publicada por R. Gallop.

8. Motivo de Rimance



Motivo de Rimance de Baúlhe (Minho), publicado por A. Guimarães e segundo ele filiado na «alta idade média no grupo das canções cavaleirescas-religiosas... que dos serões solarengos passaram, ao tempo, à baixa usança popular».

9. Motivo de Rimance



Motivo de Rimance de Vila Verde (Minho), publicado por A. Guimarães.

10. Innsbruck

The musical score for 'Innsbruck' is written on six staves in G major (one sharp) and common time. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a common time signature (C). The melody starts with a half rest, followed by a half note G4, a quarter note A4, a half note B4, a quarter note C5, a half note B4, a quarter note A4, a half note G4, and a quarter rest. The second staff continues the melody with a half note F#4, a quarter note G4, a half note A4, a quarter note B4, a half note C5, a quarter note B4, a half note A4, a quarter note G4, and a quarter rest. The third staff continues with a half note F#4, a quarter note G4, a half note A4, a quarter note B4, a half note C5, a quarter note B4, a half note A4, a quarter note G4, and a quarter rest. The fourth staff continues with a half note F#4, a quarter note G4, a half note A4, a quarter note B4, a half note C5, a quarter note B4, a half note A4, a quarter note G4, and a quarter rest. The fifth staff continues with a half note F#4, a quarter note G4, a half note A4, a quarter note B4, a half note C5, a quarter note B4, a half note A4, a quarter note G4, and a quarter rest. The sixth staff continues with a half note F#4, a quarter note G4, a half note A4, a quarter note B4, a half note C5, a quarter note B4, a half note A4, a quarter note G4, and a quarter rest.

Inns-bruck ich muß dich las-sen ...

Innsbruck, canção polifônica de H. Isaak (1450-1517). Transcrição da primeira voz da versão polifônica a 3 vozes masculinas.

11. Innsbruck

The musical score is written for a soprano voice and an instrumental accompaniment. It consists of seven staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. The melody is written on a single staff with a long slur over the first six measures. The lyrics "Inns-bruck, ich muß dich las-" are written below the first staff. The second staff continues the melody with the lyrics "sen...". The third staff continues the melody with a long slur over the first six measures. The fourth staff continues the melody with a long slur over the first six measures. The fifth staff continues the melody with a long slur over the first six measures. The sixth staff continues the melody with a long slur over the first six measures. The seventh staff continues the melody with a long slur over the first six measures.

Innsbruck, canção polifónica de H. Isaak (1450-1517). Transcrição do solo de soprano da versão a uma voz acompanhada a instrumental.

12. Auto da Floripes



Auto da Floripes. Loá. Publicada por Leandro Quintas Neves.

13. Auto da Floripes



Auto da Floripes. Primeira variante da Loá publicada por R. Gallop.

14. Auto de St.º António



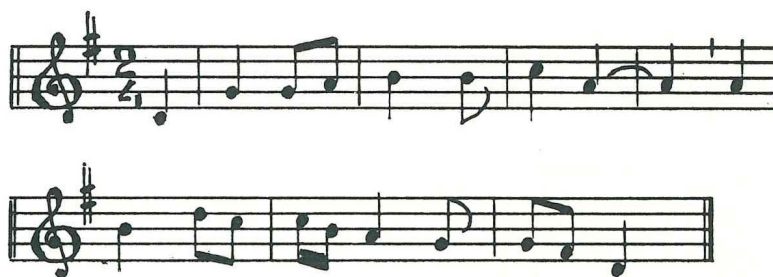
Auto de Santo António. Melodia dos turcos transposta para Sol.

15. Auto da Floripes



Auto da Floripes. Segunda variante da Loa publicada por R. Gallop.

16. Auto da Floripes



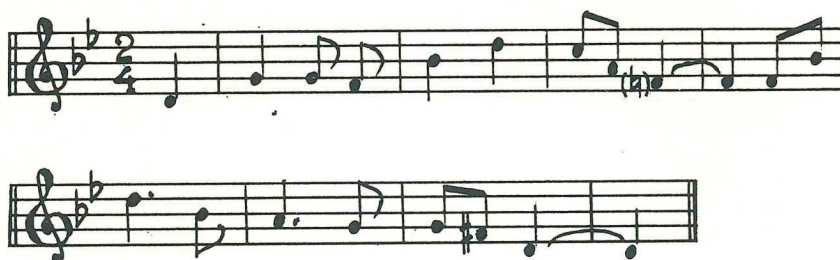
Auto da Floripes. Melodia cantada durante todo o auto. Transcrição, a partir da gravação de 1979, de J. Alves Barbosa.

17. Auto da Floripes



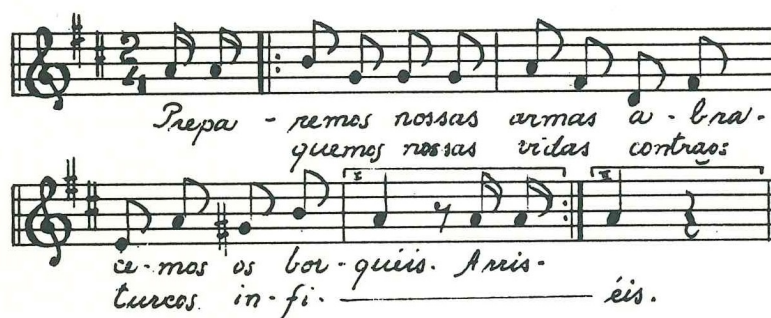
Auto da Floripes. Melodia cantada por Ferrabrás. Transcrição, a partir da gravação de 1979, de J. Alves Barbosa.

18. Drama dos Doze Pares de França



Drama dos Doze Pares de França, de Palme. Melodia cantada durante todo o auto. Recolha efectuada em Palme em 1980. Transcrição de J. Alves Barbosa.

19. Auto dos Turcos de Crasto



Auto dos Turcos de Crasto. Melodia da marcha de entrada. Recolhida em 1980 na Ribeira, cantada por João Costa. Transcrição de M. Faria.

20. Auto da Floripes

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7. *Lento.*

8. *Vivo*

9.

10.

11.

Auto da Floripes. Ritmos do Tambor. Recolhidos a partir da gravação de 1978 e 1979. Transcrição de J. Alves Barbosa. 1. Ataque de Oliveiros a Ferrabrás; 2. Ataque de Oliveiros a Ferrabrás; 3. Batalha de Oliveiros e Ferrabrás; 4. Marcha ao ser levado Ferrabrás para o campo cristão; 5. Batalha dos turcos com Oliveiros, batalha final; 6. Marcha dos turcos na batalha com Oliveiros, marcha dos embaixadores que vão buscar Ferrabrás, marcha dos embaixadores cristãos e turcos, marcha dos soldados na batalha final; 7. Quando Oliveiros está preso — no intervalo de cada fala, marcha dos embaixadores que vão buscar Ferrabrás; 8. Marcha dos embaixadores cristãos e turcos, marcha dos soldados; 9. Durante os combates da batalha final; 11. Regresso aos lugares depois das danças finais.

21. Auto de St.º António

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.
- 11.
- 12.
- 13.
- 14.

Auto de Santo António. Ritmos do tambor. Transcrição de J. Alves Barbosa. 1. Entrada dos turcos, ataque dos vassalos, marcha dos soldados na batalha; 2. Entrada dos arredas (mascarados), entrada do doutor; 3. Entrada dos turcos, marcha dos soldados na batalha; 4. Ataque dos vassalos; 5. Ataque dos vassalos; 6. Trocas entre os dois pares da frente no ataque dos vassalos; 7. Trocas entre os dois pares da frente no ataque dos vassalos; 8. Batalha entre os chefes; 9. Batalha entre os chefes; 10. Batalha entre os chefes; 11. Durante o «quadrado» na batalha; 12. Fase das mortes e de luta dos chefes; 13. No momento das mortes; 14. Desafio do Turco ao Almocreve e vice-versa.

	10.
Noldão e Oliveira e a estabilidade dos seus corpos:	FF 14.
oh. 12.	Com muita confiança de poder fiar em mim pois nunca no meu coração houve nenhuma tração
Oliveira e da minha grandeza nem mais nem menos Noldão tenguento a corpo é um pouco menor mas em valor é pior não é em todo mundo:	oh. 15.
F.F. 12	Tenho não me tornar a falar mais que te hei de levar morto até virar a Carlos Magno:

O cimo da página 10 do manuscrito B (Manuel Sá) do Drama dos Doze Pares.



Auto da Floripes no cortejo etnográfico das Neves. Floripes e Balaão; Brutamontes por cima. Foto de 1980.



Drama dos Doze Pares. Oliveiros à frente; Rei cristão do lado direito, seguido dos soldados cristãos e dos turcos; do lado contrário os primeiros soldados cristãos. Foto de 1977.



Drama dos Doze Pares. O Rei cristão no primeiro plano. Atrás Roldão; do outro lado os soldados cristãos; atrás ao centro o Anjo e o Porta-Bandeira turco, depois uma fila de soldados turcos. Foto de 1977.

BIBLIOGRAFIA

A publicação do meu artigo «Bibliografia e inventário do teatro popular do ciclo guerreiro», em *Cadernos Vianenses*, tomo IV, (1980, pg. 59-74), dispensa-me de repetir aqui a bibliografia exaustiva do Auto da Floripes. Alguns aditamentos bibliográficos acabam de sair no último tomo do *Arquivo do Alto Minho*, no meu estudo *Auto de Santo António — II História e Comentário*, (27, 1982, pp. 115-175). Apenas assinalo com um asterisco aquela bibliografia que só me surgiu depois da publicação do primeiro artigo e selecciono da restante a mais significativa.

Sobre outros autos

- * M. V. DINIS, «A dança dos pedreiros. Paços de Ferreira», em *Douro Litoral*, 4.^a série, 9, 1952, pp.71-79.
- * J. R. CUNHA, «Atrás de um mouro corre sempre um bugio», em *Espaço T Magazine*, n.º 1, Julho de 1980.
- * J. ANSELMO, «Costumes religiosos populares—os antigos autos e procissões», em *A Terra Portuguesa*, 2, 1916, pp. 152-154.
- * J. L. DIAS, «Etnografia da Beira. Teatro Popular. A Descoberta da Moura», em *Revista Ocidente*, 42, 1952, pp. 193-200.
- J. R. DE ARAÚJO, «Auto dos turcos de Crasto», em *Cardeal Saraiva*, n.ºs 2405-2428, (1971).
- M. GUERRA, «Novo manuscrito dos Turcos de Crasto», em *Arquivo de Ponte de Lima*, 1, 1980, pp.52-70.
- M. GUERRA, «Auto de Santo António. I — Vitória dos cristãos-conversão dos turcos», em *Cenáculo*, 19, 1979-1980, pp. 8-47.
- A. M. GUERREIRO, «Comédia dos doze pares de França», em *Revista de Etnografia*, 16, 1972, pp. 137-160, 367-390.
- T. RIBAS, «Teatro popular e danças dramáticas de S. Tomé e Príncipe», em *Observador*, n.º 8, Abril de 1971. (*sobre o Auto da Floripes em S. Tomé e Príncipe*).

Sobre o Auto da Floripes

- LEANDRO QUINTAS NEVES, «Auto da Floripes», em *Vértice*, n.º 103, 12, 1952, pp. 23-43. (este texto foi também publicado em separata e na compilação de A. ABELHO, *Teatro Popular Português*, III, Ed. Pax, Braga, 1970, pp. 19-53).
- LEANDRO QUINTAS NEVES, *Auto da Floripes*, Ed. da Comissão de Festas das Neves, 1963.
- * NICOLAO DE PIAMONTE, *Historia del emperador Carlomagno, y de los Doze Pares de Francia, y de la batalla que tuuo Oliueiros con Fierabras, Rey de Alexandria*, Sevilha, 1634, 38 fl.
- NICOLAO PIEMONTE, *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, adaptação de Salvador Saboya, Livraria Civilização, Porto, 1940. (título de capa: *Carlos Magno e os Doze Pares de França*).
- J. A. R., *História Nova do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, Porto, 1788, 24 pg.
- ANÓNIMO, *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, Biblioteca para o Povo, N.º 14, Porto, 1875.
- BALTAZAR DIAS, *Tragédia do Marquês de Mântua e do Imperador Carlos Magno*, Porto, 1790, 23 pg.
- C. BASTO, «Falas e tradições de Viana do Castelo», em *Revista Lusitana*, 15, 1910, pp. 93-101.
- C. BASTO, *Silva Etnográfica*, Ed. Maranaus, Porto, 1939.
- R. GALLOP, *Portugal a Book of Folk-Ways*, Ed. University Press, Cambridge, 1936, pp. 176-179.
- * Fotografia do Grupo da Floripes», em *Arquivo de Viana do Castelo*, 1, 1934, p. 314.
- L. CHAVES, «Um auto carolíngio», em *Arquivo do Alto Minho*, 3, 1950, pp. 29 ss.
- WILTON FONSECA e EDUARDO GAGEIRO, «Auto da Floripes», em *O Século Ilustrado*, 18/8/1972.
- * L. Q. NEVES, «Elementos para um dicionário», s. v. «Auto da Floripes», em *Arquivo do Alto Minho*, 20, 1976, pp. 12-13. (a foto que apresenta está trocada com a da página seguinte).
- * M. COSTA PEREIRA, «As Festas das Neves e o Auto da Floripes», em *Aurora do Lima*, 3/8/1977.

Sobre as músicas

- A. GUIMARÃES, «Dois motivos de rimance», em *A Terra Portuguesa*, 2, 1916, pp. 147-148.
- R. BONITO, *Chulas, Charambas e Desgarradas*, Imprensa Portuguesa, Porto, 1959, pp. 29-35.
- R. GALLOP, *Cantares do Povo Português*, Ed. do Instituto para a Alta Cultura, 1937, pp. 125-127.
- HEINRICH ISAAK, «Innsbruck, ich muss», em *Ars Musica ein musikwerk fur höhere schulen*, vol. V, Möseller Verlag Wolfenbüttel, 1967, pp. 30-31.
- * JACQUES PORTO, *Encyclopédie des Musiques Sacrées*, (artigo de E. Weber), Ed. Labergerie, vol. II, Paris, 1968, pp. 351, 369-370. (harmonizações e adaptações da canção de H. Isaak).
- F. L. GRAÇA, *A Canção Popular Portuguesa*, Ed. Europa-América, pp. 76-98.
- M. FARIA, «O arcaísmo no canto popular minhoto», em *Bracara Augusta*, 2, 1950, pp. 155-163.

biblioteca
municipal
barcelos



13587

Auto da Floripes nas Neves e
em Palme